

PAULO AFONSO CARUSO RONCA

Este exemplar corresponde à edição
final da Tese defendida por
Paulo Afonso Caruso Ronca e
aprovada pela Comissão julgadora
em 24 de Setembro de 1985
Jole Mártins
Setembro 24, 1985

CON - VIVENDO - COM - A - MACONHA

Universidade Estadual de Campinas

Faculdade de Educação

1 9 8 5

PAULO AFONSO CARUSO RONCA

CON - VIVENDO - COM - A - MACONHA

Tese a ser apresentada como exigência parcial para obtenção do grau de *Doutor em Psicologia da Educação*, à Comissão Julgadora da Universidade Estadual de Campinas, sob a orientação do Prof. Dr. Joel Martins.

Universidade Estadual de Campinas

Faculdade de Educação

1 9 8 5

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
BIBLIOTECA

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL

Comissão Julgadora

Amintunfer Zet

Aljaid de Paiva

Spur Martins

Serafim

Thiesfeld

muito obrigado :

Ao Prof. Dr. Joel Martins, que me orientou neste trabalho. Pessoa que tão profundamente encarnou o que Heidegger denominou "solicitude".

As pessoas que deixaram nesta tese o seu depoimento sobre a con-vivência-com-a-maconha. Sem isto eu não poderia ter trabalhado.

À Maria Cristina Camargo Fleury Grossi, amiga e companheira de trabalho, com quem muito discuti as interpretações dos discursos.

À Lais Helena Teixeira de Salles Freire, amiga, que corrigiu os erros de português que cometi.

À Ana Maria, mulher, e Fernanda, Ricardo, Marcela e Roberta, filhos, que souberam me esperar pela vida.

Para
Elis Regina

Viveu a morte,
em um acidente.

R E S U M O

Esta tese de doutorado tem como objetivo analisar o fenômeno con-vivência-com-a-maconha.

No primeiro capítulo apresento a revisão bibliográfica: exponho as pichações de muros que arquivo há anos, analiso as ilustrações das capas de livros e os seus títulos, estudo conceitos e interpretações, e, enfim, mostro que a maconha é cercada por inúmeras hipóteses e incertezas. Termino ao examinar treze sérias contradições observadas na leitura dos autores pesquisados. Assim, já se pode perceber com relativa clareza que o título dado a este capítulo "uma realidade confusa" não é nada exagerado. Pelo contrário, realidade conflitante e contraditória é encoberta por ideologias e interesses colidentes.

Por estes e por outros motivos estudados durante a análise da revisão bibliográfica, vejo que é alimentado na sociedade um clima de repúdio e aversão ao uso da maconha, o que em nada favorece o des-velamento do fenômeno. A partir disto, mostro e comento, no terceiro capítulo, aspectos que têm impedido uma reflexão mais profunda e segura, a saber: "a melhor defesa é o ataque", "a repressão versus a possível propagação" e "a clandestinidade".

No quarto capítulo vou "Em busca do fenômeno". Apresento vinte e sete discursos de pessoas que con-vivem-com-a-maconha, além de analisar profundamente a situação em que foram escritos.

Na busca da **compreensão** de tais pessoas coloco-me diante da continuidade da tarefa hermenêutica a que me proponho: pude, então, apreender oito categorias comuns nos relatos, e apresentá-las ao leitor em um quadro completado pelas citações encontradas nas narrações.

Estas categorias levantadas transformam-se em caminho seguro para a Interpretação Fenomenológica que, a seguir, faço dos discursos.

Vejo, pois, este trabalho, como uma colaboração que evidencia a importância da Fenomenologia, que, como ciência do rigor, foi a via pela qual pude analisar o problema condutor do meu estudo: o que significa con-viver-com-a-maconha ?

" Nōs somos as entidades a serem analisadas. O Ser de qualquer uma delas ē prōprio dela mesmo. O Ser - ai (Dasein) ē em cada caso meu; 'eu' o sou; cada ser humano tem suas características prōprias".

(M. Heidegger, in :
O Ser e o Tempo.)

Índice

" CON-VIVENDO-COM-A-MACONHA "

Página

CAPÍTULO I

A MACONHA: UMA REALIDADE CONFUSA	11
1. As Pichações de Muro	11
2. As Ilustrações das Capas de Livros	13
3. Os Títulos	14
4. As Estatísticas	15
5. Os Conceitos	16
6. As Interpretações	18
7. Hipóteses e Incertezas	20
8. As Contradições	25
8.1. Na Análise Global da "Cannabis" ...	26
8.2.* Sobre os Efeitos da Maconha no que Diz Respeito ao Aspecto Motivacional no Indivíduo	28
8.3. Sobre os Efeitos da "Cannabis" na Fertilidade Humana	29
8.4. Sobre os Efeitos da "Cannabis" no que Diz Respeito à Atrofia Central..	32
8.5. Sobre os Efeitos da "Cannabis" no To cante a Dependência Física	34
8.6. Sobre os Efeitos da "Cannabis" na Dependência Psíquica	36
8.7. Sobre os Efeitos da Maconha no Desem penho do Indivíduo	37
8.8. Sobre os Efeitos da "Cannabis" na Corrente Sangüínea	39
8.9. Sobre os Efeitos da Maconha como Agen te Estimulante para Outras Drogas ..	40
8.10. Sobre os Efeitos da "Cannabis" no De sempenho Sexual do Indivíduo	41

Índice - cont. fl. 2

	Página
8.11. Sobre os Efeitos da "Cannabis" como Desencadeadora da Ação Violenta e Agressora no Indivíduo	45
8.12. No que Diz Respeito à "Família Desuni da" como Causa de Jovens Fumarem Maco nha	48
8.13. No que Diz Respeito às Causas que le- vam o Indivíduo à Droga	51
9. Análise do Estudo Bibliográfico	53
CAPÍTULO II	
JUSTIFICATIVA, PROPOSIÇÃO DO PROBLEMA, METODOLOGIA	66
1. Necessidade de Pesquisas	66
2. O Problema	68
3. A Metodologia	69
CAPÍTULO III	
O OCULTAMENTO DO FENÔMENO	73
1. A Melhor Defesa é o Ataque	73
2. A Repressão Versus a Possível Propagação ..	81
3. A Clandestinidade	90
CAPÍTULO IV	
EM BUSCA DO FENÔMENO	103
1. O Caminho da Escola	103
2. O Aconselhamento	108
3. Os Discursos	114
4. Hermenêutica	142
4.1. O Léxico	142
4.2. A Semântica	144
4.3. As Categorias	153
4.4. A Interpretação	158
CAPÍTULO V	
SÍNTESE CONCLUSIVA	193
BIBLIOGRAFIA	196

CAPÍTULO I

A MACONHA : UMA REALIDADE CONFUSA

Antes de apresentar o estudo da bibliografia lida e pesquisada faz-se necessário uma reflexão sobre outros tipos de linguagem que apresentam comentários e conceitos sobre a maconha.

1. AS PICHACOES DE MURO

Como a fenomenologia se interessa de maneira singular pela linguagem, é importante analisar e atribuir significado à expressão popular encontrada nas "pichações de muro" pois elas refletem muito do pensamento das pessoas que as escrevem. São frases curtas, rápidas, às vezes escritas até sem verbo. Assistemáticas, de teor espontâneo, elas aparecem em todo o instante e lugar, ora manifestando uma verdade, ora expressando uma vontade. Geralmente escritas por jovens, é possível que, muitas vezes, imprimam caráter de "propaganda": sem o intuito de vender um produto, têm o objetivo de vender uma idéia.

Evidentemente, o que me interessa é o estudo do seu conteúdo. Há anos anoto estas frases-pichações que, agora, são apresentadas ao leitor:

- Maconha: ame-a ou deixe-a... para mim
(1979 - Bairro da Aclimação)
- Amor = maconha
Ódio = repressão
(1980 - Caminho da Faculdade São Marcos)

- Maconha: liberação da porra pela cabeça
(1980 - Rua Oscar Freire - Jardim Paulista)
- Pela liberação da maconha
(1980 - Rua Rio de Janeiro - Higienópolis)
- Abaixo as teorias: Viva a maconha
(1981 - Rua Silva Bueno - Ipiranga)
- Fumar cannabis é como sair da vagina da mãe
(1981 - Esquina Maria Figueiredo com Paulista)
- Não sou maconheiro mas adoro fazer uma viagem
(1982 - Av. Higienópolis)
- Polícia = Fábrica da maconha
(1982 - Perto da Delegacia da Rua Tutóia)
- Jesus Cristo fumava maconha
(1983 - No muro de um colégio católico)
- Hóstia e maconha = viagens
(1983 - idem)
- Antes sō acompanhado de maconha
(1983 - Rua Fortunato - Lapa)
- Viaje Vasp - Viaje Maconha
(1983 - Perto do Aeroporto)
- Maconha coisa do demônio
(1984 - Moema)
- Benô vou te matar. Quero minha maconha
(1984 - Perto da Faculdade de Moema)

- Maconha orgasmo sem sexo
(1984 - Perto da Faculdade de Moema)
- Maconha — já
(1984 - Rua Manoel da Nóbrega, perto da Assembléia)
- As drogas matam
(pára-choque de um caminhão, BR-116, 1985)
- Shalom maconha
(1985 - Rua Bela Cintra)

Este é o primeiro dado que mostra ao leitor um tema polêmico, controvertido: há os que a consideram como coisa do demônio, há aqueles que defendem sua liberação e há outros ainda que fazem analogia com a transcendência das religiões. Esta multiplicidade de opiniões será observada neste estudo que trata do assunto.

Sempre que entro em uma livraria há algo novo: padres e pastores, psicólogos e psiquiatras, policiais e médicos, todos estão unidos em idéias, livros e artigos para analisar o fato. O pano de fundo é sempre o mesmo: uma grande preocupação, um medo das conseqüências, um dramático apelo à juventude, acrescidos da tentativa de busca das causas que levam o jovem a fumar maconha.

2. AS ILUSTRAÇÕES DAS CAPAS DE LIVROS

Ao ler a bibliografia que aborda o tema encontro, em diferentes autores, alguns pontos em comum.

O primeiro deles está expresso nas ilustrações das

capas dos livros, que já exprimem por si os sentimentos dos autores diante da maconha.

Pintadas com cores escuras ou fortes, várias delas apresentam a foto de um jovem de cabeça baixa, de costas ou de lado, ou agachado, como estando em delírio, num ambiente sombreado e fechado. As fotos das pessoas são chamuscadas, enevoadas e, quando não, apresentam uma faixa colorida ou preta vedando os olhos. Quando desenhados, os corpos são distorcidos, músculos, semblantes e perfis alterados, insinuando mistério e depressão, solidão e medo.

Ao mostrar pessoas em lugares tenebrosos, objetos e coisas sem definição clara e lugares esfumaçados, as ilustrações das capas também sugerem obscurantismo, desagregação ou algo inatingível e indecifrável.

Com a finalidade de produzir medo aparecem caveiras, algemas, máscaras distorcidas, serpentes, cadeias e cárceres, túmulos e pessoas atoladas no chão como querendo se levantar mas não conseguindo.

3. OS TÍTULOS

Os títulos dos livros e artigos são também contundentes e drásticos, afastando-os de quem os deveria ler.

- O que você deve saber sobre os psicotrôpicos: a viagem sem bilhete de volta (1)

(1) José Eliás Murad. *O que você deve saber sobre psicotrôpicos: A viagem sem bilhete de volta.*

- Tóxico: passaporte para o inferno (2)
- Decomposição de nossa civilização (3)
- Droga: perigo nacional (4)
- Drogados da vida (5)
- O que se mexe a parar: estudo sobre a droga (6)
- Vitória sobre as drogas (7)
- Drug Abuse: Escape to nowhere (8)
- Le suicide (9)

4. AS ESTATÍSTICAS

São mostrados ainda, ou manipulados, números em estatísticas insólitas, apresentadas sem a citação de onde foram encontradas, o que, sem dúvida, lhes daria mais crédito:

"Hã no mundo 200 mil traficantes que vivem da droga vendida a um bilhão de seres humanos viciados." (10)

-
- (2) Nestor Sampaio Penteado. *Tóxico, passaporte para o inferno.*
 - (3) Escola de Pais do Brasil. *Pais, filhos e tóxicos*, pg.4.
 - (4) Alberto Nepomuceno de Oliveira. *Droga: perigo nacional.*
 - (5) Fernando Portela. *Drogados da vida.*
 - (6) Carlos Amaral Dias. *O que se mexe a parar: Estudos sobre a droga.*
 - (7) Donald Louria. *Vitória sobre as drogas: um programa de ação.*
 - (8) Kline Smith. *Drug Abuse: Escape to nowhere.* (O abuso da droga: o escape para o nada).
 - (9) Léon Meynard. *Le suicide.* (O suicida).
 - (10) Alberto Nepomuceno de Oliveira. *Droga: perigo nacional*, p.78.

"No Brasil existem 240 mil viciados em drogas: os tóxicos são o maior flagelo social do nosso tempo." (11)

"Nos EUA se gastam, hoje, um bilhão de dólares a mais para alimentar os 600.000 viciados." (12)

"Nos EUA eram cinco milhões em 1983, calculam os especialistas, contando apenas os viciados permanentes." (13)

"Diariamente chegam a São Paulo mais de 40 quilos de cocaína." (14)

5. OS CONCEITOS

Dos simpósios e conferências de que participo, dos programas de rádio e TV a que assistimos, tenho também coletado os termos e expressões que pintam o quadro com cores apreensivas: "um flagelo", "uma desolação social", "um inquietante e espinhoso problema", "um perigoso mergulho in

(11) Ib, p.75

(12) A escalada do pó. Revista Veja. 20 dezembro 1979, p.67.

(13) Pierre-Marie Giraud. "Aspirina dos ricos". Folha de São Paulo, 20.1.84, p.16.

(14) Renato Lombardi. O tráfico livre se espalha. O Estado de São Paulo, 24.1.84, p.14.

falível à loucura", "os jovens vivem momentos de inquietude e desolação e não encontram na família, desagregada e mutilada, uma resposta aos seus problemas", o "submundo da droga gera a delinquência e vagabundagem geral".

A denominação das pessoas que usam das drogas também já foi escrita de forma tendenciosa: os "desagregados", os "viciados", os "toxicômanos", os "drogados", os "marginais" e "marginalizados", "o adolescente drogadita".

O quadro social parece estar montado onde as pessoas, principalmente pais, já sentem medo e aversão à palavra "maconha". Assim como os leprosos, os "viciados e maconheiros", hoje, são pessoas marginalizadas, de quem devemos nos prevenir ou envergonhar e, especialmente, afastar nossos filhos.

Os preconceitos contra a maconha aumentam vertiginosamente, dificultando uma análise tranquila do fenômeno. Ao proteger-se, a sociedade inicia um trabalho gradual de marginalização dos "jovens maconheiros" que, ao serem evitados, e muitas vezes perseguidos, passam a ser cada vez mais resistentes à análise e reflexão. Em todos os debates públicos, seminários ou ciclos de conferências, há sempre o mesmo discurso: "o jovem está se destruindo" e a "juventude envereda pelo caminho da desagregação social".

Na mesma proporção em que "especialistas" se insurgem moralística e preconceituosamente contra a maconha, mais se dissemina o medo e a desesperança:

"É a maconha, o 'abre alas', o 'carro chefe' neste cordão, cujo samba enredo é: SANATÓRIO, CADEIA, ou CEMITÉRIO." (15)

Em páginas que mostram fotos de túmulos, jovens algemados, corpos reduzidos a silhuetas horrorosas, a literatura nos escreve:

"A toxicomania é, hoje, um dos maiores flagelos por que passa a humanidade. Muitos adolescentes chegaram à idade adulta já totalmente impregnados pelo vício, apressando a sua morte, e muitos talentos foram dizimados por esta desgraça que tem assolado e aniquilado tantas gerações e inúmeras famílias." (16)

6. AS INTERPRETAÇÕES

As interpretações psicanalíticas não são nada animadoras.

"O toxicômano precisa se defender de suas ansiedades e depressões. Ele é uma personalidade que não tolera isso. Aí, volta aquela situação primitiva onde sentiu as primeiras frustrações. A droga, então, adquire simbolismos diversos de acordo com as fantasias inconscientes que ele tem. E reforça-as pe-

(15) Edson Ferrarini. *Tóxico*. p.23

(16) Nestor Sampaio Penteado. *Op. cit.* p.11

los efeitos farmacotóxicos que provoca. Ele sente tudo isso no corpo. Ou seja, é uma coisa física que vem reforçar uma necessidade emocional. A droga, podemos dizer assim, pode surgir como o símbolo do peito idealizado. Quando ele incorpora a droga, é como se incorporasse o objeto-ideal, o objeto-mãe. Ele volta a ser o bebê que tem uma mãe que não o decepciona, que não lhe traz desconforto, não o faz sofrer ..." (17)

Além do que são interpretações que muito dificilmente serão compreendidas ou aceitas pelas pessoas que usam das drogas.

"A desestruturação egôica, a dependência infantil, o conflito de identidade, a formação fóbica e contrafóbica, o triunfo maníaco, as fantasias regressivas intensas, o pavor da mente, são aspectos da personalidade adolescente drogadita, com sua família patologicamente estruturada, e seu ambiente alterado." (18)

"É como se o drogado deixasse de lado seus aspectos bons e o que pode existir de bom no mundo externo e passe a ter atitudes destrutivas em geral sem hesitação nem ansiedade. Assim, pratica roubos, assaltos, mata e se mutila.

-
- (17) Mariza Leite da Costa. In Fernando Portela, *Drogados da Vida*. p.67
- (18) Mauricio Knobel. *Juventude, características e perigos face às drogas*. In: Pais, filhos e tóxico, p.67

E, nessas atitudes, entra o efeito farmacotóxico reforçando. A droga dá força, dá poder. As pessoas não matam sob efeito da droga? Não assaltam para conseguí-la? É como se estivessem realizando fantasias inconscientes muito primitivas de ataque ao peito materno, como morder, invadir, esvaziar, envenenar, a fim de tê-lo sob seu controle." (19)

7. HIPÓTESES E INCERTEZAS

Ao lado daquelas estatísticas e destas interpretações, poderíamos supor que os estudiosos caminhassem por vias seguras e precisas. O que permeia a maioria dos estudos lidos, porém, é a dúvida e a incerteza e sérias condições, que agora passo a analisar.

É considerável o número de autores que, não apresentando certeza no que afirmam, levantam hipóteses ou questionam os dados já existentes. É muito comum, portanto, expressões tais como: "é possível", "acredita-se", "provavelmente", "parece ser":

"Pergunta: A maconha é mais potente quando fumada ou quando ingerida?"

Resposta: É assombroso o fato de não haver acordo nem mesmo quanto a esse ponto. Andrew Weil, Norman Zinberg e Judith Nelsen, escrevendo no número de Science de 13 de dezembro

(19) Ibidem, p.46

de 1968, aventam a hipótese de que a droga é mais potente quando engolida, mas os dados de que dispomos parecem contradizer isso. O Dr. Harris Isbell e seus colaboradores estudaram o tetraidrocanabinol, o princípio ativo da maconha, e, escrevendo em *Psychopharmacology*, em 1967, mostraram que a droga era mais potente quando fumada. Os Drs. Reese Jones e George Stone, do Instituto Neuro-psiquiátrico Langley Porter, em São Francisco, usando a maconha pura típica, confirmaram as descobertas de Isbell. Assim, no momento, o peso das provas indica que a maconha é mais potente quando fumada. As informações sobre maior potência ao se engolir a droga talvez estejam relacionadas a uma dose muito maior do que a normalmente usada nos cigarros." (20)

"Pergunta: O senhor acha que nossa sociedade sofrerá sérios danos se a maconha for legalizada?"

Resposta: Provavelmente não. Desconfio que poderíamos tolerar a maconha. Meu principal argumento é que, antes de a legalizarmos, seria melhor examinarmos friamente a droga e suas conseqüências. Para fazer isso, precisamos (1) aceitar o fato de que existem alguns perigos inerentes ao uso da maconha para certas pessoas (2), entender que o problema não é decidir se haverá maconha ou não, mas o uso de diversas drogas por parte dos jo

(20) Donald Louria. *op. cit.* p.75

vens e (3) considerar a maconha no contexto maior de para onde nós, como sociedade, nos dirigimos no que se refere a intoxicantes e agentes que alteram a mente. Então, e só então, poderemos tomar uma decisão significativa sobre a legalização. Em outras palavras, se vamos legalizar a droga, façamo-lo pelo menos depois de uma análise realista dos fatos e dos pontos importantes." (21)

"O fato de a 'cannabis' existir em grandes quantidades em meio ao banditismo ou ambientes sociais inferiores, não provou ainda a sua capacidade de compelir ao crime. É possível que seu uso muito prolongado, indutor de desequilíbrios, seja mais responsável do que o momento em que se está sob seu efeito. O que se questiona é se essas personalidades não teriam o seu desequilíbrio aumentado pelo uso de numerosos tóxicos, não apenas a 'cannabis', mas a cocaína, o álcool, os barbitúricos, o açúcar branco, a heroína, etc, frequentemente associados." (22)

"Concluindo, gostaríamos de comentar brevemente o fenômeno da introdução de novas drogas num grupo social, como parece ser o caso da maconha nas sociedades economicamente mais desenvolvidas do Ocidente. Ainda é cedo para sabermos se o uso do cânhamo perdurará, se

(21) Ibidem, p.79

(22) Marcio Bontempo. Estudos atuais sobre os efeitos da "cannabis Sativa", p.50

continuará marginalizado e combatido, ou ainda se será assimilado pela maior parte da sociedade, tornando-se tão comum quanto o do álcool ou do tabaco. O que parece certo, porém, é que a decisão final dependerá muito pouco dos maiores ou menores riscos psicológicos e fisiológicos que possam advir de seu uso prolongado." (23)

"Na Índia, a 'cannabis' tem sido usada como auxiliar da meditação, ou para clarear as idéias, mas nas sociedades ocidentais acredita-se que ela perturbe a memória e a capacidade de raciocínio. Como veremos, algumas dessas diferenças de efeito podem ser explicadas pelas expectativas do usuário e pelo ambiente em que ela é usada; outras podem refletir diferenças produzidas pela quantidade e padrão de uso (efeitos de resposta a dose). Não obstante, muita confusão ainda subsiste. Mesmo para aqueles que contam com o devido preparo científico, é difícil distinguir o fato da ficção." (24)

"Há alguns indícios, colhidos de experimentos com animais, de que a 'cannabis' pode afetar o metabolismo celular, mas ainda não há provas de que essas alterações sejam lesivas, ainda não se sabe exatamente quais possam ser

-
- (23) Frederico G. Graeff. As drogas psicotrópicas e seu medo de ação. p.93
- (24) Jerome Jaffe, et alii. Tóxicos e outros vícios, p. 68

as implicações da persistência da 'cannabis' na gordura do corpo... apesar dos muitos milhões de indivíduos que têm usado a droga e das muitas centenas de anos em que ela vem sendo usada, ainda não se sabe muita coisa sobre seus efeitos crônicos. Sabe-se ainda menos acerca dos efeitos de seu uso por parte de crianças e adolescentes, que estão na vanguarda da nova geração de maconheiros. Sabemos tão pouco, em parte, por causa dos gigantescos problemas que surgem quando se procura estudar o uso crônico da droga." (25)

"Que toda toxicomania esteja ligada a origens psicopatológicas parece ser uma evidência." (26)

"Provavelmente, os casos de câncer pulmonar ainda não são evidentes em fumantes de maconha, porque o uso crônico de doses elevadas da droga só tem aparecido, em uma substancial camada da população, nos últimos dez anos, ao contrário do uso crônico e pesado do tabaco, que remonta a mais ou menos de dois ou três séculos. Tudo faz crer que, dentro de mais alguns anos, teremos exemplos sugestivos e estatísticos mostrando o câncer pulmonar em usuários fortes da maconha." (27)

(25) Ibidem, p.73

(26) Paul-Eugène Charbonneau, *op. cit.* p.123

(27) José Elias Murad, *op. cit.* p.115

"Se bem que mais de 3.000 relatórios de pesquisa tenham sido publicados sobre a 'cannabis' desde 1964, muitas questões importantes ainda permanecem sem resposta. Sabe-se muito menos sobre os riscos impostos à saúde pelo uso crônico da maconha do que acerca dos perigos do álcool e do fumo. E é provável que ainda leve muitos milhões de anos-homem de uso difundido e de estudos em grande escala para se detectarem os riscos mais sutis e menos comuns." (28)

Ao observar estas incertezas e um número tão elevado de hipóteses levantadas, sabemos que a extensão dada ao presente estudo do fenômeno será sempre pequena. É, pois, um fenômeno sobre o qual a ciência ainda precisa dedicar muita pesquisa.

8. AS CONTRADIÇÕES

Além dos dados de hipóteses já encontrados, passo a enumerar sérias contradições encontradas nas leituras realizadas, o que me leva a perceber uma realidade confusa.

(28) Jerome Jaffe, et alii, *op. cit.* p.79

8.1. Contradições encontradas na análise global da "Cannabis"

Para alguns autores, a "cannabis" é "soft drug" (droga leve) enquanto que para outros ela está entre as "hard drugs" (drogas pesadas) !

→ "Do ponto de vista médico não há unanimidade, mas a maioria dos trabalhos leva a concluir que a maconha é uma droga leve que não causa dependência física e cujos malefícios não seriam maiores do que aqueles provocados pelo álcool e pelo tabaco. Um número significativo de opiniões respeitáveis advoga a sua descaracterização como droga ilícita, propondo que venha a ser produzida e comercializada sob controle governamental. Acreditam que, assim procedendo, cairá o tabu em torno da maconha e, conseqüentemente, se reduzirá a criminalidade associada a ela. Atualmente a maconha é utilizada por uma significativa proporção de adolescentes e adultos. O uso ocasional é o padrão mais comum de consumo, tal como ocorre com o álcool. As dependências são mais frequentes entre pré-adolescentes e adolescentes do que entre os adultos, e este fenômeno é compreensível se levarmos em conta a maior susceptibilidade daquela faixa da população face a qualquer droga. A maconha é a mais popular dentre as drogas recreativas; é, também, aquela que, aparentemente, menos riscos oferece e em relação à qual se observam tendências liberalizantes pelo menos no que diz respeito à sua atual equipa-

ração a outras drogas ilícitas." (29)

"Por outro lado, a afirmativa de que a maconha, sob o ponto de vista médico, é uma droga inofensiva, não tem nenhum suporte científico. Os recentes estudos com o seu princípio ativo, o tetra-hidrocanabinol, como citamos acima, parecem indicar exatamente o contrário, o que poderá também ser verificado em capítulos subsequentes desta obra." (30)

e mais enfaticamente repele o termo "soft drug":

"O uso do termo 'soft drug' (droga leve ou suave) para a maconha tem nos deixado perplexos até hoje. No nosso tipo de cultura aplicamos esse termo para os produtos benéficos como, por exemplo, bebida leve do tipo da cerveja preta, que tem apenas 2% de álcool ou mesmo para refrigerantes como o guaraná e a coca-cola, que contêm cafeína ("soft drink"), enquanto que as bebidas fortes, como a cachaça e o uísque, contem 50% ou mais de álcool, sendo muito mais perniciosas à saúde. Com os dados recentemente acumulados nos últimos anos sobre os efeitos físicos, psicológicos e sociais da maconha, o termo suave para ela nos parece simplesmente inadequado." (31)

(29) Francisco Bernardini Tancredi. *As toxicomanias do ponto de vista da Medicina e da Saúde Pública*. In : *Drogas e Drogados*, p.48 e 49

(30) José Elias Murad, *op. cit.* p.86

(31) José Elias Murad, *op. cit.* p.114

8.2. Contradições sobre os efeitos da maconha no que diz respeito ao aspecto motivacional no indivíduo

Questiona-se a influência que a "cannabis" pode ter sobre o aspecto da motivação. Não há possibilidade de obter um consenso de opiniões e de diagnósticos:

"Muitos tipos de problemas psicológicos -- desde perda de motivação convencional até doença mental grave -- têm sido atribuídos ao uso da maconha. No caso extremo de alguém que esteja quase continuamente bastante inebriado, haverá pouca dúvida de que "a droga" interfere no restante de sua atividade. Mas quando nos voltamos para o maconheiro que usa a droga maciçamente mas não o faz constantemente, a questão já é mais difícil. Apesar da crença, amplamente difundida nos países em que o uso é tradicional, de que a motivação é seriamente afetada, nenhum dos três estudos modernos realizados na Jamaica, na Grécia e na Costa Rica constatou indícios disso. Estudos experimentais de usuários em situações de laboratório controladas não registraram produtividade global diminuída, embora no auge do inebriamento os níveis do trabalho fossem às vezes reduzidos." (32)

(32) Jerome Jaffe, et alii, *op. cit.* p.76

"Um outro aspecto polêmico do uso continuado da maconha é o do chamado síndrome amotivacional, que será comentado no Capítulo VIII. Como no caso dos outros alucinógenos, fica difícil saber se o mesmo é causa ou consequência do uso da maconha. De qualquer modo, existe uma clara associação entre a pouca motivação para perseguir os objetivos considerados desejáveis pela sociedade moderna — como o sucesso profissional ou nos estudos — e o uso persistente de maconha e outros alucinógenos." (33)

8.3. Contradições sobre os efeitos da "cannabis" na fertilidade humana

Nesta questão os três autores abaixo transcritos, embora cite pesquisas científicas, discordam entre si não só no aspecto da fertilidade em si mesma, como também na porcentagem de queda do nível da Testosterona:

"Há vários anos, sugeriu-se que o uso da 'cannabis' podia custar dano aos cromossomos — material essencial à transmissão de nossa herança genética às gerações futuras. Estudos genéticos subsequentes não encontraram sinais de alterações cromossômicas relacionadas ao uso da erva. Não há na atualidade nenhum indício convincente de que alterações ge

(33) Frederico G. Graeff, *op. cit.* p.92

néticas importantes resultem do uso da "cannabis". A afirmação de que a maconha possa produzir uma redução considerável do hormônio masculino testosterona também é discutível: tais reduções, quando encontradas, não o foram em níveis anormalmente baixos, e nem todos os pesquisadores as encontraram, mesmo em usuários inveterados. Também tem havido relatos de redução no número de espermatozoides e relatórios clínicos isolados sobre desempenho sexual comprometido, no homem, relacionado ao uso maciço da "cannabis". Entretanto, estudos feitos na Jamaica, na Grécia e na Costa Rica sobre usuários inveterados não constataram que o número de filhos dos usuários fosse reduzido. Esses resultados podem ser importantes principalmente para os que já tenham comprometida a própria fertilidade ou tenham problemas hormonais." (34)

"Toda a dificuldade para as pesquisas dessas consequências estava no exame físico do usuário. Os pesquisadores nada encontravam no corpo do viciado. E os farmacólogos entendiam que os males da maconha eram apenas psíquicos. Hoje não. Farmacólogos das Universidades de Columbia, Harvard e Oxford constataram que os princípios ativos da maconha provocam, no homem, a partir da quarta semana de consumo intenso, a queda em 30% do nível de testosterona circulante. A testosterona é o hor

mônio masculino por excelência. Essa queda percentual, com a incidência do consumo, vai se acentuando até chegar a zero. Em zero (e isso pode durar um ou vários anos, depende do organismo e do consumo), o homem fica sexualmente impotente. Os farmacólogos observaram algo pior: acaba a potência mas não a libido, o instinto sexual. E muitos dos impotentes se transformam em homossexuais. Outra descoberta: essa impotência não é irreversível — se pára de fumar, o usuário a recupera, mas no mesmo tempo que levou para perdê-la." (35)

"O segundo efeito refere-se à ação sobre a espermatogênese e os níveis de testosterona. Segundo várias pesquisas, o nível de testosterona pode cair até 60%. Com isso, há uma acentuada diminuição do número de espermatozoides no líquido seminal. Essas alterações, achadas no homem, foram confirmadas em pesquisas com camundongos, ratos e macacos Rhesus. Mas, trata-se de efeitos reversíveis. In terrompendo-se o uso da maconha, a situação volta ao normal." (36)

(35) Fernando Portela, *Drogados da vida*, p.80

(36) Elisaldo Carlini. *Psicologia e comportamento*, p.36

8.4. Contradições sobre os efeitos da "cannabis" no que diz respeito à atrofia cerebral

Neste aspecto os efeitos possíveis da maconha também são discutíveis. Os autores citam pesquisas, mostram radiografias cerebrais (Pneumoencefalografia), mas as contradições são constatadas:

"Em 1971, uma equipe britânica comunicou que dez jovens usuários de maconha, do sexo masculino, exibiam atrofia do cérebro — semelhante à decorrente de idade avançada — depois de um período de uso da droga que variava entre três e onze anos. A importância potencial de tal descoberta levou à pesquisas mais cuidadosamente controladas, nenhuma das quais constatou qualquer indício do tipo de atrofia cerebral originalmente relatado. É claro que pode ocorrer dano cerebral significativo sem que ele se torne anatomicamente óbvio. Mas nenhuma das pesquisas realizadas até hoje descobriu indícios de funcionamento psicológico persistentemente prejudicado como uma concomitante do uso da "cannabis". Um cientista usou eletrodos profundamente implantados em cérebros de macacos, aos quais se ministrou "cannabis" durante longo período. Ele relatou mudanças na atividade elétrica cerebral e alterações celulares microscópicas nos cérebros. Embora esses experimentos demonstrem que mudanças sutis na anatomia ou função do cérebro podem ocorrer, as implicações práticas, se houver alguma, de tais descobertas não são atualmente conhecidas. Outros

constatarem mudanças temporárias nas ondas cerebrais relacionadas ao "êxtase", mas nenhum sinal de anormalidade duradoura." (37)

É importante salientar como os autores interpretam a mesma pesquisa de maneira completamente diferente:

"Sob esse aspecto, a revista médica *The Lancet*, da Inglaterra, publicou, recentemente, um trabalho de Campbell e col., onde se relata a evidência atrofia cerebral em dez jovens hippies que fumaram maconha diariamente, por períodos variáveis de três a onze anos. Através de um processo especial da radiografia do cérebro, os autores constataram aumento e distorção dos ventrículos cerebrais dos usuários. Esses indivíduos se queixavam principalmente de cefaléia, amnésia em relação a fatos recentes, mudanças na personalidade e no temperamento, diminuição na clareza, na rapidez dos pensamentos e no desejo de trabalhar. A crítica que se fez a esta pesquisa é que a amostragem é relativamente pequena (apenas dez indivíduos) para poder se atribuir todos esses sintomas a tais anomalias." (38)

"Mas a perda de potência, segundo aqueles farmacólogos, não é, ainda, a pior consequência. Eles obtiveram radiografias dos ventrículos cerebrais de viciados — e todos nós temos

(37) Jerome Jaffe, et alii, *op. cit.* p.76

(38) José Elias Murad, *op. cit.* p.98

dois, para respiração cerebral, no miolo do cérebro, responsáveis pelo equilíbrio das emoções — e constataram que eles estavam hipertrofiados. É essa hipertrofia que provoca as crises amotivacionais dos viciados — não funciona sexualmente, não toma banho, não fala, não reage, etc. A deformação dos ventrículos é irreversível." (39)

8.5. Contradições sobre os efeitos da "cannabis" no tocante à dependência física

É muito difícil estabelecer o que é a dependência física e o que vem a ser a dependência psíquica. Traçar uma linha divisória é estabelecer uma divisão inaceitável entre mente e corpo, principalmente quando se sabe que funções do organismo psicológico estão intimamente ligadas ao aparelho biológico. Mas os autores pesquisados além de estabelecer esta divisão, também entram em contradições sobre este aspecto:

"Como a interrupção abrupta da maconha não resulta em uma síndrome de abstinência acentuada, muitos acreditam que ela não provoque dependência física. Isso é um engano. Deve-se considerar que o THC permanece no organismo por um longo tempo; sua meia-vida é bastante longa, podendo ser encontrado no sangue até três dias após a maconha ter sido usa

(39) Fernando Portela, *op. cit.* p.81

da uma única vez. Além disso, seu principal metabólito psiquicamente ativo, o 11-hidroxi delta-9-THC, continua sendo detectado na urina e nas fezes até oito dias após o consumo da maconha. Portanto, a interrupção repentina do uso da droga provoca, na realidade, uma abstinência associada e discreta. É como se o tratamento da síndrome de abstinência da maconha já estivesse embutido em seu próprio uso". (40)

"Onde a droga seja usada diariamente e em doses elevadas, é possível que a dependência física represente, de fato, algum pequeno papel na perpetuação de seu uso. Num experimento realizado nos Estados Unidos, indivíduos a quem se administrou THC oral de quatro em quatro horas experimentaram alguns sintomas brandos de abstinência quando a droga foi suspensa. Entretanto, a síndrome de abstinência não é tão desagradável ou angustiante como a dos opióides. Outros pesquisadores relatam que sujeitos hospitalizados que fumavam vários cigarros de maconha por dia durante 20-40 dias raramente se queixavam especificamente de sintomas de abstinência quando os experimentos se encerraram, muito embora revelassem inquietude e perturbação do sono." (41)

(40) Mauro Weintraub. *Sonhos e Sombras, a realidade da maconha.* p.74

(41) Jerome Jaffe, et alii. *op. cit.* p.71

8.6. Contradições sobre os efeitos da "cannabis"
na dependência psíquica

"Costuma-se confundir Haxixe com a maconha em si, embora Haxixe seja apenas a resina pura contida na planta feminina. Este é cinco vezes mais forte que a maconha propriamente dita. Mesmo assim, a Maconha e o Haxixe não produzem dependência física, sendo sua dependência de ordem psicológica." (42)

"Embora a maconha esteja na Classe II, sua dependência psíquica é considerada moderada e a dependência física é desconhecida. Alguns autores afirmam que a "cannabis" produz também um certo grau de dependência do tipo física mas os estudos nesse sentido ainda prosseguem." (43)

"Os relatores observaram que a prática de fumar marijuana não leva ao vício, no sentido médico desta palavra. Os membros da comissão investigadora frequentemente encontravam fumadores de marijuana que tendo procurado um "tea-pad" e o encontrando fechado, calmamente voltavam para os seus afazeres indo-se durante o caminho a debater problemas gerais da vida; ou então iam jogar bilhar. O fato de não poderem dar azo à vontade de

(42) Alberto Nepomuceno de Oliveira, Op. cit. p.20

(43) Marcio Bontempo, Op. cit. p.46

fumar não lhes acarretava nenhum sinal de frustração. Tal resignação como equilíbrio de comportamento é altamente significativa, pois difere completamente da atitude do verdadeiro viciado em narcóticos. Este, pelo contrário, incapacitado de obter a droga, logo se torna uma criatura angustiada, quase endemoniada, sendo impelida por uma implacável necessidade física a ir arranjar a droga custe o que custar." (44)

8.7. Contradições sobre os efeitos da maconha no desempenho do indivíduo

Também são questionados os efeitos que a maconha pode ocasionar sobre o desempenho do indivíduo. O desempenho é tratado pelos diversos autores como sendo a possibilidade do indivíduo ter controle sobre suas funções básicas tipo tato, audição, visão, pensamento, sexualidade, noção de corpo, etc:

"Qual é a ação da maconha sobre a capacidade perceptiva do indivíduo em relação ao tempo e ao espaço? Hoje em dia, encontra-se perfeitamente comprovado que a maconha, mesmo em

(44) Robert. S. de Ropp. *As drogas e a mente*. p.98. O autor relata neste livro uma famosa investigação coordenada pelo presidente da Câmara Municipal de Nova York, La Guardia, em 1944. A Comissão investigadora dá resultado favorável ao uso da "cannabis", o que marca as origens das controvérsias sobre seus efeitos.

doses menores de dois ou três "baseados", altera profundamente a capacidade de percepção dos indivíduos, principalmente em relação ao tempo e às distâncias. Já existem trabalhos controlados em máquinas simuladoras de laboratório, mostrando que os usuários da droga podem cometer erros enormes nas medidas do tempo e do espaço. Por exemplo, calcular em uma hora uma fração de tempo cronometrada de cinco ou dez minutos, ou calcular a distância entre duas paredes do laboratório em três ou quatro m, quando, na verdade, são doze ou mais m". (45)

"Quadro 1 - Efeitos subjetivos no uso da 'cannabis':

1. Visão

- a) Novos significados na percepção
- b) Imagens visuais mais claras e vivas

2. Audição

- a) Maior acuidade - ritmos e músicas mais distintos
- b) Palavras de canções mais significativas." (46)

"Os usuários da maconha costumam afirmar que sua visão, audição e tato ficam aguçados com o uso da 'cannabis'. Mas medidas objetivas

(45) José Elías Murad. Op. cit: p.113

(46) Haim Grünspun. Drogas - natureza e efeitos. In Pais, filhos e tóxicos, p.41

não confirmaram nenhum aumento de acuidade. No entanto, mesmo que os sentidos não fiquem objetivamente mais aguçados, é possível que o usuário tome maior consciência deles do que normalmente o faz e que se torne, por isso mesmo, mais perceptivo." (47)

8.8. Contradições sobre os efeitos da "cannabis" na corrente sanguínea

"Examinando o sangue dos usuários de maconha, os pesquisadores encontraram, na faixa branca dos leucócitos, que esses glóbulos brancos não possuem os 46 cromossomos normais de toda célula. Têm 42, 38, 36, ..., o que significa isso? Há leucócitos mortos. Por isso que o usuário de maconha, de muito tempo, não possui defesas imunitárias. Pode morrer de gripe." (48)

"... Embora os usuários costumem relatar que sentem mais apetite, não há indícios de alteração nos níveis de açúcar no sangue nem qualquer outra razão fisiológica para isso... alguns cientistas especularam sobre a possibilidade de ela ter efeitos inesperadamente perigosos sobre o corpo por interferir no mecanismo de reposição de células. Há alguns in

(47) Jerome Jaffe, et alii. *Op. cit.* p.71

(48) Fernando Portela, *op. cit.* p.81

dícios, colhidos de experimentos em animais, de que a 'cannabis' pode afetar o metabolismo celular, mas ainda não há provas de que essas alterações sejam lesivas." (49)

8.9. Contradições sobre os efeitos da maconha como agente estimulante para outras drogas

A pergunta que se ouve muito em diversos lugares é: a maconha leva a outras drogas? Fica claro que os autores têm opiniões divergentes sobre a questão:

"A questão de que a 'cannabis' é um agente estimulante para outras drogas é muito debatida. Alguns autores admitem que sim, outros que não. A Comissão investigadora não encontrou nenhuma evidência que lhe sugerisse ser o uso de cigarros o primeiro passo para o uso de drogas como a cocaína, a morfina e a heroína. 'Extremamente raros são os exemplos em que o hábito de fumar marijuana se acha associado ao vício de tomar aqueles outros narcóticos'." (50)

"Aliás, segundo o Prof. Robert Heath, psiquiatra e neurologista, da Escola de Medicina da Universidade de Tulane (EUA), a maconha é uma espécie de 'droga-ponte' para outras drogas.

(49) Jerome Jaffe, et alii. *Op. cit.* p.72

(50) Robert. S.D. Ropp. *Op. cit.* p.98

Isso por uma razão muito simples: o uso de agentes produtores de prazer tendem a conduzir a um aumento do desejo desses efeitos prazerosos. Isso conduz não só a um aumento do uso, como também a um aumento da dose." (51)

"Observadores nos EUA e na Grã-Bretanha frequentemente notaram que a maioria dos viciados em heroína tinha usado a maconha antes. Algumas pessoas acreditavam que de alguma forma o uso da maconha levava ao vício em opiatos. Se isso significa que em algum sentido farmacológico ou fisiológico o uso da maconha 'causa' uso posterior de heroína, a declaração é falsa. A maioria dos usuários da 'cannabis' não se serve de heroína ou de drogas mais fortes." (52)

8.10. Contradições sobre os efeitos da "cannabis" no desempenho sexual do indivíduo

A ação da "cannabis" sobre o desempenho sexual do indivíduo é um dos aspectos mais controvertidos no estudo do tema. Os autores divergem em aspectos essenciais, indo alguns ao extremo de ligar maconha ao homossexualismo e à esterilidade.

"Tem mais. Além de tudo isso, no viciado de

(51) José Elias Murad. *Op. cit.* p.113

(52) Jerome Jaffe, et alli. *Op. cit.* p.76

maconha desaparecem dois outros hormônios dos quais o homem tem traços e a mulher grande quantidade. São os hormônios folículo-estimulantes e luteinizantes. Eles são responsáveis pela produção de esperma, no homem. Na mulher, provocam a ovulação. Homem e mulher, por causa disto, correm o risco da esterilidade." (53)

"A maconha produz no indivíduo a sensação de euforia e desinibição nos gestos, no falar, no vestir e no caminhar e uma liberação sexual que, com o correr dos tempos, transformar-se-á em homossexualismo (no homem) e lesbianismo (na mulher)." (54)

"As principais dúvidas questionadas são as seguintes: Qual a ação da maconha sobre a atividade sexual? É ela, realmente, um estimulante da libido ou afrodisíaco? Não, a maconha não é, em absoluto, uma droga afrodisíaca. O que acontece é que, no início de seu uso, ela produz uma certa ação desinibidora, relaxando os bloqueios normais da consciência e os freios morais. Isto, aparentemente, dá a impressão de estímulo sexual. Na verdade, após algum tempo de uso (um ou dois anos) — principalmente no usuário crônico, isto é, aquele que usa a droga todos os dias — a maconha provoca uma per-

(53) Fernando Portela. Op. cit. p.81

(54) Edson Ferrarini. Op. cit. p.24

da no interesse pelo sexo e diminuição dos efeitos satisfatórios sexuais. Em vários desses casos, os efeitos são semelhantes aos dos opiáceos: uma eventual perda total da libido. Por outro lado, trabalhos de pesquisas realizados recentemente demonstraram que, no usuário crônico a droga produz uma diminuição do nível de testosterona circulante no sangue, que, como se sabe, é o importante hormônio sexual masculino. Isto, evidentemente, pode levar a uma diminuição da potência sexual do jovem." (55)

3 "Embora o volume de indícios relativos aos efeitos da maconha sobre a sexualidade seja modesto — esta é uma área de pesquisa difícil — tem-se feito algum trabalho, ainda que limitado. O sociólogo norte-americano Erich Good entrevistou mais de 200 usuários de maconha de ambos os sexos cuja idade girava em torno dos vinte anos, indagando-lhes especificamente os efeitos sexuais que a droga produzia neles. Mais de um terço afirmou que não produzia efeito sexual algum; alguns disseram que tinha efeito negativo. Outros achavam que isso dependia de seu estado de espírito no momento ou de seus parceiros sexuais. Mas quase a metade achava que a maconha aumentava definitivamente o desejo sexual. E a vasta maioria — mais de dois terços — disse que ela aumentava o prazer sexual. Uma explicação para isso pode ser a

de que a droga induz uma maior sensibilidade a nuances de sensação, sejam visuais, olfativas ou sexuais. Farmacologicamente, a maco-nha, como o álcool, pode reduzir as inibições sexuais; mas, como o álcool, o efeito pode ser contrário. Dose excessiva pode pro-vocar perda de interesse pelo sexo ou incapacidade de desempenho." (56)

"Jã mencionamos que em certas partes do mundo a 'cannabis' tem a reputação de ser um afrodisíaco poderoso. Dizem que levanta de tal modo a excitação em quantos a tomam que estes não se satisfazem com uma sô mulher, precisando possuir duas. Esta pitoresca fama relativa ao tomador do haxixe superexcita-do sexualmente chegou de tal modo aos ouví-dos da comissão investigadora que esta esta-va certa de que iria surpreender cenas inde-corosas nos 'tea-pads' de Harlem, cenas riva-lizando com as bacanais romanas. A tal res-peito, contudo ficaram desapontados os mem-bros da comissão. Verdade é que painéis erô-ticos, representando muitas vezes cenas per-vertidas, frequentemente decoravam as pare-des dos 'tea-pads'. Mas, tais painéis não conseguiam atrair, quase a atenção da clien-tela. A verdade é que um dos membros da co-missão investigadora concentrava a sua aten-ção na possível relação entre a marijuana e o erotismo; pois bem, se sentiu embaraçado ao

se dar conta de que, num 'tea-pad', era a única pessoa que examinava os já aludidos painéis. Numerosas conversas com fumantes de marijuana apenas revelaram exemplos ocasionais de qualquer relação entre a droga e o erotismo. Um desses membros, que conseguiu fingir se de porteiro de um apartamento em Harlem onde se realizavam reuniões demasiado íntimas e fechadas, apenas notou que o tipo de danças era por demais esbodegado, sugerindo assim a possibilidade de atividades eróticas naquele andar. Contudo, uma indagação mais cuidadosa (além de cautelosa) não deu a entender que aqueles que estavam fumando 'reefer' se comportavam de maneira mais licenciosa do que os que já fumavam. Visitas a bordeis que também servem de 'tea-pads' revelaram que o uso de marijuana não tinha ligação alguma com atos sexuais ou sensuais. 'Estas observações nos permitem concluir de que um modo geral a marijuana não estava sendo usada diretamente como estímulo sexual'." (57)

8.11. Contradições sobre os efeitos da 'cannabis' como desencadeadora de ação violenta e agressora no indivíduo

Afinal a maconha desencadeia uma ação violenta e agressora ou provoca a síndrome amotivacional? Na questão da motivação as contradições existentes ficaram claras, tamm

bem sendo encontradas quando se trata do problema da agresividade. Outra importante questão que se estuda é a possível relação entre maconha e crime:

*"Nenhuma relação direta pode ser demonstrada entre a indação de marijuana e o crime. E tam**be**m que a prática estivesse espalhada entre garotos de escolas. A delinq**u**ência juvenil não estava associada à prática de fumar marijuana; e o relatório sobre os aspectos socio**l**ógicos do hábito de fumar ou inalar marijuana conclui com estas palavras: 'É infundada a publicidade referente aos efeitos catastr**o**ficos do hábito de fumar marijuana na cidade de Nova York'." (58)*

As vezes os estudiosos não ficam somente em contra-dições teóricas. Utilizando o nome e respaldo científico de outro, distorcem o pensamento deste, a fim de obter maior apoio para suas próprias idéias. As duas citações que se seguem dão mostra de como um autor deturpa o pensamento científico do outro:

*"Outro nosso grande estudioso do assunto, o Dr. Elisaldo Carlini, professor de Farmacolo**g**ia de várias Faculdades, chefe do Setor de Psicofarmacologia do Departamento de Bioqu**í**mica e Farmacologia da Escola Paulista de Me**d**icina, desenvolveu testes em ratos de labo**r**atório. Concluiu que os animais depois de postos em jejum, ao receber uma dose forte de*

extrato de maconha, ficavam extremamente agressivos. O mesmo sucede com o homem sob a ação deste alucinógeno. Ele opina que a maconha leva à dependência psicológica. Para o indivíduo se adaptar ao grupo social, ele busca esse estímulo para vencer a sua inibição." (59)

"Não há dúvida que o princípio ativo da maconha — o THC — é um poderoso agente farmacológico. Doses relativamente pequenas alteram de maneira marcante o comportamento de animais de laboratório. Quando a maconha (ou seus princípios) é administrada cronicamente a ratos e camundongos, num primeiro período nota-se que sua atividade geral e sua movimentação diminuem. Depois, segue-se um estado de grande irritabilidade e reação exagerada aos estímulos externos. Se à administração crônica se associarem fatores ambientais, como frio crônico, ou subalimentação, a irritabilidade torna-se ainda mais evidente. Mas, achados em animais de laboratório não podem ser extrapolados para o homem. Eles apenas podem ser tido como prova de que a maconha possui substâncias farmacologicamente ativas, com grande poder de ação." (60)

"O fato de a 'cannabis' existir em grandes

(59) Maria Candida Vergueiro Santarcangelo. *A realidade dos tóxicos.* p.99

(60) Elisaldo Carlini, *op. cit.* p. 36

quantidades em meio ao banditismo ou ambientes sociais inferiores, não provou ainda a sua capacidade de compelir ao crime." (61)

8.12. Contradições no que diz respeito à "família desunida" como causa de jovens fumarem maconha

Um dos aspectos que mais se discute é se filhos de pais separados têm mais inclinação para o uso da maconha:

"Não foi pequena a surpresa que tiveram aqueles que se dedicaram seriamente ao tão pouco conhecido que é a patologia da juventude contemporânea, ao ver a ligação que se definia como uma constante entre a qualidade da vida familiar e a explosão da droga. Primeiramente quantificou-se em 50% o número de toxicômanos que revelavam suas famílias desunidas ou pais separados. Depois, à medida que se aumentava o campo das observações e que se aprofundaram as pesquisas, chegou-se à afirmação clinicamente controlada de que 80% dos jovens sujeitos à toxicomania eram filhos de casais em via de, ou em estado de, separação. Considera-se mesmo esse feito como indicando a causa primeira do mal. Olievenstein colocou um julgamento, a esse respeito, que não admite discussão. '... o fenômeno da droga encobria, antes de tudo,

(61) Marcio Bontempo. Op. cit. p.50

uma doença da dupla pais-filhos'." (62)

A isto se contrapõe de forma singular:

"Apreende-se ainda mal a difusão da droga, em grupos relativamente estáveis. Um inquérito do I.N.S.E.R.M. mostra que metade dos jovens drogados saíram de famílias unidas, ao contrário do que se julgava, e que não existe causa sociológica ou econômica, privilegiada. Certamente, o papel do aborrecimento, na província, do aborrecimento escolar, e a falta de centros de interesse entre os adolescentes dos 14 aos 28 anos, são muito difíceis de limitar, mas a fuga, a prostituição e a delinqüência juvenil, são muitas vezes sinais deste fato, que não se devem desprezar. De fato, uma crescente percentagem de indivíduos contaminados é constituída por adolescentes sãos, nem neuróticos, aparentemente sem problemas que normalmente não deveriam seguir esses processos de dessocialização e de marginalização." (63)

Uma interpretação inicial diferente do mesmo relatório PELLETIER, mas concordando no final, afirma não haver

-
- (62) Paul Eugene Charbonneau. *Juventude, droga e família*. In: *Drogas e drogados*, p.110.
- (63) Yves Pelicier e Guy Thuillier. *A Droga*. p.90. Esta nota bibliográfica que comenta o inquérito I.N.S.E.R.M., realizado em França, é o resultado do "Rapport de la mission d'étude sur l'ensemble des problèmes de la drogue, présenté par Monique Pelletier (La Documentation française, Jauvier 1978). O mesmo relatório diz que "em 63 fichas verificadas pelo inquérito 48,9% dos jovens que usam de drogas têm os pais juntos. O fator dissociação familiar parece menos importante do que se supunha".

relação causa-efeito entre família e drogas:

"As pesquisas realizadas em 1972 tanto pelo INSERM como pelo Centro de formação e pesquisa da educação supervisionada da comuna de Vancresson e citadas pelo relatório, mostram as sérias perturbações familiares que marcaram a infância dos futuros toxicômanos. Tais constatações são sempre difíceis de interpretar; e entende o relatório que não parece haver um verdadeiro tipo de 'família de drogados' nem um modelo padronizado de pais de toxicômanos." (64)

Contrariando tudo isto temos:

"Essa aproximação, continua ele, pode acontecer de forma mais ou menos intensa de acordo com sua personalidade, primeiro, e depois de acordo com o meio ambiente. Vou explicar: qual é a família que hoje não passa por uma certa crise? Instabilidade, conflito? Isso desgosta a todo adolescente, e vista constitucional seu. E esses vão procurar estímulos fora de casa, capazes de superar, ou amortecer um pouco os problemas de família. Isso eu tenho visto na maioria absoluta dos drogados, sobretudo os pesados: ou o pai está faltando, ou a mãe está faltando. É sistemático. No drogado pesado que não quer largar, que é reincidente, o quadro familiar é sem-

(64) Jean Bergeret. *Toxicomania e Personalidade*. p.24

pre o mesmo. A relação família desagregada e droga é tão grande que o especialista, segundo ele mesmo diz, é obrigado a pensar no drogado na razão direta dos problemas familiares." (65)

8.13. Contradições no que diz respeito as causas que levam o indivíduo à droga

Em sua busca incansável e interminável de causas, os autores abrem um leque tão grande de possibilidades, onde tudo pode se tornar causa para o indivíduo fumar:

"Mães companhias; influência do meio ambiente; fuga de problemas; excesso e variedade de remédios da época atual; liberdade excessiva não condizente com a idade; horas de lazer mal aproveitadas; falta de maior intercâmbio lar-escola; informações errôneas a respeito das drogas." (66)

"Revolta contra a autoridade; problemas familiares; curiosidade e modismo; pressões do grupo; imitação; fugas e tensões; discriminação social e privação." (67)

"Fuga de problemas que poderão ser tanto de

(65) Aysh Amorad Amar. In: Fernando Portela. *Drogados da Vida*, p.38

(66) Nestor Sampaio Penteado. *Op. cit.* p.40

(67) José Elias Murad. O problema dos tóxicos na Universidade. In: *Drogas e drogados*, p.226

ordem material quanto de ordem moral ou espiritual; curiosidade; luxo; dependência física ou psíquica; personalidade psicopática; falta de ambiente no lar; falta de diálogo com os pais; falta de vida familiar; influência de maus ambientes e de más companhias; divertimentos nocivos; leituras perniciosas; sociedade orientada para a droga; ociosidade; excessiva liberdade individual; falta de disciplina interna e externa; falta de entrosamento lar-escola; desequilíbrio; pouca cultura; educação frouxa; volúpia excitada pelos meios de comunicação." (68)

"Fuga de problemas; modismo; imitação; desinformação; prazer de violar ou desafiar as convenções sociais ou familiares; falta de ambiente familiar; auto-afirmação; falta de diálogo com os pais; facilidade do uso; influências de amigos; frequência de maus ambientes; enriquecimento rápido; propaganda; desespero; falta de orientação na escola; falta de desportos." (69)

"Segundo a nossa perspectiva, baseada na compreensão da ordem da natureza e no seu Princípio Unificador (Centrífugo-Centrípeta), a atração pela droga é devida a uma condição desequilibrada (muito centrípeta) criada por um consumo de produtos animais (carnes, pei-

(68) Emilio Jordan. In: A Realidade dos tóxicos, p.46

(69) Edson Ferrarini. Op. cit. p.85

xes, queijos e ovos) em proporção diária elevada, durante vários anos e a um 'consumo' de alimento social como competição, agitação, etc, também de efeitos muito centrípetos nos nossos corpos, produzindo permanente contração e 'crispação' dos nossos órgãos, o que os leva instintivamente a procurar sedação na droga, ou, noutros casos, no álcool, café e açúcar." (70)

9. ANÁLISE DO ESTUDO BIBLIOGRÁFICO

Já se pode perceber, com relativa clareza, que o título deste capítulo "Uma Realidade Confusa" não é nada exagerado. Pelo contrário, a realidade além de confusa é conflitante, contraditória e encoberta por ideologias e interesses colidentes.

Após as leituras realizadas, o fenómeno continua encoberto e pouco esclarecido. Não desvelado ainda, o desafio permanece e anima a continuar a pesquisa.

O que me inquieta sobremaneira é que os autores apresentam em seus discursos os mais variados comportamentos: do proselitismo ao moralismo, de julgamentos exagerados a apelos emocionados, poucos deles conseguindo um discurso objetivo.

Como saber, portanto, onde está a verdade, quando

(70) George Oshawa, et alii. *O fumo, a marijuana e as drogas.* p.55

existem tantas opiniões inconciliáveis e desencontradas a respeito do fenômeno? Por onde começar? Em quem acreditar?

De princípio não se nota, nos diversos autores pesquisados, a mínima preocupação com uma metodologia de investigação do fenômeno (71). Pelo contrário, o que se vê é que eles ora são movidos por ideologias e interesses particulares, portanto sem a menor preocupação científica, ora estão atrelados a sua especialidade e ramo científico, portanto presos a uma metodologia muito específica e pouco abrangente.

O discurso destes especialistas, na sua grande maioria normativo e regulador, não se contenta em observar desinteressadamente o fenômeno, mas em apreciá-lo, induzindo a conclusões parciais. Posso considerar boa parte da literatura lida como uma produção ideológica de discurso desprezível e anacrônico.

Influenciados por teorias associacionistas e reducionistas e quando não mecanicistas, parte dos autores envereda pelo campo do dogmatismo absoluto, estabelecendo muitas vezes a verdade como sua posse. Com tantas incertezas e contradições rondando o fenômeno, não se nota a preocupação em manterem uma atitude científica mais parcimoniosa. Ao se colocar, pois, repetitiva e dramaticamente contra o uso da maconha, não percebem que percorrem caminhos com duplo sentido. Explico:

(71) Yves Pélucier e Guy Thuillier dizem com clareza que "falta inventar absolutamente uma pedagogia das discussões sobre a droga". *Op. cit.* p.106

1. Instala-se, então, na sociedade, com facilidade e sutileza, o "sabor do fruto proibido". Afinal, o que é isto de que tanto falam mal e que tanto proíbem? Há pessoas que ingressam nos caminhos do álcool, do cigarro e da maconha, justamente para satisfazerem em si mesmas o gosto e a vontade de ser contra as determinações, as regras e as obrigações muito rígidas.
2. Os sujeitos usuários da maconha manifestam, sempre uma grande resistência a ler qualquer bibliografia específica ou de se aproximar de especialistas que tratam do problema de forma tão dogmática e fechada. Tenho ouvido de jovens, no fim ou no meio do aconselhamento: "Eu sô continuei o nosso trabalho porque você nunca me disse para parar ou porque você nunca se colocou do contra".
3. Instaurado o clima de veemente repúdio à maconha, irmão gêmeo do clima de medo e pavor, surgem os sentimentos de vergonha e de desprezo. Semelhante ao estupro, onde algumas mulheres sentem vergonha de falar de si, as pessoas sentem vergonha de falar, por exemplo, que já experimentaram a maconha, ou até que "tem um irmão viciado". Com a vergonha aparecem sentimentos desarmoniosos passando o indivíduo a ter uma auto-imagem negativa. Este caminho, muitas vezes, é o da marginalização.
4. Inspirados no maniqueísmo, automaticamente dividem o mundo em dois blocos compactos e inconciliáveis: o mundo dos bons e o mundo dos maus. Aquele é composto dos cidadãos que trabalham ou estudam e correspondem às expectativas de comportamento considerado "normal". Este, o mundo dos maus, e do qual tais estudiosos se eximem de qualquer responsabilidade, é formado pelos "vi-

ciados", pelos "drogados", pelos "maconheiros" que podem até fazer parte deste mundo por aspectos hereditários:

"Os verdadeiros toxicômanos são neuropatas, degenerados superiores, que não sabem aceitar o menor sofrimento. Não têm suporte para resistir o impacto da solicitação da droga. Os esquisofrênicos, os que são portadores de taras adquiridas por herança, os de personalidades mal estruturadas, os neuróticos, os psicóticos, os maníacos, os visionários, poderão ser levados às drogas, exatamente por causa de sua constituição doentia, sem firmeza, desprovida de equilíbrio. Não são predestinados para a droga, mas predispostos. Não caem necessariamente no vício, mas cairão nele se solicitados. Do ponto de vista hereditário, por observação, foi possível deduzir que a herança alcoólica tem relevante papel nas toxicomanias; parece que, com ela, herdar-se-ia predisposição para as drogas." (72)

Os autores também não evitam disputas sobre as causas do fenômeno: a desagregação da família, o ilimitado mundo dos prazeres, a ausência de Deus, a fuga dos problemas, as desigualdades sociais, a falta de esportes, e até a comida não vegetariana, etc, tudo isso, de uma forma ou de outra, deságua sobre o rēu final: a juventude, a adolescência.

(72) Alberto Nepomuceno de Oliveira. *Op. cit.* p.47

A juventude passa a ser tanto a catalizadora das causas como a mantenedora dos problemas que levam ao uso da "cannabis". As causas, tão gerais, tão frágeis ou anônimas, ajudam a apaziguar as consciências; a juventude, ao mesmo tempo que vítima, é também a culpada no processo todo:

"Assim, vemos o adolescente em conflito, em luta, em posição marginal frente a um mundo que o cerceia e reprime. Esta marginalização do jovem pode levá-lo à psicopatia franca, à atividade delituosa ou à adaptação característica do desenvolvimento normal através da qual procura modificar o meio, preservando os valores da espécie humana, para poder chegar a uma idade adulta positiva e criadora. Indivíduo, família, sociedade convergem na adolescência em conflitos, contradições, expressões patológicas e pseudopatológicas. O adolescente, biologicamente vulnerável desde o seu nascimento, e mais ainda neste momento de sua vida, tem frente a nossa realidade poucas opções para se realizar como indivíduo. Sua 'identidade' não consegue estruturar-se e sua ansiedade é das mais intensas, verdadeiramente existencial, porquanto seu futuro, desejado e temido, aparece como incôgnita numa distância inacessível e, ao mesmo tempo, numa proximidade apavorante." (73)

(73) Mauricio Knobel. Aspectos Psicológicos e Psiquiátricos ligados ao Uso de Drogas pelos Adolescentes. Texto mimeografado, p.2

"Os jovens imediatamente capitalizaram sobre essa desordem. Desde o despertar da razão provoca-se a sua contestação sem prever até onde ela iria chegar. E eles aprenderam depressa uma lição que lhes permitia livrar-se da sua responsabilidade, e que colocava os pais como culpados reincidentes. Eles fizeram tudo voar com estrondo: os valores, as regras morais, os princípios essenciais, o respeito, a autoridade, etc. Isso se traduzia por uma crítica leve, imprecisa, mas constante e cada vez mais aguda. O poder da sexualidade ordenado, conforme critérios estabelecidos, saltou em primeiro lugar: sob pretexto de por fim aos tabus (dos quais todos falam sem saber muito bem o que são), entregaram-se ao pansexualismo mais exagerado. Depois foi a contestação política que atingiu os seus pontos mais altos nas lutas de maio de 1968. Em seguida, não restava mais do que levar a contestação a todas as estruturas: foi o movimento hippie. Com ele, iria aparecer o pote, a herva e a ladainha das drogas." (74)

Outro problema encontrado na análise das leituras realizadas é a tentativa de vários autores em reduzir a fenômeno individual um fenômeno que é essencialmente de massa. Voltarei a estudar esta questão mais amplamente nos capítulos que se seguem, pois é um aspecto que se reveste de grande importância. Parece-me, a princípio,

(74) Paul Eugène Charboneau. *Juventude, droga e família*. In: *Drogas e drogados*, p.107

que tal atitude, influenciada por um psicologismo moralizante, tem o objetivo claro de colocá-lo na lista dos culpados. Num passe de mágica você se torna um dos possíveis responsáveis pelo uso da maconha, isto se não for um pai presente, se brigar com seu cõnjuge, se se desquitar ou se não tiver força de vontade!

"DEPENDE DE VOCÊ

*A paz que você reclama e tenta encontrar...
depende de você.*

A bondade que você admira nas pessoas e sonha possuir...

depende de você.

*O diálogo, a base de toda a convivência...
depende de você.*

*A realização que você julga essencial...
depende de você.*

*O amor que você quer encontrar nos outros...
depende de você.*

Pondere:

Queixar-se ou produzir, atrapalhar ou servir, desprezar ou valorizar, revoltar-se ou colaborar, estacionar ou progredir...

é uma questão de escolha...

e esta escolha

DEPENDE DE VOCÊ." (75)

(75) Helena Demetrio Gasparini. *Manual básico aos Educadores - Programa Educativo de Prevenção ao uso in devido de Entorpecentes. P.1*

"As brigas e separações dos pais diante dos filhos não são episódios estanques e separados. Estes fatos deixam marcas muito profundas na personalidade em formação dos filhos. E observamos cenas criminosas por parte de pais levianos e desinformados, que são até geradores dos viciados ou criminosos de amanhã.

MEDITE SOBRE ISTO" (76)

"A vontade deve ser treinada para reagir. Todo homem de personalidade fez seu tirocínio, exerceu paciente e persistente luta contra as inclinações da natureza. As ferramentas de trabalho para a construção do homem estão dentro de cada indivíduo. Cada um será seu próprio artífice. Os heróis da humanidade travaram lutas permanentes para se afirmarem, para serem alguém. As obras primas do espírito humano não foram escritas de um lance. Não são obras do acaso os nossos heróis. O gênio é fruto de longa paciência. Deve um programa de educação anti-droga treinar a vontade e fortalecê-la para reagir." (77)

Finalmente devo voltar à questão do Método.

Sem dúvida o que está como pano de fundo de toda esta análise que fiz do discurso dos autores, não é saber, por exemplo, se se pode ou não fumar a "cannabis". An

(76) Edson Ferrarini. *Op. cit.* p.42

(77) Alberto Nepomuceno de Oliveira. *Op. cit.* p.88

tes disto, o que está a encobrir ainda mais o fenômeno é um problema central, para o qual, nenhum dos autores, sem exceção, atentou. O que está em questão é a Metodologia de investigação e de discussão do fenômeno maconha. Enfim, como estudá-lo e discutí-lo?

O estudo do fenômeno é sem dúvida, ou melhor, deve ser sempre interdisciplinar. O que se nota, no entanto, é que o cientificismo proposto na sua discussão está permeado por uma biologia mecanicista que simplesmente narra as alterações no organismo humano; por uma química pragmática que pormenoriza os agentes encontrados na erva; por uma psicologia behaviorista que descreve as mutações no comportamento animal, tanto racional como irracional; por uma sociologia durkheimiana que vê o "fato social como coisa".

O estudo de tal fenômeno não pode ser reduzido à simples verificação de uma fórmula química ou à observação dos efeitos do tetrahydrocannabinol em ratos de laboratório. Sem o direito de ignorá-los, estes resultados têm que levar em conta a simples verdade de que o homem é diferente do rato, verdade essa que a ciência veio a assimilar muito tarde.

Pensam, também, muitos autores, que ao apresentarem estatísticas dramáticas provindas de "pesquisas controladas" estão fazendo ciência inquestionável. Ainda devem estar envolvidos no mito cartesiano de que o Método Experimental é a única maneira de se fazer ciência. Como veremos mais tarde, há sérias e grandes dificuldades na pesquisa da "cannabis", provindas, em grande parte, pelo aspecto limitado e parcial dos métodos científicos propostos até agora para o seu estudo.

É preciso, porém, ir mais longe.

Não se deve neutralizar ou desmerecer o estudo que as ciências físico-químicas façam da "cannabis", sob pena de perdermos valiosa contribuição. No entanto, o uso da "cannabis" é um fenômeno essencialmente humano, e como tal deve ser "des-velado".

As ciências humanas, portanto, é que devem o mais urgentemente se debruçar sobre o fenômeno para elucidá-lo. Assim sendo, a problemática que envolve o estudo da "cannabis" é, a "fortiori", a mesma que envolve as ciências humanas em geral. A discussão dos fundamentos ontológicos e epistemológicos no estudo da maconha é, sem dúvida, em menor escala, a mesma discussão ontológica e epistemológica que envolve o SER e suas relações mais gerais.

Somos, por todos esses aspectos, reconduzidos ao problema mais vasto, a saber: a questão do método em ciências humanas.

Nestas não é possível, como postulava Durkheim, desenvolver o método cartesiano, colocando em dúvida o saber já postulado, pois o pesquisador, mesmo não conscientemente, joga muitas vezes com pré-conceitos implícitos que bloqueiam a possibilidade de compreensão do fenômeno.

O que distancia as ciências positivas das ciências humanas não é simplesmente uma diferença do objeto a ser estudado. Verifica-se também um radical afastamento de perspectivas. As primeiras partes de postulados já adquiridos em busca da formulação de leis gerais. As segundas vão em busca de um estudo mais compreensivo do que explicativo das vivências humanas.

O quadro que envolve a "cannabis" deve ser estudado sob este prisma humanista, sob pena de, a pretexto de rea-

lismo, moralismo ou cientificismo, afastarmo-nos decididamente das pessoas que usam da maconha, beirando a possibilidade de rejeitá-las socialmente.

E foi isto que se percebeu no pensamento dos teóricos estudados.

Todos eles, ora controlados pelos ditames de sua especialidade, então limitados e parciais, ora imbuídos de sentimentos religiosos, então moralistas e moralizantes, ora respaldados em pesquisas e estatísticas científicas, daí por vezes fechados a novos dados, todos eles, dizia, não conseguem dar uma contribuição mais profunda, pois sequer discutem a questão do método em seus livros. E o que é pior: nem a levam em conta.

Por esta razão chegam, no mais das vezes, a conclusões permeadas por um pensamento mágico, quase primitivo, por um pragmatismo envolvente, onde as soluções são apresentadas diluídas no encantamento e no simplismo de ações fantasiosas:

"A estratégia está firmada: aos traficantes, repressão total e o rigor da lei; aos dependentes, estímulo, tratamento e recuperação; aos experimentadores e curiosos, um diálogo franco de advertência." (78)

"Pode-se afirmar que os cientistas vão partir dos perigosos psicotrópicos para encon-

(78) Celso Telles. *Aspectos jurídico-policiais da Toxicomania*. In: *Drogas e drogados*, p.261

trair as drogas mansas que os laboratórios es
tão prestes a manipular, capazes de conduzir
e promover o ser humano sem deprimi-lo. Num
lampejo de esperança podemos também antever
que a fome de felicidade que o jovem procura
através da droga é a própria fome de Deus. Um
Deus que vai ser encontrado, conquistado, pos
suído. Um Deus que está ao alcance das mãos.
Um Deus escondido na dimensão frágil da crian-
cinha. Um Deus vestido na figura de mendi-
go, um Deus que um dia se fez jovem, de ca-
belos longos." (79)

"Da mesma forma que o alcoôlatra vai lutar
toda sua vida contra o PRIMEIRO GOLE, você, vi
ciado em maconha, vai lutar contra o PRIMEI-
RO TRAGO durante toda sua vida. NÃO É IM-
POSSIVEL, basta querer." (80)

"Esta espécie de conhecimento, que ultrapasa
o utilitarismo, envolve experiências que
não podem ser conhecidas, a não ser que de-
las participemos: experiências de beleza, de
amor e da maneira religiosa ou pessoal de sen
tir nossa unidade com a totalidade daquilo
que é Real. Para sermos humanos globais, pre
cisamos ser tanto poetas como cientistas, tan
to amantes como técnicos. À medida que ama-
durece o amor humano, ele torna a pessoa mais
sensível a todo o seu envoltório cósmico e is

(79) Alberto Nepomuceno de Oliveira. Op. cit. p.94

(80) Edson Ferrarini. Op. cit. p.144

to parece ser parte de uma plena experiência mística." (81)

"Embora este livro apresente, em apêndice, alguns conselhos alimentares para eliminação das doenças causadas pela ingestão de drogas, queremos aqui sugerir, a quem nos lê, uma mudança imediata nos seus hábitos alimentares, a fim de prevenir, além de várias doenças, a terrível tentação da droga. Assim, amigo leitor (jovem ou não) se ainda não se drogou, passe a alimentar-se, genericamente, da seguinte forma (proporções em volume):

50% de cereais integrais

25 a 30% de vegetais (exceto batatas, tomates e beringelas)

10 a 15% de leguminosas (feijões)

5% de sopas de vegetais, condimentadas com "yogurte" vegetal (miso)

5% de vegetais do mar (algas)." (82)

Ao terminar esta primeira parte do trabalho vejo o fenômeno maconha ainda encoberto, enquanto as dúvidas e incertezas continuam. O fenômeno ainda não se mostrou, o que aguça a vontade continuar a pesquisa, buscando, principalmente, uma metodologia de investigação que venha a contribuir mais profundamente no seu des-velamento e compreensão. Saberã então, o leitor, que estaremos nos aproximando decididamente da Fenomenologia.

(81) J. Treiger. *As drogas são más?* p.28

(82) George Oshawa et alii. *Op. cit.* p.56

CAPÍTULO II

JUSTIFICATIVA, PROPOSIÇÃO DO PROBLEMA E METODOLOGIA

1. NECESSIDADE DE PESQUISAS

A "cannabis" é um vasto campo de estudos. Em todo o mundo, os mais diversos tipos de cientistas, ou mesmo aqueles que não o são, têm se pronunciado sobre o tema. No Brasil, muitos escrevem a seu respeito: psiquiatras, farmacólogos, coronéis, médicos, psicólogos, policiais, juizes, jornalistas, padres e pastores, todos se preocupam em estabelecer a "condição de um maconheiro" — seu perfil, e o "que o leva a fumar" — as suas causas.

Porém, ao lado de tantas controvérsias como as que já demonstrei, vários autores, insatisfeitos com o resultado das pesquisas, sugerem que se estude mais sobre a "cannabis":

"Recomendam-se pesquisas sobre a Toxicologia e Alcoolismo e as Toxicomanias, bem como sobre as origens sócio-familiares das condutas de violência... Lamenta-se principalmente a ausência de pesquisas mais coerentes sobre o assunto." (1)

"... O Congresso está insistindo para que haja outro estudo antes de contemplar as revisões finais das leis que regulam o uso da maconha." (2)

(1) Jean Bergeret. *Toxicomania e Personalidade*, p.69

(2) Donald B. Louria. *A vitória sobre as drogas. Um programa de ação*, p.67

"De facto, não se reflectiu ainda suficientemente nos problemas que este flagelo põe, não existe uma consciência comum de sua extensão, muitas vezes nem sequer se tem nitidamente noção da dimensão das responsabilidades de que estamos incumbidos." (3)

Percebe-se em cada estudioso um ponto de dúvida, um quê de hesitação, levando-me a observar que a maconha ainda não foi compreendida em uma totalidade, sendo que as descobertas são ainda insuficientes.

Já constatei que os autores pesquisados não se preocupam com a questão principal da Metodologia do estudo do fenómeno, surgindo daí atitudes apriorísticas: a censura, a rejeição, a marginalização e a estigmatização. Desobrigando-se, muitas vezes, do esforço à compreensão do fenómeno, chegam a um terrorismo intelectual, que só faz distanciar o diálogo de maneira fatal. Tal discurso, em sua maioria, sugere como solução três caminhos que são tão simplistas quanto inexecuíveis: 1) a força de vontade do indivíduo em não fumar ou parar de fumar; 2) o extermínio da planta; 3) a extinção dos traficantes.

Apesar disto, o consumo da maconha aumenta, tornando-se uma realidade incontestada na sociedade humana. Basta conversar com as pessoas, ir ao campo de futebol, festas, clubes, favelas, bailes, boates, unidades da Febem, OSEM, escolas, cárceres, enfim, em qualquer lugar, o uso da maconha tomou proporções de acontecimento cotidiano.

(Nas escolas, principalmente, os profissionais da edu

(3) Yves Pélucier e Guy Thuillier. *A droga*, p.87

cação encontram-se em um dilema: se tocam no assunto com os alunos acreditam que podem aguçar-lhes a curiosidade, se não a falam acham que pecam por omissão. Geralmente seguem a segunda opção.

São inúmeras, como se pode constatar, as razões e justificativas para continuar o estudo.

2. O PROBLEMA

A maconha é um fenômeno que aparece, que emerge com tal força e igual polêmica e que leva o cientista humano a se dispor na busca de retirá-lo do seu estado oculto, de trazê-lo à luz.

O problema, para mim é inquietante pois vejo com clareza que, até agora, tudo o que se fez ou se falou sobre a maconha e o seu consumo, mais a oculta do que a desvela. Vale dizer também que o que lemos não satisfaz minha curiosidade e apreensão, pelo contrário, fez surgir o desassossego e a inquietude perante o fenômeno.

É comum encontrar pessoas que se posicionam "contra" ou a "favor" do consumo da maconha. Os pais, de maneira especial, indagam muito ansiosos sobre as causas do uso da "cannabis". Pensam que, em sabendo das causas, poderão evitar, quase magicamente, que seus filhos se tornem "maco-nheiros". Tanto isso é verdade que extensa literatura desenvolve parte de seus estudos nas "causas" e em "como evitar".

É importante salientar que estudar causas não significa estudar o fenômeno. Arrolá-las significa tão somente

obter as informações que permitem estabelecer onticamente a sua facticidade (4). O que interessa, aqui e agora, é estudar a maconha não mais na sua imanência, sem preocupações em descrevê-la ou classificá-la, ou sequer de buscar causas e explicações. Cabe pois, estudar sua significação existencial-ontológica (5). Interessa analisar e des-velar a convivência - que - a - pessoa - no - mundo tem com ela. O problema que conduzirá o meu estudo é, pois, o que significa conviver-com-a-maconha?

3. METODOLOGIA

O projeto fenomenológico a que me proponho leva-me ao estudo da convivência-com-a-maconha não condicionada a prē-conceitos, prē-dados, ou hipóteses adrede preparadas. Deixo de lado o argumento básico de outras ciências que diz que as pessoas que com ela tem convivido, os ditos "maconheiros-viciados", sofrem de alguma "condição" e desempenham sempre variações pouco ortodoxas de comportamento aceito socialmente como "normal".

Tal projeto me conduz, pois, pelo caminho da compreensão da pessoa que con-vive-com-a-maconha, a fim de percebê-la, por assim dizer, do seu interior, do ponto de vista da intenção que a anima. Proponho então o estudo da dimensão subjetiva do fenômeno, o que o distingue como essencialmente humano. Não é possível simplesmente se po-

(4) Martin Heidegger. Ser-no-mundo como ser-com e ser-si mesmo. o "a gente". In: Dulce M. Critelli. Todos nós ...ninguém., p.38

(5) Ibidem, p.38

sicionar contra ou a favor; não é possível separar hermeticamente as pessoas que a consomem, identificando-as como "mãs" ou "doentes". O cientista humano que se quer compreensivo permite encontrar-se com uma vivência psíquica e social que não é a sua. Nem é "melhor" nem é "pior", mas diferente. Baseados nesta verdade, em vez de partir aprioristicamente no combate e condenação dos "maconheiros", faz-se urgente ouvir o discurso ainda inaudível destas pessoas. São deixando-as falar, deixando-as se expressar, são então poderemos analisar compreensivamente o seu existir-mesmo-com-a-maconha, a sua con-vivência.

Como já analisei a atitude de diversos cientistas tem sido bem o oposto desta proposta. Na busca incansável da condição mecânica causa-efeito, obtem somente informes factuais, "confundindo a descoberta de causas exteriores do fenômeno com a natureza própria deste fenômeno" (6). Deste modo, as descrições e explicações emergem sempre a partir do ponto de vista de quem vê a maconha de longe, e nunca a partir do interior-de-quem-com-ela-convive.

A compreensão do fenômeno maconha pressupõe o seu des-velamento ontológico. O fenômeno deve mostrar-se para mim na sua totalidade, enfim, na sua essência. Não sou eu, um cientista, que fico de longe e ingênuo, observando o fenômeno como se fosse auto-evidente, mas é a pessoa-no-mundo, com sua vivência original, com sua cotidianidade que me fala: "Eu-vivo-com-a-maconha-assim..." Os discursos das pessoas que convivem-com-a-maconha, serão submetidos a interpretação. A partir desta interpretação será possível

(6) André Dartigues . *O que é a fenomenologia?*, p.19

analisar como a maconha é vista pelos que dela se utilizam e como têm convivido-com-ela. "Trata-se, pois, de decifrar o sentido do texto da existência". (7)

Sõ nos aproximamos da pessoa que usa da maconha no momento em que ela pode contar um pouco de sua vida, um pouco de seu cotidiano. Para tanto, e direcionando nossas investigações para que isso ocorra, é necessário apresentar corretamente a questão, delimitando um procedimento que ofereça possibilidade de a pessoa se expressar, falar de si sem medo, colocar em evidência a sua verdade.

Participaram, então, deste estudo adolescentes e adultos, que puderam e quiseram oferecer respostas às seguintes questões: Como você tem convivido-com-a-maconha? Como ela participa de sua vida? Conte o que ela significa para você, como você a vê, como você a sente.

Algumas pessoas foram entrevistadas em situação de Aconselhamento no Instituto em que trabalho. Outras foram entrevistadas em escolas públicas de periferia, na Capital, da seguinte forma: O diretor anunciava, nas classes do curso Colegial, que em determinado horário e dia viria um pedagogo conversar com eles sobre aspectos da adolescência no mundo moderno. A presença não era obrigatória mas as aulas daquele horário seriam suspensas e os que não quisessem assistir ao encontro poderiam ficar no pátio esperando as outras aulas.

A presença foi maciça, obrigando-me a voltar duas ou três vezes em cada escola. O encontro com os jovens era

(7) Ibidem. passim

dividido em dois momentos; um, em que expunha de maneira genérica alguns aspectos da juventude no mundo atual, incluindo de passagem a questão da maconha. Em outro discutimos os aspectos levantados. Era dito, então, que estava estudando o assunto maconha e que gostaria de sua colaboração voluntária. São escreveria quem desejasse. Foi-lhes dito que não colocassem seu nome nas folhas e que, quando da apresentação de seus escritos em nosso estudo, nem o nome da escola seria mencionado. Essa mesma instrução foi dada aos que se pronunciaram na situação de Aconselhamento. Duas pessoas, na situação de Aconselhamento, não puderam escrever pois se diziam semi-alfabetizadas. Propuseram, assim, que gravasse sua fala. Tanto a redação daqueles como a gravação destes foram transcritas neste estudo "ipsis litteris".

As pessoas que escreveram não constituem amostra ou população. A ida a escolas sempre atendeu a um convite do diretor e as pessoas que se manifestaram a respeito o fizeram sempre de livre vontade e, de uma forma ou de outra, têm uma experiência com a "cannabis".

Antes de apresentar e interpretar tais discursos farei uma reflexão sobre as dificuldades encontradas no estudo de tal fenômeno.

CAPÍTULO III

O OCULTAMENTO DO FENÔMENO

O fenômeno maconha é de difícil análise e desvelamento. Mostrarei e comentarei aspectos que têm impedido uma reflexão mais profunda e segura, a esse respeito.

1. A MELHOR DEFESA É O ATAQUE

Quando universitário, dirigia uma comunidade de jovens que habitavam favelas, num morro. Não posso esquecer do acontecido no dia em que levei um especialista em drogas, para proferir uma palestra. O discurso, como só poderia acontecer, foi veemente e alertava aqueles jovens contra os perigos do fumo. No final, um deles nos repeliu dramaticamente:

"... Eu sei porque vocês vem falar isto agora. O problema aqui em cima é muito antigo. Agora o seis vão começa a senti o drama lá em baixo. Tudo bem, meo, mas a gente não vai larga o fumo. Muita gente vive disto aqui em cima. São que a gente não que sabe deste papo. O mei pai foi preso aqui no morro, e foi para a prisão. Ele não era viciado, lá dentro teve que exprimentã de tudo e entro no 'trabalho'. Eu procurei todo o mundo para pode ajuda ele. Falei com o médico da prisão, com o delegado, com a assistente social, ninguém fez um trampo por ele. Até com o jornalista que veio fazer uma reportagem da sua prisão eu falei. Ele morreu de porrada na

prisão porque não quis passã. E abafaram tu do. O atestado de óbito diz que foi enfarte. Mas eu vi o estado que ele ficou. Meo, infarte não quebra a cara, não quebra o braço. Agora muita gente lã em baixo vai senti o drama. Olha, eu quero que todo mundo se fo da..."

Não podendo conter a raiva e as lágrimas, ele saiu da sala, entre ofegante e profeta, deixando-nos no silêncio que o seu falar provocou. Mais tarde, pude ver o atestado de óbito e confirmei o dito.

O rapaz parecia ter muita razão. A maconha não é um fenômeno novo, pois transita nos morros, favelas e prisões desde há muito, atingindo uma classe social considerada por muitos do tipo sucata. A maconha, porém, desceu o morro, abandonou as favelas, saiu das prisões, instalando-se entre todas as pessoas, sã então passando a incomodar e ameaçar. Decorrentes destes fatores, surgem comumente atitudes sistemáticas de proteção pessoal ou social, concretizadas na acusação aos que, sumariamente, foram sentenciados como culpados: os pipoqueiros ou vendedores de amendoim (1), a família, a fuga da realidade, a TV, e até a que la caixinha de remédios, a "farmacinha" que existe em cada casa, etc:

(1) É muito comum ouvir frases como esta: "Cuidado, crianças, não aceitem ou comam balas, amendoim ou pipocas na rua."

Como curiosidade, vale lembrar que conheci uma escola, na Capital, que sã permitia a venda de pipocas por pipoqueiros credenciados pela Secretaria do estabelecimento, com seus respectivos crachãs.

"A droga pode ser fornecida por pipoqueiros, que ficam na porta das escolas; ... Realmente, próximo às escolas, os traficantes encontram um bom lugar para se colocarem e isto é feito o mais dissimuladamente possível. A comunicação é por gírias ou frases monossilábicas, perfeitamente entendidas entre o traficante e o viciado." (2)

"Um senhor japonês, manhãs e tardes sentado em um caixote em frente a uma escola de primeiro grau nas proximidades da praça Princesa Isabel, em São Paulo. Seu negócio modesto, era uma pequena barraca de doces e biscoitos; muito estimado pelas crianças da escola; ... O rapaz de cabelos encaracolados, roupa surrada, circulando com ampla liberdade pelos corredores e pátios de um cursinho famoso na zona sul da cidade, pequena caixa pendurada à altura do peito, anunciando — com opção — o seu produto: "amendoim simples ou especial"? ... O doceiro japonês vendia maconha ali há quatro anos. Seus clientes principais eram quatro meninas — três delas de 13 anos e uma com 12 anos de idade. Elas conheciam o traficante há anos, quando receberam dele algumas balas, pequenas porções de maconha; ... O rapaz de cabelos encaracolados perguntava se seus fregueses queriam amendoim simples ou especial, simplesmente porque muitos clientes certos sabiam distinguir:

(2) Edson Ferrarini. Tóxico e Alcoolismo., p.91

o simples, apenas amendoim; o especial, fornecido em canudinho de papel, trazia uma pequena dose de maconha. O rapaz foi preso...

(3)

"Podemos dizer que o viciado se transforma em um generoso, dentro da família, que se formos analisar é a causadora do vício. Assim é que o viciado passa a ser a latrina onde são depositadas todas as causas das neuroses e de sentimentos entre os pais e os demais membros da família." (4)

"Assim, nele (no adolescente) se multiplicam as perguntas sem respostas. Quando compreende de que não tem mais nada a fazer entre esses dois seres (os pais) que se torturam, o adolescente procura fugir. Nada talvez é tão universalmente reconhecido quanto o aspecto de fuga, de alienação que toda a droga desenvolve. Ela assegura a existência fora da existência, ela substitui a realidade pelo sonho, permite fugir àquele que se sente perseguido; faz desaparecer as cadeias que o mal havia forjado. É para voar à procura do fluido dos sonhos que o adolescente recorre às drogas... A Toxicomania é sempre, sob qualquer forma que seja praticada, uma escapatória, pela qual o jovem tenta separar-se do mundo de desafeição que o cerca." (5)

(3) Percival de Souza. *Society Cocaína*, p.98

(4) Edson Ferrarini. *Op. cit.*, p.109

(5) Paul Eugène Charbonneau. *Drogas e drogados*, p.133

"... além do mais, em nosso perturbado país, a infelicidade penetrante tornou-se uma característica de uma percentagem significativa dos nossos jovens e, devido aos nossos meios de comunicação, essa infelicidade se torna literalmente doença contagiosa entre os jovens e, mais do que qualquer outro grupo, os infelizes são impulsionados para o abuso das drogas." (6)

"Ayush Amar explica o que é este 'paraíso químico': É aquela farmacinha que todos têm em casa, onde o jovem, desde pequeno, vê que quando alguém tem dor de cabeça, pega um comprimido e sara; se tem insônia ou se está nervoso toma um calmante. Com isso acontece um condicionamento — quando se têm algum problema, o comprimido resolve. O adolescente, então, durante uma crise de angústia ou alguma dificuldade na escola, ou com amigos, tem uma solução pronta no remédio." (7)

Esta postura de defesa assumida em geral por alguns segmentos da sociedade e, como vimos, a conseqüente acusação a pessoas e camadas sociais, são um dos aspectos que dificultam sobremaneira o des-velamento e análise do fenômeno. Explico: rapidamente, então, são encontrados "culpados" que passam a ser vistos como "causas" do fenômeno, e que, se eliminados viriam, magicamente, resolver o problema.

(6) Donald B. Lauria. *Vitória sobre as drogas*, p.29

(7) Um vício que se aprende me casa. *Folletín*, p.11

Não sō isto.

Sempre são apontados como culpados aqueles indivi-
duos mais prōximos ou os aspectos mais simples da realida-
de, com o objetivo de poder "engajar as pessoas nesta lu-
ta"; se os filhos forem afastados dos pipōqueiros, se o jo-
vem se comprometer em não "fugir de seus problemas", ou atē
se a mãe jogar fora sua caixinha de remēdios, aĩ, tudo es-
tarã resolvido. Os problemas não existirão mais, pois as
pessoas estarão "imunizadas" dos perigos da maconha. O fe-
nōmeno, como que por encantamento, "desaparece", passando
a não mais incomodar.

Atitudes como estas, baseadas no antigo axioma "eli-
minadas as causas, cessam os efeitos", passam a entrar
os processos de anãlise da maconha. Um fenōmeno de massa,
de amplas caracterĩsticas, ligado a uma rede de trãfico de
proporçōes internacionais, envolvido sempre com fabulosas
sommas de dinheiro, geralmente em dōlares, e situado em meio
a perigosas intrigas polĩticas e policiais, ē, então, sim-
plisticamente reduzido a "culpados" de ĩnfimas possibilida-
des e consequēncias.

Nesta mesma linha de anãlise observa-se que a maco-
nha ē constantemente mostrada ã população como razão de cri-
mes e assaltos. Vãrios programas de rãdio que fazem, ho-
je, a "crōnica policial", e vãrios outros segmentos da im-
prensa escrita, insistem em apresentar a maconha em estrej-
ta ligação com o banditismo e como causa do aumento da cri-
minalidade.

Embora tenha apresentado, na primeira parte des-
te trabalho, a opinião de diferentes cientistas que provam
existir sērias dũvidas e profundas contradiçōes a esse res-
peito, a imprensa ainda insiste nesta perspectiva, muitas

vezes forçando esta ligação:

"PEIXEIRO MORTO COM 4 TIROS NA CABEÇA TINHA
MACONHA NOS BOLSOS

Belém, Pará (NP) — O peixeiro Augusto de Oliveira Neves, o "Chilado" (28 anos, bairro do Atalaia) foi assassinado com quatro balas na cabeça, por volta das 21 horas, na Rua Magalhães Barata, no Benguí. O assassino fugiu e ainda não foi identificado. A polícia esteve no local e encontrou três "fininhos" de maconha no bolso das calças da vítima, acreditando que o crime tenha ligação com o tóxico." (8)

"BEBEU, FUMOU MACONHA E ASSASSINOU
A PRÓPRIA MÃE

Dona Luiz Marta da Costa, de 47 anos, presenciou que a morte estava entrando em sua casa quando o filho José Benedito, de 29 anos, abriu a porta com um chute. Passavam poucos minutos das 23 horas de domingo e a família assistia a um filme na televisão:

— Vou acabar com tudo! — berrou José Benedito. Seus irmãos e irmãs notaram os olhos avermelhados do homem, congestionados pela maconha e pela cachaça. A família, atropelando-se, entrou num quarto ao lado e tentou fechar a porta." (9)

(8) Notícias Populares. 4 março 1985, p.7

(9) Ibidem. 5 março 1985, p.6

"BÊBADO E MACONHADO, MATA
A PRÓPRIA MÃE" (10)

"DINAMITE E MACONHA NO CARNAVAL DOS VICIADOS: Quarenta e seis bananas de dinamite, aparentando deterioração, foram apreendidas na madrugada de ontem, depois que a Rota 9128 surpreendeu Omoriel do Rocio Garcia do Nascimento, de 33 anos, e Edvan Alves da Silva, de 31, motorista do táxi Volks HG-2190, transportando um tijolo de maconha prensada nesse veículo, na Av. Jabaquara, ao que tudo indica para o carnaval dos viciados." (11)

Ao mesmo tempo em que o fenômeno maconha é reconhecido gratuitamente como causa da criminalidade crescente, outros aspectos graves que geralmente acompanham o crime são sumariamente esquecidos, como tal a fome, o desemprego, a falta de educação básica, ou o extenso processo de massificação em que vivemos.

A tendência que se vê afirmar mais e sempre na sociedade brasileira de penalizar a maconha estreitando-a na ligação ao crime, faz, mais uma vez, o fenômeno submergir, ocultando-o numa onda e grau de repressão, aversão e preconceitos que cerceiam possibilidades de um debate aberto e franco.

(10) Ibidem. Manchete principal. 5 março 1985, p.1

(11) Ibidem. 18 fevereiro 1985, p.6

2. A REPRESSÃO VERSUS A POSSÍVEL PROPAGAÇÃO

Outro fator de extrema importância a impedir os processos de reflexão sobre a "cannabis" é, sem dúvida, a discrepância observada, principalmente na ação do Estado, entre a repressão contínua em alguns lugares e circunstâncias, e a possibilidade de incentivo ou propagação em outros.

Muitos aspectos ganham relevância quando se estuda o fenômeno maconha e, no que diz respeito à responsabilidade da ação do Estado, surge o problema de até que ponto pode ele intervir na vida pessoal do homem e na sua vontade. Até hoje, o Estado tem interferido condenando, a priori, o consumo da maconha, havendo leis internacionais que a proíbem. Foram realizadas até hoje experiências esparsas de liberação de sua venda.

Nota-se, porém, uma incoerência básica na ação do Estado. Se de um lado há leis severas que o Estado formulou e obriga a cumprir, de outro, ele próprio se torna cúmplice direto da propagação. Vejamos: uma das circunstâncias onde a maconha é permitida é numa guerra, onde em nome da segurança nacional tudo se torna possível e até incentivado. No Vietnã, por exemplo, sabe-se de um esforço constante para a propagação da maconha ou da heroína entre os soldados. Com os prováveis objetivos de "preencher o tempo", "dar ânimo" ou "proporcionar um clima de maior prazer e satisfação", elas foram vendidas a preço baixo, incentivando-se assim, deliberadamente, o seu consumo. Ao voltar para a pátria, retornaram também com os usos e costumes aprendidos na guerra distante:

"It is claimed that, by the beginning of 1971

praticamente todos os soldados fumavam a droga, cuja marca preferida era "Vermelho Cambodjiano", vendida a 50 centavos o maço de vinte, que estava sempre à disposição e era fortíssima.

Apesar de o Exército norte-americano não poder encorajar o uso de entorpecentes entre os soldados, sua posição é, sem dúvida, surpreendentemente, tolerante. Parece que o efeito da maconha nem sempre foi prejudicial ao seu funcionamento, e a posição de tolerância deve ter recebido algum apoio em 1971, quando Peter Lemon, soldado da infantaria no Vietnã, foi condecorado pelo presidente Nixon. Lemon, que recebeu a medalha de honra por bravura, a mais alta condecoração americana, revelou mais tarde que

virtually all soldiers were smoking the drug and that the favourite brand 'Cambodian Red', at fifty cents for a packet of twenty, was both readily available and exceedingly potent."
(12)

"Durante sua estadia no Vietnã do Sul, os soldados ficaram próximos o suficiente dos centros produtores de ópio — Tailândia, Laos e Birmania — para conseguirem com muita facilidade uma heroína com grau de pureza de 96%. Esta droga, a smack, como os soldados a chamavam, faz com que os organismos dos viciados se acostumem com uma dose tão alta de narcóticos que, de volta aos Estados Unidos, eles passavam a necessidade de muitas doses diárias de mistura de 12% de entorpecente."
(13)

"Yet despite the fact that the US military can hardly welcome the use of any drug amongst their personnel, their position is sometimes amazingly tolerant. It seems that the effect of marijuana has not always been detrimental to their functioning and the tolerant line must have received some support in 1971 when Peter Lemon, a former infantryman in Vietnam, was decorated by President Nixon. Lemon, who was given the medal of honour, America's highest award for gallantry, revealed later that he

(12) Brian Wells. *Psychedelic drugs*, p.166

(13) Percival de Souza. *Op. cit.* p.11

estava dopado com maconha durante a batalha e que sua experiência demonstrava que a droga tornava os soldados mais alertas.

had been 'stoned' on marijuana during the battle, and that it was his experience that the drug made soldiers more alert." (14)

Amplia-se mais a disparidade da ação do Estado que, nesta circunstância, "fechou os olhos" para o consumo do que ele próprio proibira. Se de um lado, através das leis, nega ao indivíduo a possibilidade do uso da maconha, de outro assume a fabricação e utilização de agentes tóxicos poderosos, deliberadamente promovidas com a finalidade de criar armas potentes. São que o uso indiscriminado deste tipo de agente tóxico faz, muitas vezes, o "feitiço envenenar o feiticeiro":

"A cena se repetiu com frequência na guerra do Vietnã. Aviões americanos deslizavam suavemente sobre as selvas do país e despejavam milhões de litros do temível Agente Laranja — um dos mais poderosos e nocivos herbicidas já fabricados, transformando rapidamente em deserto densas matas que serviam de abrigo aos guerrilheiros vietcongs. Com o fim da guerra, milhares de soldados dos Estados Unidos retornaram a seus lares para descobrir, pouco depois, que a destruição provocada pelo tóxico não se restringira à paisagem vietnamita. Eles próprios começaram a sofrer lesões na pele, distúrbios no fígado e no sistema nervoso, enquanto suas mulheres abortavam com frequência e geravam filhos defeituosos. A resposta de 50.000 ex-combaten

(14) Brian Wells. Op. cit. p.167

tes no Vietnã veio na forma de uma inédita ação judicial nos tribunais americanos, concluída na semana passada com acordo -- minutos antes de o processo ser julgado pela Corte Distrital do Brooklin, em Nova York -- em que as sete grandes empresas fornecedoras do Agente Laranja para o Exército americano se comprometeram a pagar com juros, por um prazo de 25 anos, 180 milhões de dólares em compensação a centenas de veteranos. Até o final da década, a quantia chegará a 250 milhões de dólares, a maior até hoje desembolsada num acordo judicial em toda a história do país." (15)

Além destes aspectos, vejo que as drogas são utilizadas de maneira indiscriminada pelo Estado na tortura de presos políticos. Há vários países que estão sendo acusados pela Anistia Internacional:

"Entre os países europeus denunciados estão a Grã-Bretanha -- acusada de tortura na Irlanda do Norte --, a Polônia e a União Soviética -- onde se usam drogas e se utiliza a psiquiatria contra presos políticos. No Oriente Médio, pratica-se a tortura, entre outras regiões, nos territórios ocupados por Israel, na Síria e no Irã; neste último, 'crianças foram obrigadas a presenciar torturas aplicadas a suas mães.' A Anistia Internacional considera urgente a adoção de uma

(15) Feridas Abertas. Revista Veja, Maio 1984, p.38

convenção contra a tortura, atualmente em discussão na ONU." (16)

Outra situação de extrema incoerência é constante nos presídios, por exemplo, da cidade de São Paulo.

É muito comum ouvir de pessoas que já estiveram presas que a maconha (principalmente por ser barata e facilmente falsificada) é um fator decisivo na vida dos presos. Falava-me a mulher de um preso, que fora cliente no Instituto que além de permitida ela é incentivada, pois a maconha tem peso essencial no comércio interno da prisão: troca-se maconha por boa comida, favores, proteção, sossego, etc.

As notícias também dão conta de um mercado livre e já liberado nos cárceres:

"Um traficante conhecido por Silas comprava maconha, sal de anfetamina e outras drogas, e o entorpecente entrava no presídio todas as quartas-feiras, ao meio-dia, dentro de um caminhão da Toboflex, guiado por um ex-detento. A maconha prensada era descarregada nas dependências do Patronato e à noite separada em várias porções para serem encaminhadas aos pavilhões, no dia seguinte, pela manhã. Quando os carrinhos iam ao Patronato apanhar matéria-prima, as drogas eram distribuídas e muitos presos recebiam em maconha o valor destinado ao seu trabalho. Na enfermaria do pa

(16) Relatório Anistia acusa uso de tortura. Folha de São Paulo, 9 março 1984, p.1

vilhão cinco, segundo I, eram aplicadas injeções de LSD e outras substâncias de entorpecentes. A cocaína era vendida a Cr\$ 5 mil o papelote (em 1982) e atualmente custa Cr\$ 15 mil o grama." (17)

Não sō nos cãrceres existe tal situaçãõ. Nas unidades da Febem, Osem, ou grandes internatos ligados às igrejas, a maconha ē uma realidade incontestada. Nos encontros e palestras de que participo com os monitores daquelas unidades, o seu relato dã conta de que a maconha faz parte íntima da vida cotidiana dos internos e das internas, chegando a se constatar que muitos dos menores que lã vivem fazem da maconha um ato normal e simples. Fumam com facilidade e prazer, falam dela, dividem o que têm, emprestam, pressionam os monitores a experimentar ou a fumar com eles, falam abertamente do que sentem. Ainda que a maconha seja "proibida", o clima reinante em tais lugares ē muito favorãvel ao seu consumo, ainda que dissimulado e sigiloso. No contato que tenho tido com estes monitores, noto que alēm de nãõ saberem o que fazer em tais situações (afinal "representam", ali, o Estado), se vēm "obrigados" a tolerar consumo interno sob pena de criar um impasse que os distanciaria demais do diãlogo e da convivência com os jovens. Em um dos ũltimos encontros com tais monitores, chegou-se a uma conclusãõ bãsica: se a maconha fosse retirada dos cãrceres e das unidades de reabilitaçãõ de menores haveria ali, sem dũvida, uma comoçãõ social, seguida de motim e desespero.

Obrigados muitas vezes a angariar fundos para comba

(17) A cadeia vive sua triste rotina de corrupçãõ. O Estado de Sãõ Paulo, 6 maio 1984, p.27

ter grupos terroristas, pressionados pela procura crescente, atraídos por fabulosa possibilidade de lucros e reservas, ou, muitas vezes, valendo-se da extrema miséria do povo, vários países da América Latina, transformaram a maconha em comércio de proporções econômicas internacionais. Assim, observa-se que no mundo, se há países que a proibem vigorosamente, outros há que exploram sua comercialização:

"Creio ser um bom início de conversa sobre a indústria do tóxico, falar sobre a participação de governos e países nesse processo. Recentemente dois livros tiveram muita repercussão: 'Geopolítica de la cocaína' escrito pelo Professor Rafael Cortay e editado pela Universidad de Los Andes, discorrendo sobre as atividades de traficantes junto a diferentes governos na Bolívia, em associação. O governo do General Luiz Garcia Meza e muitos de seus ministros são citados como participantes do tráfico e cultivo de cocaína, facilitando a atividade ilegal de grupos organizados com ramificações internacionais. Ex-presidentes bolivianos como Hugo Banzer, entre outros, são mencionados. A divisão de publicações da Universidad Central da Venezuela editou em 1975 o livro de sua professora, Dra. Rosa del Olmo, 'La socio-política de las drogas' abordando em seu país e região andina o problema. Rosa del Olmo enfoca o problema de um ponto de vista social e econômico analisando o significado da droga no mundo capitalista. O envolvimento de governos de países envolvidos com o tóxico transcende a América do Sul, passando pelo Haiti, Líbano e muitas outras, comprometendo senão o go

verno, o segundo escalão ou familiares." (18)

"São mais de dois bilhões de dólares por ano, são na Colômbia. Dinheiro suficiente para comprar de tudo, na América do Sul: políticos, sistema judiciário, militares, organizações noticiosas, bancos, religiosos — ou o assassinato de um ministro. Os narcodólares servem até para comprar simpatia para os grandes produtores e traficantes: passes de jogadores famosos para times de futebol, zoológicos com entrada gratuita, erradicação de favelas." (19)

"Em Bogotá, a polícia colombiana informou que as autoridades aduaneiras apreenderam 43 embarcações, comerciais ou particulares, que transportavam cocaína e maconha durante o ano passado e que 318 cidadãos colombianos foram presos por tráfico de drogas. Mesmo assim, calcula-se que saíram dos portos colombianos, em 1983, quase 300 quilos de maconha." (20)

"A quadrilha, pelo que a polícia já sabe, tinha ligações com a Bolívia (produção bruta da droga), com os Estados Unidos (distribuição e venda), entrando a droga por Miami acondicionada em toaletes de aviões da Pan American,

-
- (18) Amadeu Roselli Cruz. *Indústria do Tóxico e Indústria do anti-tóxico*, p.38
- (19) O poder da droga. *O Estado de São Paulo*, 2 novembro 1984, p.10
- (20) Bolívia queima sua cocaína. *O Estado de São Paulo*, 24 janeiro 1984, p.15

e com a própria máfia italiana. O chefe, aliás, conseguiu fugir para a Itália, aparentemente sem ter cumprido todas as ordens recebidas a respeito do 'capo' Tomazo Buschetta. Pela avaliação de um policial, a quadrilha faturava mais de Cr\$ 400 milhões por semana." (21)

Tais discrepâncias identificadas na ação do Estado, ora com leis proibitivas, ora "fechando os olhos", ora queimando plantações, ora se beneficiando dos lucros auferidos com sua comercialização, prejudicam o des-velamento do fenômeno.

Não seria muito arriscado, e até comprometedor para autoridades locais, se houvesse um estudo para analisar as relações existentes entre maconha e cárcere, em São Paulo? E se houvesse ações proibitivas em alguns países da América do Sul, o que fariam determinados governos com milhares de pessoas que, na zona rural, vivem da plantação e comércio da maconha? E nos EUA, o que faria o Estado se não "fechasse os olhos" para a demanda interna de um comércio que deve satisfazer centenas de pessoas que se viciaram na guerra?

Na análise destes problemas, aqui levantados a título de exemplos, posso observar que, ao Estado, embora defensor da não liberação do consumo, interessa sobremaneira que a maconha continue na clandestinidade, pois além de ver a sua responsabilidade social diminuída, vê também diluída e quase não aparente a sua cumplicidade já constatada.

(21) Um golpe na Máfia. *O Estado de São Paulo*, 13 novembro 1984, p.2

A ação ambígua do Estado gera um clima de tensão social causadora da ansiedade e de dúvidas: De onde vem a maconha? Por que aqui é "permitido" e ali não? Por que são alguns ganham dinheiro com o seu comércio?

Todos estes aspectos contribuem para que o fenômeno não apareça, tornando-se muito difícil, e às vezes temerosa, a sua análise.

3. A CLANDESTINIDADE

Com certeza a maconha entra em nossa sociedade pela "porta dos fundos", isto é, na clandestinidade, o que se torna mais um grande entrave em seu estudo e des-velamento.

"O mercado clandestino da droga não dá mostras de estar se debilitando. Ao contrário, grandes grupos parecem estar cada vez mais interessados no comércio ilícito de tóxicos. Há alguns anos, por exemplo, a revista "Times" denunciava que a sucursal de Miami do Federal Reserve Bank of Atlanta era a única agência bancária no sistema norte-americano de reservas a apresentar um superavit em espécie: 4,75 bilhões de dólares em 1980 e afirmava que a única explicação possível era lucros líquidos do tráfico de drogas.

São esses grupos, às vezes ligados a governos militares locais, outras vezes a organizações políticas clandestinas, ou a grupos mafiosos internacionais que fomentam a cultura do ópio na Ásia, da coca na América do Sul

e, em quase todas as regiões quentes, da maconha.

Por isso, apesar de todos os esforços ditos oficiais, o consumo cresce, ou, como diz Christian Colombani, do "Le Monde", "enquanto os chefes de Estado se irritam, a droga corre solta". (22)

Como estudar o fenômeno, sendo ele clandestino? Onde se esconde sua gênese? Qual seu caminho, sua trajetória? Como as pessoas con-vivem-na-clandestinidade? *

Essa condição, tida sempre como extraordinária e incomum, exige que o fazer-humano torne-se encoberto e feito às escondidas. Supõe-se, então, que não haja nem lógica nem sistemática, pois na ação clandestina todos os objetivos devem ser atingidos e as dificuldades igualmente superadas. Para tanto, os que vivem na clandestinidade desenvolvem, forçosamente, métodos de atuação altamente sofisticados, tornando-se capazes de resistir às mais longas pressões. Observa-se, assim, que "permitir a clandestinidade" significa, "ipso facto", estimular a sofisticação e requinte da ação combatida.

Como fruto e resultado de sociedades extensamente massificadas, o viver-na-clandestinidade, dado seu tom conspirativo e secreto, provoca ações inteligentes, rápidas, insinuantes. Por ser perigoso é estimulante, por ser ousado é desafiador.

* Clandestinidade gera clandestinidade, pois a "ação

(22) Em navios a maconha chega à Europa. Folha de São Paulo, 8 de abril 1984, p.22

contrária" tem que ser, por coerência, igualmente clandestina. E aí, quem controla quem? O Estado e os que, por exemplo, traficam a cannabis, passam a ter ações, se diferentes nos objetivos, iguais na clandestinidade, a um passo, pois, de grandes negociatas, do jeitinho, da impunidade e, principalmente, da coação.

Verifica-se também que a clandestinidade passa a interferir, decididamente, no estudo ou pesquisa que se venha a realizar do fenômeno em questão -- maconha.

Primeiramente o próprio pesquisador vê surgir, em si e nos outros, sentimentos de preocupação e inquietude, pois a diferentes grupos pode não interessar, não são o enfoque dado ao estudo, como os seus resultados. Às vezes, a tal ponto chegam as pressões, que se torna iminentemente perigosa uma pesquisa sobre fenômenos clandestinos.

No caso específico da maconha, por muitos vista como fator de segurança nacional, os dados de um estudo, se alarmantes, poderiam, eventualmente, justificar uma repressão desenfreada por parte do Estado. Se, ao contrário, não alarmantes, os dados poderiam ser considerados, por segmentos da sociedade que estimulam e acreditam na ação repressora, como mentirosos ou falsos.

Um fenômeno clandestino sempre traz em seu bojo uma série de expectativas sociais e políticas. No que diz respeito à maconha, sabe-se, hoje, que estas expectativas estão, aprioristicamente, direcionadas no sentido de desenvolver uma aversão ao seu consumo e possível legalização. O pesquisador que fosse contra esse anseio social, digamos sugerindo sua liberação e defendendo a discriminalização da maconha, correria o risco de ver sua reputação científica e pessoal abaladas. Cabe aqui levantar uma pergunta :

em uma sociedade conservadora como podemos considerar a brasileira, qual o cientista, pesquisador ou escritor que se atreveria a defender publicamente a liberação da cannabis? De todos os autores pesquisados, nenhum sequer levantou tal hipótese para posterior estudo. Todos se mostraram contrários, "a priori".

A clandestinidade não permite, pois, uma visão segura ou clarividente do fenômeno. Pelo contrário, afastando o do cientista eterniza a dificuldade em estudá-lo. Em consequência disto, nada pode garantir que o que se estuda hoje sobre a maconha não seja absolutamente insignificante amanhã; que o que se pensa para hoje já não será mais possível para depois e o que venha a se observar aqui seja bem distinto do que se constata ali.

A clandestinidade tem o demérito de impor ao meio social o medo, o mistério, e a desinformação: onde há o medo, há a coação e a subserviência; onde existe o mistério, existe o boato que denuncia parte da verdade, alterando-a, em sua essência; e a desinformação, gera o poder, a inquietude e a impossibilidade de opção consciente.

A desinformação altera de tal maneira o fenômeno que as pessoas sentem uma profunda dicotomia interior: ao mesmo tempo em que "possuem a verdade" (provocada pelo boato, pela bisbilhotice) possuem também a "dúvida" (provocada pela ausência de dados e pela conseqüente hesitação em tomar uma decisão ou partido).

Esta análise que ora elaboro sobre a clandestinidade mostra, por extensão, que o debate sobre o fenômeno e a procura de informações ficam relegadas ao terreno de oportunidades individuais e do comportamento pessoal. Se considerados aqui os dados políticos, econômicos e sociais em

questão, aqueles que detêm algum tipo de informação sobre o fenômeno passam a gozar de espaço, poder e prestígio inigualáveis, permeados sempre pela possibilidade do tráfico de influências e do estrelismo pessoal. Afinal se em nossa sociedade, ter poder significa, também, ter informações, não as ter, implica necessariamente no viver na dúvida e na marginalização.

A complexidade gerada por essa situação resulta em evidente risco de um viver existencial pleno de lendas e fantasias míticas, levando ao servilismo e à possibilidade de pânico pessoal ou social.

A clandestinidade, portanto, induzirá sempre e mais à proliferação da incerteza e da desinformação. A sucessão de notícias, de origem desconhecida que as autentique, transforma-se, então, numa onda de boatos. Por ser um fenômeno de comunicação social, o boato é, certamente, nestes casos clandestinos, manipulados por grupos sociais que, valendo-se da ingenuidade, do medo ou do excesso de credulidade, lançam na comunidade mensagens caracterizadas pela malícia e, obviamente, pela falsidade.

Urge ressaltar também que do ponto-de-vista econômico, uma importante e esquecida face do fenômeno, surgem tantas e sêrias indagações que muito difícilmente poderão ser analisadas. O economista Paul Singer observa com exatidão e propriedade o problema que estou discutindo:

"Quais são as classes sociais, quais são os grupos de renda que consomem esses produtos? O que acontece quando os preços desses produtos aumentam? Cai o consumo ou não cai o consumo?... Qual seria o efeito da proibição legal do uso e da distribuição desses pro

dutos sobre a sua demanda?... Se se passas-
 se a proibir o cigarro, o que aconteceria com
 a demanda?... Muita gente obedeceria à proi-
bição? Haveria setores da população que não
 fumam e viriam a fumar exatamente porque é
 proibido?... Quer dizer, em que medida a
 proibição afeta a demanda? Naturalmente, a
 questão pode ser colocada também do ponto de
 vista inverso se determinados produtos ago-
 ra proibidos fossem permitidos, essa proibi-
 ção fosse levantada, qual seria o seu efeito
 sobre a demanda? Que grupos deixariam de
 usá-los exatamente porque seu uso representa,
 de certa forma, atitudes de desafio à lei e
 à ordem instituída? E que outros grupos pas-
sariam a usá-los exatamente porque deixaram
 de ser proibidos? De que maneira isso afeta
 a demanda e afeta, portanto, o mercado? Uma
 outra questão que me parece relevante para a
 discussão da própria demanda por esses produ-
 tos é se eles são bens substituídos ou não,
 isto é, se esses produtos substituem outros
 produtos legais ou ilegais. Em que medida
 existe substituição?... Uma outra pergunta,
 ainda vinda do arsenal teórico do economista,
 seria saber se os narcóticos, as drogas que
 causam dependência são bens complementares. O
 que nós chamamos de bens complementares são
 bens que não se podem usar sem outros ao mes-
 mo tempo. Eu não posso usar sapatos sem usar
 meias, pelo menos é a nossa cultura em ge-
 ral, eu não como feijão se não tiver o arroz,
 numerosos produtos são complementares. Quais
 são os produtos complementares desses cujo
 uso estamos interessados em entender, qual a

sua demanda? Talvez se possa atingir ou controlar, estimular ou desestimular o seu uso, conforme o caso, agindo não somente sobre os produtos principais, mas sobre os produtos complementares. Finalmente, qual é a elasticidade de de renda da demanda? Ou seja, qual é a relação entre a variação de renda de uma população e a sua demanda por esses produtos? Se um determinado país tem renda mais alta, a demanda por esses produtos é maior? Cresce com a renda, ou pelo contrário, aumentando a renda, outros tipos de produtos substitutos acabam satisfazendo as necessidades?... Finalmente, algumas indagações no que se refere ao outro lado, o lado da oferta. A primeira pergunta é sobre o grau, a forma de organização dessa oferta: é um monopólio?... Em alguns ou vários países, qual é o grau de monopólio? Conseqüentemente, como se forma o seu preço? Como é que se dá a sua produção, o seu processamento e, finalmente, a sua distribuição? Eu sei que a própria proibição, tornando ilegal todas essas atividades, dificulta extremamente o estudo delas. Mesmo assim, sem se conhecer como isso se faz, é muito difícil pensar em afetar por medidas econômicas, sobretudo, ou que agem sobre o aspecto econômico do problema porque, enfim, é preciso saber exatamente com o que se está mexendo. Seria interessante saber, por exemplo, em que grau as medidas repressivas aumentam os custos de distribuição e como exatamente a demanda reage a isso, e como reage? Existe uma segmentação de mercado? Ou seja, sabe-se se os mesmos produtos custam diferentemente, quantias diferentes de dinheiro,

conforme se segmenta a demanda? Ou seja, a maconha para os pobres é mais barata que para os ricos? É possível fazer isso? Se fosse legalizada, se poderia fazer como se faz com o álcool e o tabaco quanto à tributação, exatamente para reduzir o seu consumo? Isso é uma coisa pelo menos interessante a indagar. Quais são as classes sociais que demandam esses produtos? Existem condutos específicos de demanda para essas classes sociais, ou existem formas genéricas de distribuição com preços unificados em cada cidade, em cada país e daí por diante?... Finalmente, gostaria de levantar a pergunta, em que medida a própria proibição da forma como está sendo feita, e eu sei que são muitas as formas também, tudo isso está em debate, mas genericamente, de que maneira a proibição é um próprio obstáculo ao conhecimento indispensável a um controle ou a uma discussão aberta e eficaz de todos esses aspectos? Ou seja, em que medida o fato de nós, os governos, enfim, as sociedades, proibirmos e reprimirmos com a maior intensidade possível a produção, o processamento, a distribuição, o consumo de todos esses produtos estamos, ao mesmo tempo, nos impedindo de conhecer fundamentalmente esses aspectos sócio-econômicos tão relevantes para uma ação mais eficaz sobre esses fenômenos". (23)

(23) Paul Singer. In: Anais do Simpósio Internacional sobre farmacodependência, p. 137, 138, 139.

Se a clandestinidade, por um lado, obriga o fenômeno maconha a permanecer obscuro, enevoado, por outro, ela produz pressão e ânsia sociais que se concretizam no surgimento de uma "indústria da maconha", geradora de bens complementares para sua utilização.

Exitado e impulsionado pela força adquirida no viver clandestino e não podendo suportar a violência endógena de pressões sociais, o fenômeno vai se mostrando com energia e seqüência, numa indústria próspera. É necessário que identifique ao leitor parte dela:

Hã camisetas com o desenho de uma planta de Marijuana em que se lê em baixo: "VIVA MARIA"; outras hã em que se vê a figura de um boneco SNOOPY, com cara de tonto e um raminho da planta por entre os braços com a seguinte inscrição: I'm stoned (Estou tonto).

Brincos com o formato da planta e colares de bronze em que na ponta aparece o seu desenho são vendidos em feiras de artigos artesanais; também são encontrados casacos semelhantes ao de um soldado com um distintivo braçal onde aparece o desenho da planta e escrito ao redor: CANNABIS SATIVA.

Tenho notícias de que em alguns países, grandes tabacarias vendem abertamente objetos para o consumo da cannabis: do papel ao guarda-fumo, da piteira ao picador.

Além disto, nos Estados Unidos da América do Norte, onde é proibido o consumo, hã uma revista vendida em qualquer banca, ao preço de \$3.50, intitulada "High Times". Tal revista, vendida também no Canadá, tem, entre outros, o principal objetivo de orientar os que usam a maconha. Na página 9 a revista anuncia o "Hydrofarm", numa propaganda

de um sistema completo para o cultivo da erva em ambientes internos, apresentando um "KIT" completo composto de lâmpadas, termostato, temporizadores, fertilizadores e reguladores de fluxo que aceleram o crescimento das culturas, independentes da luz solar. Entre anúncios de cultivo de cogumelos e do puro chá da folha da cocaína vendida em saquinhos (incluindo preço e endereço para compra postal), a revista anuncia um livro que visa a esclarecer como fazer uso correto da maconha: "Now is the time to make drug use socially acceptable", o autor escreve em sua introdução. Na página 38 e seguintes, uma dieta nutricionista para as pessoas que usam de outras drogas; para os que fazem uso da maconha é a seguinte a sugestão:

" Marijuana

You've probably gotten the "munchies" if you're a pot smoker. Your desire to move goes down and you grab the nearest "readt-made" refined carbohydrate. This steals B-complex from your system.

TAKE: B-complex (time release), 100 mg, morning and evening; vitamin C, 1.000 mg. (time release) daily; vitamin E, 100-400 IU, 1 to 3 times daily; and vitamin A, 10.000 IU daily. The last two protect your lungs."

Além disto a revista traz um artigo sobre lugares turísticos na Europa especialmente livres para o uso das drogas. Sugere cidades e alguns locais onde é permitida a entrada livre sem ser apreendida, e pontos de encontro para a utilização da maconha:

"In Paris, the place to head is the S. Michel area on the left bank of the Seine. This is

the focal point of Parisian youth culture. Here you find a Greenwich Village atmosphere of jugglers, fire-eaters and other street life, and someone will probably pass by whispering "hashish", "shit" or "herbe" (pronounced "airb"). Most of these dealers have at least a rudimentary knowledge of English and you can discreetly conduct your business as you walk through the less busy streets nearby.

... Of course, cannabis is popular all over Europe and each country has its own customs surrounding the drug and different attitudes toward its use. Of all the countries in Western Europe, Germany has by far the most restrictive laws and strictest law enforcement. If you go to Germany, you would be wise not to try to get your supply there. Far better to go first to one of the countries bordering Germany, where official attitudes are more permissive and the purchase and use of cannabis is a less risky proposition. In northern Europe, Holland and Denmark are the most open to the free use of marijuana and hashish.

... Moving south, probably the best place on the continent for sun, sex and smoke is Spain. Under Francisco Franco, Spain was one of the most restricted nations in western Europe, not only regarding its draconian dope laws but also in all other social and political areas of life. In the early '70s, however, with the death of Franco, Spain began to move, fitfully at first, toward an open social -

democratic system. Within the last few years, under the leadership of socialist Felipe Gonzales, Spanish dope laws have been completely revamped. Situated as they are across the strait of Gibraltar from Morocco, the Spanish have completely legalized the sale and possession of cannabis products. This makes Spain the vacation paradise for youth from all over Europe. If you head for Spain's Costa Del Sol, you can meet young people from all over the world in a relaxed, permissive vacation atmosphere". (24)

Finalmente, no meio da revista, com instruções detalhadas para ser retirada e colocada num poster, uma linda foto colorida da planta. Em cima, à esquerda lê-se: "MARIJUANA MAJESTY (photo by S.A.M.)". (25)

Enquanto isso, no Brasil, nas eleições de 1983, dois candidatos do Rio Grande do Sul, José Carlos Oliveria e Catarina Koetai, embora timidamente, já lançaram mão da idéia da liberação do uso da maconha em sua plataforma política. No Canadá, nas eleições de 1978, os dois partidos, um conservador e outro liberal, se viram "obrigados" a defender publicamente que iriam se empenhar para a descriminalização da maconha e para a queima de arquivos dos dependentes de drogas, ora em poder da polícia especial daquele país.

Hã os que chegam a observar que enquanto houver, no Brasil, o mercado clandestino da maconha, o Estado não pre

(24) High Times. Published monthly by Trans-High corporation. July 1985, nº 119, U.S.A., p. 42-43.

(25) Ibidem, p. 48

cisa se preocupar com o aumento do salário de diversos funcionários públicos, que encontram no tráfico (na repressão ou no encobertamento) uma possibilidade real de salário extra...

A clandestinidade tem esse mérito: ao mesmo tempo em que esconde o fenômeno, vai permitindo o seu aparecimento por via indireta, provocando, então, uma suave sensação de controle social. Por analogia, é como se embaixo de águas que se mostram claras e límpidas, houvesse agitação e burburinho. Emerge, então, a "indústria anti-maconha": as clínicas de repouso ou de reclusão vêm nesses "pacientes" excelente oportunidade de lucro; os consultórios de especialistas se superlotam; os livros atingem imediatamente várias edições; filmes tornam-se grandes sucessos de bilheteria, enquanto os jornais têm maior tiragem quando publicam notícias ou séries de reportagem sobre o tema; associações, quer sejam contra ou a favor, quer de ajuda religiosa ou espiritual, se estabelecem com grande aceitação.

Enfim, ao afastar o fenômeno do cientista, a clandestinidade deixa em seu lugar o vazio dos rumores do desconhecido e da incerteza, terreno tão apropriado para a gênese de uma análise sempre unilateral, atrelada a preconceitos pessoais, interesses políticos e econômicos, e, principalmente, a ideologias dominantes.

CAPÍTULO IV

EM BUSCA DO FENÔMENO

1. O CAMINHO DA ESCOLA

A via percorrida pela literatura que estudou o fenômeno maconha tende a reduzi-lo a fato passível de verificações objetivas, com conseqüentes generalizações, assim enquadrando-o no esquema de pesquisas das ciências naturais. Semelhante proposta, embora não possa ser considerada inválida ou descabida, visto ser sempre necessária a análise de qualquer fenômeno sob vários prismas, não evitou o risco de redução e distorção, já exaustivamente analisado neste trabalho.

Já era hora de continuar, agora mais profundamente, em busca do des-velamento do fenômeno, pondo em suspensão na perspectiva das ciências humanas.

Tomado por esta intenção, pus-me a caminho da Escola.

Esperava que, ao voltar, pudesse também trazer relatos, se possível por escrito, nos quais as pessoas traduzissem um pouco de sua con-vivência-com-a-maconha, a fim de que pudessem ser interpretados.

Porém, a hermenêutica de tais discursos nunca poderia restringir-se unicamente ao nível semântico. Anterior, a gênese hermenêutica já se articulava em dois profundos momentos: 1º), justamente, quando eu conduzia interiormente a observação e a percepção que tinha de cada uma daquelas pessoas com quem mantinha encontro, no sentido de considerá-las como um ser-no-mundo, na sua realidade quotidiana

na, em sua historicidade; 2º), quando fui me apropriando do sentimento da situação em que aquelas pessoas viviam e, também, na qual se dava o nosso encontro.

Explicar essa situação, além de necessário e importante, significa concretamente explicitar, no dizer de Ricoeur, os sinais da existência que puderam emergir e ser percebidos. Compreendê-los significa compreender o homem. (1)

Em que pesem muitas dificuldades para a sua realização, a explicação deve ser vista como caminho único e obrigatório da compreensão. Por isso, reveste-se, neste momento do trabalho, de uma importância ímpar a análise e explicação do aqui e do agora que, determinados pela situação em que foi elaborado o discurso, conferem a este, referência última e singular. (2)

A percepção ontológica daqueles sinais da existência, dizia, ia se incorporando com profundidade e sistemática à experiência hermenêutica aos poucos vivida que já não mais podia observar o fenômeno como separado do Ser.

Se isto se torna verdade, é tarefa da fenomenologia hermenêutica descrever e explicitar essa situação, tanto a percebida e observada, como a vivida durante os encontros que me levaram à pesquisa. Assim sendo, das várias idéias que me acompanhavam no longo trajeto até a periferia, das observações realizadas durante o tempo em que estive em contato com aquelas pessoas, das reflexões surgidas, princi-

(1) Paul Ricoeur. Interpretações e Ideologias. Passim.

(2) Ibidem, p. 55

palmente no intervalo de um para outro encontro, passo a analisar as mais significativas.

Primeiramente surgia o questionamento, justamente da escolha da Escola como local do possível surgimento do fenômeno que me propunha des-velar.

Afinal, não poderia alguém ligar o uso de maconha à Escola, com novas e amplas oportunidades de crucificar mais uma vez a juventude?

Não, respondia a mim próprio: a Escola é (ou deveria ser) o local mais apropriado para o surgimento de uma profunda reflexão em torno dos problemas de nossa sociedade. De todos os setores da comunidade a Escola representa (ou deveria representar) uma real possibilidade de estudos dos conflitos que cercam o Homem na sociedade. Recuso-me, pensava, em estabelecer, "a priori", qualquer tipo de relação funcional da Escola com maconha. E, a par disto, como eu a encontro em muitos lugares da comunidade, a escolha da Escola não foi circunstancial ou por mero acaso. Foi opção. E opção consciente porque sinto a Escola simbolizar um pouco da vida das pessoas. Nela se desenrola a história do povo. Em algum sentido, ela passa a concretizar a expressão desta sociedade na sua história, marcada também pelas mesmas angústias, mesmos problemas e conflitos.

Dirigir-me à periferia era, como sempre o foi, encontrar um mundo diferente, repleto de aspectos que contrastavam com o grande centro: bares e padarias sempre cheios; favelas, que amontoadas em vielas pequenas e escuras, mostravam um quadro de miséria e angústia; pessoas se apinhavam cercado os pontos de ônibus, que sempre transitavam superlotados.

A Escola da periferia assume papel diferenciado entre os muitos setores da comunidade: de sonho inatingível ou cortado para muitos a possibilidade sacrificada para outros, as pessoas vêm a Escola com sentimentos que vão desde o respeito (ela ainda é uma possibilidade de crescimento e de ambiente gratificante); até sentimentos permeados pela agressividade (as depredações constantes do patrimônio dão prova disto). Para muitos, a Escola vem de encontro a uma necessidade básica de alimentação: não raras vezes a única refeição que as crianças tomam ao longo do dia é a merenda escolar, que pode até ser levada para casa para ser dividida com irmãos.

Os momentos passados no seu interior levaram-me a constatar uma real situação de desalento: os professores demonstravam no cansaço os sacrifícios de uma profissão que tem conhecido uma decadência contínua, desde os salários até as precárias condições de trabalho. Na conversa com os diretores, estes transmitiam sentimentos de inoperância diante das dificuldades em administrar sem recursos e condições. Enfim, a situação geral das escolas com as quais convivi não se apresentou diferente da imensa maioria das escolas oficiais que conheci no Brasil, apresentando um quadro de abandono e desolação: espoliações continuadas do patrimônio, insuficiência de salas, classes tão superlotadas quanto heterogêneas, portas e muros arrebatados, dependências tomadas pelo mato.

Nos constantes encontros que mantive com aquelas pessoas, principalmente com os alunos, pude sentir o grau de necessidade de informações que desejavam obter, notadamente no que dizia respeito à maconha.

O tema, sem dúvida, lhes parecia fascinante.

Impressionou-me a vontade de ouvir, expressa pelo silêncio e pela atenção demonstrados; a vontade de ver esclarecidas suas dúvidas e questões existenciais, expressa em discursos permeados ora de incertezas, ora pela agressividade e ceticismo; e, finalmente, a vontade de falar, traduzida nos inúmeros apartes que me propunham.

No final dos encontros, várias pessoas se aproximavam a fim de ainda continuar a conversa. Parecia que o grande público, embora não se apresentasse como fator de inibição, não favorecia um certo grau de intimidade que o assunto sugeria e propunha.

O convite para que pudessem escrever sobre a sua con-vivência-com-a-maconha era feito logo após uma exposição dialogada sobre os aspectos da adolescência no mundo contemporâneo. Nesta análise, eram abordados temas que mais comumente vejo serem discutidos: a TV, o sexo, as drogas, as questões políticas e sociais, as oportunidades profissionais dos estudantes, etc.

Terminado este momento do encontro, algumas pessoas escreviam, outras saíam, e outras vinham, continuar a conversar.

Neste momento, mais íntimo, pude sentir de perto os conflitos que aquelas pessoas viviam. Queriam saber quando eu ia voltar, diziam que havia sido a única oportunidade de serem ouvidos, reclamavam mais assistência e informações, contavam histórias que envolviam a maconha — umas até gozadas e hilariantes, outras tristes.

A ansiedade pela minha volta tornou-se marcante quando um grupo se aproximou convidando-me a participar de uma festa que haveria no dia seguinte no salão de bailes do

bairro. "Aí você vai ver o seu fenômeno solto", me diziam insistentes.

A aproximação e o contato que mantive com aquelas pessoas me permitiram ver e sentir que os encontros naquelas escolas eram demasiadamente ricos e profundos. Além de voltar para casa de posse dos discursos, tinha a certeza íntima deste trabalho se fazer necessário. E a estranha angústia de fazê-lo urgente.

2. O ACONSELHAMENTO

Outro momento importante em que se efetivou a pesquisa foi na situação de aconselhamento.

Foram percebidos aqui também, outros sinais da existência que sem dúvida ampliarão a visão do fenômeno e darão importantes subsídios para a análise da con-vivência-com-a-maconha. É preciso descrevê-los.

A situação de aconselhamento é vivida no Instituto Psico-Pedagógico em que trabalho, no centro da cidade de São Paulo.

Entre diversas atividades profissionais que se realizam neste Instituto, há mais de quinze anos, psicólogos e pedagogos fazem ali um trabalho clínico visando à orientação de pessoas que se utilizam da maconha, ou de outras drogas.

Tais pessoas procuram o Instituto por livre vontade, quase sempre por indicação de quem já manteve algum tipo de contato terapêutico ou profissional.

O aconselhamento, sempre feito em sessões individuais, é um encontro íntimo e pessoal, em que o diálogo permeia um relacionamento estruturado com o objetivo definido de ajuda.

Esta relação de ajuda baseia-se essencialmente no esforço consciente de colaboração mútua cuja finalidade é vivenciar uma experiência significativa de compreensão. A reflexão e análise, tanto da cotidianidade como dos recursos internos do indivíduo, estabeleceram-se, pois, em clima de permissividade, baseados sempre em uma dimensão de empatia e respeito.

Na situação de aconselhamento, onde cada pessoa deve ser considerada uma pessoa (cada caso um caso), observo uma diversidade, dessemelhança e diferença de comportamentos e sentimentos no que diz respeito à con-vivência-com-a-maconha. Em que pese esta circunstância que delimita a análise, posso descrever o que pude observar como mais habitual e comum na vivência de tal situação.

Em primeiro lugar, devo escrever sobre pais que me procuram para discutir, não são o encaminhamento para a situação terapêutica, como também a atuação que devem ter com filho que se utiliza da maconha.

É comum chegarem ao Instituto depois de já terem experimentado algum tipo de conduta educacional, que varia de tentativas de diálogo à punição física, do castigo à proibição pura e simples. Boa parte destas condutas, porém, falha no objetivo último de afastar o filho da maconha, o que evidencia e faz crescer nos pais sentimentos de angústia e medo.

Muitos, nervosos e aflitos, se vêm sistematicamen-

te afastando-se dos filhos, a ponto de acharem que "por causa da maconha" a relação vai se tornando se não impossível, às vezes muito difícil.

Em busca de possíveis causas que viessem determinar tal comportamento, chegam, no final das contas, a projetar a culpa à determinadas estruturas subjacentes das relações familiares: ... "onde foi o erro"? "... nós que fizemos tanto", "... o quanto eu rezei para que isso não acontecesse", etc.

Pais sem informações satisfatórias, ou bem pelo contrário, com noções falsas e míticas, sentem-se inseguros e sem saber que rumo dar à educação e orientação dos filhos. Neste estado, é comum observar o surgimento de conflitos internos tão profundos, baseados em sentimentos de desolação e frustração, que alguns deles se propõe a iniciar, também, algum tipo de trabalho terapêutico.

Porque é difícil aceitar e compreender a atitude dos filhos, por estarem presos a um desconhecimento do fenômeno e por se verem envoltos em fantasias confusas e ainda em sentimentos de medo e de responsabilidade, vejo pais perderem o acesso à já estreita via de contato com os filhos. A convivência se esvai. Implode, ali, a relação humana.

As pessoas que se utilizam da maconha têm, por vezes, apresentado sentimentos e comportamentos oscilantes e contraditórios.

Pelo que contam na situação de aconselhamento, de início esta con-vivência é marcada tanto pela tranquilidade e euforia de ter descoberto uma fonte de prazer e uma certeza de momento de companhia e programa social, como também pelo medo não sō de portar o fumo, como de suas possíveis conseqüências.

A tranquilidade é demonstrada pela desinibição ao comentar as suas ações. As pessoas têm necessidade e gostam de falar de si e do que sentem; embora tenham cuidado em omitir o nome de quem compram, falam abertamente dos lugares onde fumam, da quantidade, do preço, de como agem, com quem, etc; narram a situação com minúcias e detalhes enfatizando o controle de suas ações durante o ato de fumar; explicam com pormenores o ritual a que se impõem durante o fumo, descrevendo com naturalidade e seriedade o momento vivido.

Têm necessidade de mostrar as suas últimas conquistas ou compras, ostentam com galhardia blusões, brincos, camisetas que levem algum símbolo alusivo à cannabis. Ao lado de certa discrição, impressiona-me a familiaridade e intimidade que apresentam na con-vivência com a maconha.

Enfim, a maconha faz parte integrante da vida daquelas pessoas. É preciso compreender isto.

A euforia e a ansiedade são de tal ordem que sou constantemente pressionado a fumar com elas. Dizem com clareza que só poderei compreendê-las se experimentar. Perguntam ostensivamente se fumo, trazem seus "baseados", oferecem gratuitamente, ou "os esquecem" na sala para, na próxima sessão, perguntar o que fiz deles...

A recusa sistemática parece alimentar a pressão. No íntimo, sinto não se conformarem com a negativa.

Contam a sensação de medo ao portar a maconha e das conseqüências se forem "pegos" por outras pessoas, ou mesmo pela polícia. Querem ouvir explicações detalhadas da maconha e perguntam com insistência do possível efeito sobre sua sexualidade.

Na situação de aconselhamento observo que as pessoas ficam perplexas quando notam que o objetivo daquela relação não é a mudança de comportamento pela pressão ou intimidação e quando notam que o profissional não ficou melindrado ou perturbado com as descrições da con-vivência-com-a-maconha. São quando percebem estas atitudes, se dizem confiantes a fim de continuar o trabalho que objetiva a reflexão e análise do que está acontecendo e o estímulo e deenvolvimento da responsabilidade perante a vida.

O convite a escreverem sobre a sua con-vivência-com-a-maconha é aceito com restrições. Dizem de sua dificuldade em se expressar pela linguagem escrita e comentam que se sentem ameaçados na sua individualidade, ou vêem, na futura publicação dos seus discursos, a quebra da intimidade vivenciada nas sessões. Sem nenhuma pressão de minha parte, sõ escreveram os que realmente quiseram.

Passo agora a apresentar os discursos, tanto os da situação de aconselhamento como os trazidos da escola.

Antes disto é imprescindível discutir a atitude fenomenológica que assumo diante de tais textos.

Colocando-me diante da continuidade da tarefa hermenêutica a que me proponho quero debruçar-me sobre estes discursos, lê-los repetidas vezes, cada vez mais atentamente. Envolver-me e envolvê-los dentro de mim, com o intuito de buscar entendimento da percepção daqueles que os escreveram.

Enfim, a última empreitada deste trabalho começa a ser concretizada: ao tempo em que deixo de lado o meu ponto de vista, ingresso em direção ao pensamento destes "novos autores". Decididamente, coloco-me pois, a caminho da compreensão.

O ato de ler estes discursos é precedido de uma preocupação existencial em considerá-los como revelação, isto quer dizer, como fenômeno. Assim vários pensamentos e idéias permeiam o meu ato de ler. Faz-se necessário descrevê-los, pois tal reflexão, além de vir fundamentar aquela ação, dá a ela a expressão fenomenológica que desejo.

Escrever não é só manifestar o Ser. É manifestar, revelar, dar a conhecer o ser-no-mundo. E, "a fortiori", fazer aparecer o mundo. Assim, as pessoas ao colocarem nos discursos um pouco de sua história, colocaram também um pouco da história do mundo. Um pouco dos sentimentos do mundo. A tal ponto isto se dá, que passo a ver o mundo nestes discursos.

O discurso não é uma amostra simples e cortada do mundo. É sua própria proposição. Exprime-o. Mostra-o. Ali cerça-se nele.

Se escrever é manifestar um pouco do mundo, ler é dialogar não com a escrita, mas com o mundo que está nela. Não com o que se esconde nela, pois nada se esconde atrás da escrita. Mas é interagir com o mundo que se descortina a partir de sua leitura.

Por isso, ler constitui-se em um prolongado esforço para sair do texto. Abandonando-o. Deixando-o.

Se isto é verdade, a leitura dos discursos das pessoas que con-vivem-com-a-maconha não se encerra na decifração dos signos que se apresentam diante de mim. A interação escritor-leitor tanto se orienta como se completa na intencionalidade que aflora essencialmente em mim, leitor. Eu compreendo, portanto, se e porque sou compreensivo. Se e porque vivo a compreensão. Se e porque a tenho dentro de mim.

* É necessário aprofundar esta análise, pois a compreensão é mais do que isto.

Se permanecer no texto, na escrita, significa obrigatoriamente sepultar a possibilidade de compreensão, então esta encontra o seu fundamento último no momento em que o leitor supera o escritor, ou seja, vai mais longe do que este próprio pensa ir, completando-o.

Surge daí a dialética mais intensa e profunda, justamente quando o leitor se compreende modificado pelo discurso. Portanto, ao ler o que aquelas pessoas escreveram sobre a con-vivência-com-a-maconha, a minha experiência de mundo vai se modificando. Já não posso continuar a ser o que eu sou.

Somente esta percepção de mudanças me remete à possibilidade de compreensão maior: a de mim e a do outro. E entre os dois, a do mundo-que-nos-une.

Por isso, a leitura destes discursos se constitui num prolongado esforço para sair de mim próprio.

3. OS DISCURSOS

(V. pág. seguinte)

19 DISCURSO

Gosto de escrever e acho até que vou escrever um dia um ar
tigo para o jornal.

O mundo de nós jovens está dividido hoje em dia em dois mun
dos: os que fumam, maconheiros e hipies, e os que não fu-
mam, gente boa e legal. Perdi muitos amigos porque desco-
briram que eu fumei. Parece que era leprosa e as mães de
todas as amigas não se conformavam e diziam: "afasta-se de
las pois é mau elementos". Elas achavam que a maconha dei
xa a gente num estado endemonhiado e que a gente perde o
controle da cabeça. Mentira.

A maconha me fez descobrir um mundo novo, gostoso todo
cheio de sensações. Por exemplo para mim me dá uma fome
muito grande, vontade de beber água de chupar bala além de
falar adoidada.

Hoje eu só me reuno com quem fuma e tenho pena de quem
não fuma pois além de saber o que estão perdendo ficam iso
lados e insatisfeito. Tenho fumado dois baseado por dia
e depois disto minha vida se tornou um encanto pois é mui-
to bom a gente fumar principalmente quando a gente tem com
panhia.

Meu pai me dizia que bebida é companhia e eu me atrevo a
dizer que maconha é companhia. A gente vai levando muito
gostoso e comecei a fumar com muito medo pois todos tinham
medo. Mas parece que o medo me provocava mais ainda para
o baseado que depois me tirou o medo dele. Quando percebi
que era gostoso o medo foi de me pegarem. Quando percebi
a maioria fumava e me perguntei quem vai pegar quem e o me
do acabou. Valeu a pena passar por cima do medo.

E hoje só tenho medo de morrer... sem ter fumado tudo que
tenho o direito.

29 DISCURSO

A minha vida se resume em dois momentos antes e depois da maconha.

Um dia ela apareceu. Como que do nada apareceu e vai envolvendo a gente dos pês a cabeça de onde ela vem? Porque é tão mal falada? Em todo o caso a gente é forçado a fumar e gosta prá burro. Todo mundo começou a fumar, que hoje conheço poucos que não fumam. Mas depois eu comecei a me sentir um marginal pois os meus pais desesperaram ficaram alucinados doidos. Até parecia que estava com cancer. É muito ruim você se sentir canceroso parece que a gente leva o cancer no corpo: "Lã vai o louco, o cabeludo, o doidão. Encontrei pessoas que mudaram de calçada para não falar comigo. Ainda mais que a gente mora num bairro a foca come solta. Fico perguntando porque sou um marginal, já fui preso duas vezes por "porte ilegal" !

Quem prendeu o Maluf por "porte ilegal de roubos"?

Quem prendeu os que mataram os índios por porte ilegal de sangue?

Quem prendeu o Médice e o Delfim por porte ilegal de sacanagem contra o povo?

Deixe-me em paz que vou ser feliz, apesar de ser considerado pela maioria como um marginal. Vocês verão !

* * * * *

39 DISCURSO

Recuso-me a escrever.

Perdi um namorado porque fumava e eu não pude continuar a namora-lo. Ele se afastou de mim porque sō preferia os amigos e amigas que fumavam sempre o mesmo grupo.

Acho uma perda de tempo e uma asneira muito grande. Maconha devia ser legalizada pois assim acabava com a pouca vergonha de sō alguns e os mesmos ganharem dinheiro com ela. Se o senhor não ajudar a resolver o medo vai reinar embora a gente esteja lutando contra ele.

Virou um modismo e todo o mundo fuma por causa do amigo que fuma.

Pois muita gente jã morreu por ela. Para essa gente era uma questã de sobrevivência. Aĩ eles dançaram.

* * * * *

49 DISCURSO

(gravado)

O se mi pediu pra falar sobre a maconha e como é que eu vivu com ela. Eu tô achando qui o se quê mi pega prã dispois me mandã parã de fuma. Eu num paro não. Eu acho que os homi não usava bolsa quando eu era piqueno pois era sê viado e hoje não usa? E quantas pessoa não sufreram pur causa disso? Eu acho que os homi não usava brinco quando eu era pequeno pois era sê viado. E hoje não usa? E quantas pessoa não sufreram pur causa disto? E com as mulhê? Quando eu era pequeno elas não trabalhava não divertia não trepava pois era feio e pruibido. E hoje? Elas não fazem tudo isso? Hoje também é feio e criminoso fuma um cigarete de maconha mais me prigunto uma coisa: e amanhã no futuro serã que não vai ser tudo premitido? Pois veja você quantas pessoa não estão sofrendo por causa dela e ela vai ser permitida daqui sô um instantinho. O mundo muda moço e a gente tem que muda também. Eu sei também que os homi estão de olho em nois porque eles querem fica com toda a maconha. Eles são os dominanti a tal crasse dominante, e nois os fudido da vida. A maconha é um meio de nois sobrevive e também de nois senti um praze na vida e eu num mi sinto nenhum louco como os homi quê que eu me sinta. Devia legalizã logo.

* * * * *

59 DISCURSO

Porque eu fumo?, não sei.

Sõ tem uma palavra que pode definir maconha: dinheiro.

Você não faz idêia do que é esse mundo. Venha um dia a um salão e ve se dá prã aguentar a barra de não fumar.

O que resolve no salão é o dinheiro. Mas lhe digo que no dia que o dia que foi liberado vai acabar com toda a vontade e com essa fome de dinheiro. Tenho fumado pouco e dá prã controla, pois o prazer que dá é impressionante. Eu tenho meus amigos e a gente se tranca no carro fecha os vidros e a fumaça fica circulando ai dá mais força na cabeça.

Serã mesmo que eu sou um cabeludo, um doidão, um maconheiro? Já não sei mais nada.

* * * * *

6º DISCURSO

Eu não tenho razão alguma para fumar e fumo porque gosto e adoro... A gente tem que viver o momento da vida da gente. Devo dizer que a coisa mais gostosa é você se sentar na calçada e ficar com um grupo de amigos conversando completamente loucos. A conversa sai mais solta e você se sente bem mais a vontade. Eu aprendi muito com a maconha pois tive que vencer o medo e a inibição para fumar e ser aceito.

A casa é uma barra. O pai bebe e bebe prá burro e não tem como vir falar comigo. A mãe é enfermeira no hospital e faz pantões e em casa vira uma roda de bebida e de fumo. Quando ela chega é como se nada tivesse acontecido pois ela jamais deixaria.

A maconha significa para mim muito mais do que isto. A minha menina também transa uma e nós nos aproximamos muito por causa da maconha. É uma delícia fazer sexo todo chapado e nunca transei sem ter puxado o que me deixa curioso para saber como é transar sem estar louco. No fim de semana é que a gente sô fuma.

Tenho ganhado dinheiro também com a maconha. Sempre salvo uns e em casa ninguém mais vai passar fome, pois o meu pai se arranjou bem quando estava desempregado me dando uns para passa na escola.

Porque você também não experimenta um baseado?

* * * * *

79 DISCURSO

Eu não entendi bem a sua proposta mas vou tentar explicar a você o que eu sinto pela maconha. De início me sentia muito envergonhada e solitária mas depois percebi que é essencialmente prazer, social e recreativo. Poucas pessoas (destas tipo máquinas-de-trabalhar-ambulante) sabem o que é o prazer de fumar um baseado.

É impossível explicar nesta página fria a quentura que dá um baseado. Desde o comprar... objeto proibido... o pas-sador... o esconder dos pais... o esconder de quem não fuma... o saber-se perseguida... o esconder a marijuana numa caixa de coisas velhas no sótão de casa... já pensando em convidar uns amigos.

... o convidar alguém... sentir esse alguém espantado comigo: você também fuma?... O encontrar-se num local apropriado... o silêncio... tome cuidado... é preciso espantar o medo.

... o dividir o fumo... esmagã-lo bem... cortã-lo... preparar o baseado... enrolar o cigarro, atã-lo com saliva ... apertã-lo entre os dedos... passar para os amigos, ver o que se passa neles pois esse ritual faz a gente ser mais amigo... mais próximo do colega.

... colocar na boca... Aí você fica imaginando que tipo de sensações você vai sentir hoje... agora... que não serão iguais às de ontem... nem as de amanhã.

A primeira puxada... a segunda tragada... uma outra mais... afinal eu estava ansiosa e nada sentia...

Agora eu paro de tragar... as coisas que vejo ficam diferentes... lembro-me de músicas... meu corpo fica largado. Guardo meu cigarro... pois já é o bastante.

O prazer que ela me dá é a razão pela qual eu fumo. Converso depois com os parceiros sobre tudo... tudo fica diferente... entendo as coisas melhor... mais inteligentemente.

Já fumei cigarros de tabaco. Mas parei pois encontrei coisa melhor.

Encontrei o prazer.

89 DISCURSO

Fumo porque gosto de viver os momentos de minha vida com grande intensidade com igual força. Momentos diferentes, saca.

Amanhã eu não sei o que será de mim. Fumo já fazem seis anos e com 25 me sinto muito bem. Nada abalado, tudo funcionando as mil maravilhas.

Fumo pelo prazer enorme que sinto. Sei quando parar sei quando devo dar um "time".

Sempre dou um "time". É importante você ter controle sobre a droga. Gosto de fumar. Você sente a vida diferente, mais próxima, mais atuante, mais perto de você, quase dentro. Sempre a gente se reunimos para ouvir uma música loucos e música é mais som, o amigo é mais amizade, o sol é mais forte, eu sou mais eu, pena que tenha que pagar pra ter esse prazer.

Sinto alegria e prazer que me dão vontade de continuar a viver. Uma vez estive a ponto de ser internado pois pintaram no pedaço drogas pesada mas quando vi de perto onde estava parei por cinco meses com tudo. Hoje fico sô com a ma^{ri}juana pois é barata e suave e me realiza bastante a ponto de não querer mais saber de coisas pesadas. Sou fanático pela Elis e não quero encontrá-la tão já... Elis serviu de alerta para mim naquela época de drogas pesadas.

Hoje sou um cara feliz pois a maconha me satisfaz e quero-a pelo enorme prazer que me causa. É sô eu não pisar na bola que vai dar pra continuar como eu estou.

Porque você não fuma, aí você vai poder compreender mais profundo.

* * * * *

99 DISCURSO

Eu acho a maconha excelente. Mas tenho um certos medos que preciso dominar, para sentir ainda mais prazer.

Confesso que fumo a muito tempo pois a barra aqui na Vila não é fácil. Você nem acredita. A de tudo aqui. Maconha, sexo, coca, fumo e o pior de tudo a bebida. Eu não preocupo tanto com a maconha pois acho pior a bebida. A bebida corre solto e a gente anda tocado todo fim de semana. Bebida é no fim de semana a maconha é toda a noite. Tem uns meninos que mora na mesma rua e a gente fuma o dia todo um baseado por dia é o bastante. Eu acho maravilhoso fumar, um puts prazer. De princípio eu me achava anormal mas depois melhorei bem principalmente quando arranjei uns grupos de amigos que possam sempre dividir comigo. O que a gente vê olha e sente é diferente e entra dentro da gente com mais força. Aumenta muito a sensibilidade.

* * * * *

109 DISCURSO

Eu é que resolvi fumar. Eu não sei porque eu fumo. Mas fumo. Deve ser porque é gostoso e eu me sinto feliz. Os meus pais não querem que eu fumo e eu faço escondido. Acho muito chato tudo isto. Eu acho que se meu pai fumasse ele iria gostar. Não tenho dinheiro para comprar o que eu gostaria de fumar. Mas um dia eu vou ter. Eu não consigo parar de fumar e eu queria parar. Todo mundo fuma, você não pode imaginar. Onde eu vou tem gente fumando, e fumando bastante. Sabado eu fui numa festa que eu era uma das mais crianças e eu era a que menos fumava, pois os adultos fumam mais que as crianças, os jovens.

Sō gosto de ir em festa ou reuniões onde se fuma. Embora eu sinto um pouco de medo pois é melhor fumar na rodinha de sempre aĩ a gente não dá tanta bandeira como em festas.

* * * * *

119 DISCURSO

A sua pergunta é interessante: o que é para mim conviver com a maconha? Tenho certeza que vou fumar pois não tenho aguentado o que convidam. Sô não fumei por dois motivos: Porque meus pais quando desconfiaram me prenderam em casa e porque não me dão um sô dinheiro. Não fumei ainda por medo. Li um livro que diz que a gente fica louco e impotente sexual. Serã verdade? O meu amigo fuma a três anos e nada aconteceu. Estou numa sêria dūvida e não tenho ninguẽm para conversar pois todos os amigos fumam e eu não quero fumar sob influẽncia deles. É um barato ver eles fumar pois se sentam em roda e ficam em silẽncio esperando chegar as coisas e sô falam depois de sentir.

* * * * *

120 DISCURSO

Eu quero dize que o fumo é um negócio bom. É bom porque nos sente coisa inespricável e isto da sensação que o nosso corpo é diferente que sō trabalha. Exprimenta o senhor trabalha na fãbrica o dia todo e chega em casa e não te uma cerveja e um fumo ou cola. Eu prefiro o fumo pois não adi moesta tanto e trabalha tanto quanto nos trabalha aqui na vila é fogo e o fumo ajuda nos a vive.

* * * * *

139 DISCURSO

Eu acho que você tem tanta vontade de saber o que é a maçonha, você deveria experimentar. Mas, eu vou tentar lhe dizer o que é ela para mim, e como eu tenho feito com ela.

Eu fumo há muito tempo. Experimentei quando tinha 15 anos depois fiquei bastante tempo sem fumar e recomecei aos 17 e fumo até hoje, aos 20. Quando eu comecei, comecei por imitação. Haviam muitas pessoas que fumavam e eu acho que me sentia um pouco por fora. Não gostei de início. Quando voltei a fumar eu tinha uma grande dúvida. "Será que esse negócio vai fazer tão mal quanto dizem"?

Senti muito medo de me costumar aos poucos fui vendo que não fazia mal e que era tudo enganação o que os outros diziam. Houve um tempo em que fumava direto. Fazia prova, trabalhava, jogava futebol, fazia sexo, tudo piradão.

Depois as coisas se colocaram no lugar e com a sua ajuda eu pude perceber que eu a devia controlar e não ela a mim. Eu controlo ela, hoje. Fumo quando quero e se quero. Por exemplo: aprendi que antes das provas eu não posso fumar. Tomei um tranco numa delas.

Fumar para mim é um programa. Me encontro com meus amigos e a gente se encontra para fumar. Há pessoas que se encontram para beber para jantar para ir ao cinema. Eu me encontro para fumar. A gente curte muito esse programa. Eu nunca fumo sozinho. A conversa sai mais gostosa a gente sente a coisa diferente. A vida fica diferente: assistir um futebol com a cabeça vazia é uma coisa, assistir um futebol todo louco é outra coisa.

Eu acho que a vida fica diferente, aí é que está o prazer da coisa. E você?

149 DISCURSO

(gravado)

Eu digu que eu num fumu muinto, e qui num so loco não.

Eu fumu o bastanti prã senti uns barato.

Fuma ē gostoso e antes eu fumava mais.

É duru nois encontrã a maconha. Seria melhõ se nois pudes se compra na venda não seria tão caro cumo ē meu pai tam-bẽm fuma e ganhõ uns trocado bom com a venda. Ele teve pre-so duas veis mais no carandi saiu conto que na cadeia si fuma prã caramba e eu ficu mi perguntando se vale a pena tantu sacrificiu, prã se presu por causa da maconha e lã drento sē viciado e o viciu corre sorto. Ou sorta tudo ou prendre tudo, mais fica nessi negociu de lã podi e frora não podi não dã. Trafiquei prã caramba e no jogo do traficu o diabu ē a policia. É severa com nois e fraca com ela porque ela podi intrecepitã e ganhã pelota com a muamba. Aconselhu os jovens a não fumã mais quandu num resis-ti podi dã umas pitada porque faiz bem sō um pouquinho. Agora traficã ē prerigroso sō sendo amigu dos homi.

* * * * *

159 DISCURSO

É bom mesmo eu falar sobre isto. É que ontem aconteceu algo grave, e como não saberão quem sou eu eu posso dizer : o meu pai soube que eu fumo. Achei péssimo pois ele soube por um tio meu e eu queria que ele soubesse por mim mesmo. Estou com muito medo do que acontecerá apavorado e olha que eu fumo sô o m̃nimo possível.

Eu acho horrível e não queria que meu pai soubesse por outros. Mas acho que é algo que vou ter que curtir sozinho e a gente pode conversar com pouquíssimas pessoas sobre a maconha. Tem que ser escondido e isso é sufocante detesto fazer as coisas como mentiroso e tive que me tornar um.

Porque será que tem que ser assim? Não podia ser diferente? Detesto fumar as escondidas. Mas tenho que fazer por que eu tenho certeza que é o único modo e eu não quero parar de fumar. Não vale a pena parar de fumar. Eu queria que todo o mundo soubesse do prazer que é o fumo da maconha.

* * * * *

169 DISCURSO

Devo confessar que não sei responder ou dizer o que é para mim a maconha e como eu tenho vivido com ela.

De princípio eu fumava bem mais. Nunca quis fumar outra droga, pois sempre a maconha me satisfes, e ainda a certo medinho.

De princípio eu fumava bastante e sentia preguiça para tudo. Foi horrível pois vivia topado e ouvindo e curtindo som perdi o pique.

Mas não deu para parar. Acho impossível pois todo mundo fuma. Acho que esta uma loucura. Mas depois rezolvi para e fiquei três anos sem fumar e hoje voltei e fumo sō socialmente. Recuperei meu pique pelo esporte e pelo estudo e isto me deixou feliz.

Eu não sei bem porque a maconha tirou o meu pique, mas não quero sentir aquilo de novo, por isso vou fumar pouco sō pelo prazer dela.

* * * * *

179 DISCURSO

Devo confeçar a todos que a maconha me traz paz e prazer. Digo também que quando fumei bastante principalmente no começo, eu fiquei muito loucão indo direto com três a sete baseados por dia o que me trouxe muita pena de mim próprio pois nen queria fazer mais nada e perdi a vontade de fazer mais nada. Foi quando resolvi para e fiquei um bom tempo sem fuma o que a pena de mim próprio e aguentei bem sem fumar como todo mundo vive fumando voltei de novo novamente sō que agora bem menas quantidade o que não me dicha com mais pena de mim e com vontade de trabalhar o que eu avia perdido pela quantidade de fumo que eu gostava ē muito duro para de fumar e prã que parar ?

* * * * *

189 DISCURSO

Eu já fumei bastante e já fui viciadíssima. Ia direto o dia a semana inteira. Meu pai me ameaçou me bateu falando que eu era uma drogada uma cachorra uma puta. Mas eu não era nada disto.

Hoje não pois parei e parei definitivo. Não sei porque comecei e porque parei e o que eu fico apavorada é que de repente você é levada a fazer coisas e parar de fazer coisas sem saber porque por isto? Puts culpa, cara.

Eu tenho tive a facilidade de ter um irmãos que passava (e que agora tá preso) e ele me facilitava os baseados. Eu tabém já passei e acho melhor passar que fumar. Pelo menos a gente ganha um bom dinheiro gordo e sempre. Depois parei de passar e hoje vivo sem essas aventuras todas e muito badaladas. Agora que me dá uma vontade louca de fumar me dá. Isto pois não é possível descrever o que é legal a maconha. As coisas se tornam mais reais, mais legais, mais vivas um barato.

* * * * *

199 DISCURSO

Eu estava me perguntando porque eu vim assistir e participar de sua palestra, se já tenho meus conceitos formados sobre este tão crítico problema.

Ainda estou traumatizada pela morte de uma irmã de 12 anos de leucemia. Foi muito duro ver aquela menina morta.

E eu fico pensando que meu avô tem 67 anos foi bêbado até os 45 e agora sô continua nos dois maços e meio de cigarro Arizona por dia, e ainda trabalha seis a nove horas por dia.

Quem manda na vida? a maconha?

Quem manda na morte? o cigarro, a canabis?

Dizem que a maconha mata!. Mata nada pois até hoje ninguém me decifrou este mistério: quem manda na vida ou quem manda na morte?

É por isso, e por motivos mais, que fumo e me sinto aliviada com a canabis.

A maconha existe. Viva a maconha e o praser.

* * * * *

209 DISCURSO

Na pequena experiência que tive com a planta "Canabis Sati va" nestes últimos dois anos, cheguei a várias incognitas e dúvidas, conseguindo concluir coerentemente apenas parte delas, as quais se identificaram e se tornaram complexas e interessantes, tais como:

1. A planta como integrante ativa em minha vidaa) No relacionamento com o próprio ego

Nesta primeira observação considero a cannabis com uma certa personificação real ou seja como uma pessoa que conheci e me identifiquei, prosseguindo até hoje o relacionamento com essas novas incognitas e dúvidas, as quais, evidentemente vem sofrendo reflexões e analisar para consequentes resoluções. Este relacionamento, personificado que considerarei está sob seu total controle e vontade, e obviamente por não encontrar razões e consequências que contrariem a minha vontade, o relacionamento continua.

b) A influência na relação externa com amigos e familiares.

A descoberta e a aceitação do fato foi sendo aceita gradativamente com um grande impacto no início.

A minha expectativa de aceitação em relação a alguns amigos era totalmente nula e sem esperança no entanto trouxeram surpresas e adesões, tanto é que passou a ser meu programa favorito com meus amigos.

2. A planta como ameaça a saúde

Este ponto não está sendo encarado com muito vigor, devido ao pensamento que tenho de assumir o risco enquanto compensar e sem atrapalhar minhas atividades, as quais acredito que podem ser resolvidas perfeitamente até o momento.

Acredito que quando houver uma prioridade maior como uma boa faculdade ou até mesmo um casamento o relacionamento será cortado totalmente e não reaparecerá até consequente mudança de idéia.

219 DISCURSO

A maconha é uma recreação barata e possível.

Fumo maconha a muito tempo. Sempre observei em mim as reações que se davam dentro do meu organismo e pude ver o seguinte: Ela me traz certa apatia certa tranquilidade demais e tenho percebido que isto não é bom. Hoje o meu grande dilema é como aumentar meu pique de vida e não parar de fumar, acho pois que a maconha leva o indivíduo a não ter pique de vida. Ela é boa e isto é ruim. Mas não é você e nem meus pais sou eu quem decidirei tudo.

* * * * *

229 DISCURSO

Fico muito contente em ver que os adultos, vem até nós desta escola, falar-nos sobre esses assuntos, tais como drogas, sexo e amor e família. Nós jovens nos sentimos muitos sozinhos e nos sentimos culpados e muitas vezes nem sabemos o que pensarmos desta vida.

Eu tive um irmãos que é viciado e isso me deixou, e a todos os de lá de casa, muito aterrorizados. Devo confessar a você, querido Paulo, que viver nesta vida não é nada fácil, e ainda mais ser pobre, tal qual nós somos lá de casa.

Meu irmão foi muito viciado o que foi a desgraça dele. Digo "foi" pois ele já morreu e nós nunca ficamos sabendo porque que tudo aquilo aconteceu, eu acho que era por dinheiro. Ele fazia um bico com a maconha e ganhava muito, mas muito dinheiro.

Um dia foram alguns homens lá em casa e levaram o nosso Dinho. Soubemos depois que era uma enorme quadrilha de saltadores e vendedores de maconha.

Um dia nosso Dinho apareceu e tivemos que ir no Instituto médico legal para dizermos se era ele ou não. E era ele igualzinho mesmo.

Se puder fazer um apelo a todos os jovens do Brasil peço que não fumem pois isto será a grande desgraça desta juventude.

Se Cristo pudesse falar por mim diria que há coisas mais bonitas a serem feitas, tais quais o amor e a caridade.

Quem teve a dor de um irmão se ir desta vida sabe porque faz este afetuoso apelo.

Muito obrigado pela oportunidade.

* * * * *

239 DISCURSO

A cannabis sativa deve ser ingerida com cuidado e com lucidez. Confesso que de início nós nos sentíamos com muito medo de suas danosas consequências, mas, depois, nas rodas de conversa sobre este importantíssimo assunto, chegamos, eu e meus colegas, a uma conclusão: Pouco fumo equivale a mais excitação e menos morgação. (Morgar significa o estado de cansaço, exaustão que a cannabis provoca logo após o prazer: no meu caso a morgação é significada pelo tremendo sono que me dá). Muito fumo equivale a menos excitação e mais morgação.

De onde se conclui que fumado com lucidez e calma, a cannabis é muito boa. Principalmente quando, por exemplo, não se tem dinheiro, e fica-se um bom tempo sem fumar, o primeiro cigarro aí fumado realmente é muito bom.

Os pais deveriam compreender tudo isso. Lã em casa os meus são muito legais. Conversaram comigo, não se apavoraram, e, veja a sutileza, não foi causa de disquite deles.

Eles me disseram que pessoas como eu, com certo grau de instrução e equilíbrio emocional, podem fumar pois não alterarã o seu comportamento. Jã me disseram que, o meu primo, que tem problemas sãrios de personalidade, se fumar podẽ piorar sensivelmente o seu comportamento.

Eu não sei como acudi-lo nisso pois jã vi tantos e quantos com problemas sãrios e que não pioraram.

Acredito que a maconha devia ser legalizada pois assim, alẽm de se socializar o prazer e as informações corretas a seu respeito, nós socializarãmos o dinheiro, e que dinheiro, que advẽm dela.

P.T. Saudações!

* * * * *

249 DISCURSO

Hoje estou no segundo colegial. Perdi meus pais pela vida pois um dia eu não vi mais eles. Sumiram. Aí eu fui pra Febem na unidade da Vila Maria. A Febem é a pior merda do mundo lá acabei de me viciar inteirinha. Nós subiamos os baseados por uma corda que jogávamos pros meninos da favela ali do lado - os meninos ganhavam a cordinha com 1.500.00 e davam dois fumos. Mas depois pegavam a gente. Um dia eu fiquei seis dias no quartinho porque eu fugi para procura a maconha. E o juiz disse que eu não podia fugi mas eu fugia. Era gostoso. Trazia os baseados dentro do sapato e fumava a valer, lá dentro todo mundo sabia que eu fumava e os vigias aqueles filhos da putas também vendiam de vez em quando filhos da puta porque caguetavam tudo mas não podiam fazer nada contra nós e até tinha um que trocava umas esfregadas de mãos no meu seio e na minha coxas em troca de ele não ve que eu fumava. Um dia ele me pego toda chupada e me chupou inteira sô pra não fala nada.

Mas um dia fui trabalha em casa de familia e fugi daquela podridão.

* * * * *

250 DISCURSO

Acontece isso a gente quer fumar e não pode será que alguém pode me resolver esses problemas mas eu continuo sem as respostas.

Queria abandonar toda essa vida louca em São Paulo e ir morar com os caiçaras, em litoral de São Paulo e seria (como fui) considerada louca e meus pais não me deixaram dizendo que eu era a maconheira (eles sabem) agora os industriais podem acabar com os rios e mares, arrasar nossas floresta e são considerados gente de bem, e eu uma maconheira. Quem está mais certa?

Rouba-se, esfola-se, os colarinhos brancos estão por cima e eu sou considerada uma maconheira. Nada é justo.

Eu queria me mandar disso tudo aqui pois não sou aceita, não tem nada a ve nesse São Paulo.

Trabalha como um louco, o meu pai pode, e às vezes até bebe como um porco.

Fazer anúncio e reclame desesperados de bebida e cigarro até pode (e deve, segundo o delfim).

Arruinar os rios, os Índios, as árvores, os animais, até pode. Até pode destruir a natureza como todos estes " canibais civilizados " destruíram... antes os canibais comiam os outros corpos humanos. Hoje os canibais de gravata ou de farda comem a natureza. Então comem parte de mim, me comem também.

O F. da P. dos Estados Unidos ensanguentar a América Latina numa pavorosa repressão até pode.

Mas eu fumar um simples baseado, isso é ser criminoso e marginal.

Quer saber, vão prá puta que o pariu.

269 DISCURSO

Sempre preferi aqui na vila a cola em vez da maconha sō que depois que a cola me deixou quase com muita dor de cabeça intensa e de sempre resolvi ir para a maconha que ē muito boa pois nō ē tōo forte quanto a cola e nō faz mal sō deixa gente meio sem vontade para nada e meio em baixo astral mas dā para ir levando pois a gente vai indo e o trabalho na fābrica jā levanta a moral e a gente consegue trabalhar numa boa sō que acho que deviam descobrir um fumo que nō tirasse o ânimo das pessoas. Aqui em casa passou viver do que ela dā de dinheiro a mãe o pai os irmãos vendemos ganhamos grana facil e jā tamos mudando de vida pensando em planta a maconha.

* * * * *

Eu mudei muito depois que comecei a fumar, sabe interiormente. Passei a me sentir outra pessoa.

Vejo assim a evolução da nossa juventude:

Houve a geração dos anos 60 com os Beatles com o rock. Com a pequena revolução de 68.

Houve a geração dos anos 70, com os milagres, com a guerra do Vietnã com as ditaduras.

Hã a geração dos anos 80 com a maconha. Fumo e fumo bem e acho que é uma proposta da minha geração. Não tenho razões internas e explicações profundas para fumar. Fumo porque é bom. Porque gosto. Não sou um fissurado mas acho muito bom o fumo. Alivia. Faz bem para a mente e para o corpo.

Para o desgosto de muitos não fumo porque tenho problemas, não tenho meus pais separados, vou bem na escola, percebe como não tenho as "razões" para fumar? Mas fumo por minha opção. Sõ ando com gente que fuma e quer fumar. Adoro fumar com amigos que sacam o que é o fumo.

A desgraça da maconha serã quando ela for industrializada. Aĩ vão estragã-la e contaminã-la. Enquanto ela é natural ela faz bem, bota quimica nela a vaca vai pro brejo.

As nossas conversas (principalmente aquela palestra sua) tem me ajudado prã burro. Tenho visto muita gente que não sabe fumar e vai direto. Acho uma loucura. Não quero e não vou largar de fumar.

* * * * *

4. HERMENÊUTICA4.1. O Lêxico

A COISA TÃ PRETA	=	nada fácil; grande quantidade; excesso
BAIXO ASTRAL	=	estado depressivo; pouca energia
BARATO	=	(expressão de muitos significados) — o mesmo que bom; importante; "legal"
BARRA	=	dureza, estado nada fácil; o contrário de facilidade
BASEADO	=	cigarro de maconha
CAGUETAR	=	delatar; entregar
CIGARRETE	=	cigarro de maconha
CHAPADO	=	"estar chapado" — estar sob os efeitos da maconha
COMPLETAMENTE LOUCO	=	estar sob os efeitos da maconha
CURTIR	=	passar pela situação; aproveitar; gostar de fazer
DAR BANDEIRA	=	falar sobre; delatar; deixar passar uma idéia nas entrelinhas; mostrar sem querer; errar
DAR UM "TIME"	=	dar um tempo; esperar
ENTRAR DE CABEÇA	=	não medir consequências; viver intensamente
FORÇA NA CABEÇA	=	sentir os efeitos da maconha
FISSURADO	=	estar completamente tomado pela situação
FUMAR DIRETO	=	fumar muitos cigarros, um atrás do outro; não dar espaço entre um cigarro e outro

FUMAR NA RODINHA	=	ritual de sentar-se com outras pessoas, em círculo, e fumar um único cigarro que passa de um para outro
IR DIRETO	=	fumar muitos cigarros, um atrás do <u>ou</u> tro
MUAMBA	=	grande quantidade de maconha
MARIJUANA	=	outro nome da maconha
MORGAÇÃO	=	estado de pouca energia; estar sem atividade, vivendo o momento; estar sob os efeitos do fumo; estado de cansaço, pouca excitação
NUMA BOA	=	expressão que significa estar bem; <u>vi</u> ver tranquilo; em paz
PASSADOR	=	aquele que compra em grande quantidade e que vende para outras pessoas
PELOTA	=	dinheiro
PINÊU	=	"estar pinêu"; estar sob os efeitos da maconha
PIQUE	=	energia; vontade; ação; força interna
PISAR NA BOLA	=	estado que evidencia um erro, ato <u>pos</u> sivelmente involuntário; pode signifi <u>ca</u> r trair, delatar
PUXAR	=	fumar
PUTS	=	expressão de muitos significados: pode equivaler a noção de grandeza: puts alegria = grande alegria
SENTIR UNS BARATOS	=	sentir os efeitos da maconha, sentir sensações não facilmente distinguidas e provocadas pelo fumo
TODO LOUCO	=	estar tomado pelos efeitos da maconha
VACA VAI PRO BREJO	=	não controlar a situação
VILA	=	bairro afastado do centro; periferia

4.2. A SEMÂNTICA

Com acentuada preocupação descritiva, as pessoas utilizam-se de linguagem fluente, desinibida e direta, com moderação de adjetivos.

Caracterizados sempre por uma delicadeza no trato do assunto, uma postura séria e uma finura de análise surpreendentes, que no fundo se transformam no suporte de uma verdade que documenta e historia a realidade, os discursos são escritos com frases curtas, articulados na primeira pessoa do singular.

Rica em relações e explicações, a passagem da subjetividade para a objetividade não tropeça em barreiras, pois, com facilidade, as pessoas contam suas vivências, descrevem a reação das outras pessoas, principalmente a dos familiares, expressam sentimentos e emoções, contando sempre a história que os cerca na con-vivência-com-a-maconha:

"Eu tenho meus amigos e a gente se tranca no carro fecha os vidros e a fumaça fica circulando aí dá mais força na cabeça ..."

(59)

"... o convidar alguém... sentir esse alguém espantado comigo: Você também fuma?..."

(79)

"... os meus pais desesperaram ficaram alucinados doidos..."

(29)

"... os meus pais não querem que eu fumo e eu faço escondido..."

(109)

"a maconha me fez descobrir um mundo novo, gostoso todo cheio de sensações..."

(19)

Em todos os discursos há uma profunda preocupação em busca da "ética" — nada é revelado que venha a comprometer qualquer pessoa. Observo, entretanto, dois momentos distintos nesses discursos. O primeiro, quando os autores se mostram descritivos, indicando o local, o modo, e com quem con-vivem ou fumam, identificando porque e como controlam o fumo...

"Devo dizer que a coisa mais gostosa é você se sentar na calçada e ficar com um grupo de amigos conversando completamente loucos".

(69)

"Eu não tenho razão alguma para fumar e fumo porque gosto e adoro"...

(69)

"Cannabis sativa deve ser ingerida com cuidado e com lucidez".

(239)

... o segundo momento se dá quando os autores insistem em vincular uma mensagem no texto. Constantemente há indagações, questionamentos e dúvidas que querem compartilhar com o leitor, interpelando-o ao convidá-lo a fumar, como condição de poderem ser compreendidos. Evidenciando a vontade de dialogar com o leitor não percebem, talvez, que o objeto constitutivo seja a persuasão:

"Quem manda na vida? A maconha?
(199)

"Quem manda na morte? O cigarro?
A cannabis?"
(199)

"Porque você também não experimenta um ba-
seado?"
(69)

"Porque você não fuma, aí você vai poder com-
preender mais profundo".
(89)

"Eu acho que você tem tanta vontade de saber
o que é a maconha, você deveria experimentar"
(139)

Estas revelações existenciais se sobrepõem em cadên-
cia rítmica onde a intensidade da angústia, que até atinge
um certo grau de radicalização, se reflete sobre a lingua-
gem — o fumar é uma opção que são aquelas pessoas pertencem:

"Eu é que resolvi fumar. Eu não sei porque
eu fumo. Mas fumo".
(109)

"Hoje o meu grande dilema é como aumentar meu
pique de vida e não parar de fumar".
(219)

"Mas não é você nem meus pais sou eu quem de-
cidirei tudo".
(219)

"Mas fumo por minha opção".
(279)

Evitando, assim, qualquer tipo de lamentação improdutiva, colocam em cena a concepção de tempo e de espaço muito comum no Homem Contemporâneo: o viver é o momento. A cotidianidade aparece, portanto, como a principal estrutura latente na narração. O enredo, coeso e verossímil, encontra sua gênese, permeia e dilui-se, enfim, no fluxo dos acontecimentos. Disto resulta, no plano do estilo, uma preocupação disciplinada na narração do que está acontecendo no aqui e no agora:

"Acredito que quando houver uma prioridade maior como uma boa faculdade ou até mesmo um casamento o relacionamento será cortado totalmente e não reaparecerá até conseqüente mudança de idéia".
(209)

"A gente vai levando muito gostoso"...
(19)

"A gente tem que viver o momento da vida da gente".
(69)

"Fumo porque gosto de viver os momentos de minha vida com grande intensidade com igual força".
(89)

A narração obedece, sem dúvida, aos princípios da objetividade, correndo nesse diapasão: a temática da existência. Aqui a vivência com a maconha é, em última análise

se, a vivência com o novo, revelada entre o medo e o prazer, entre a apreensão e o divertimento.

Hã discursos que se caracterizam mais como "liberais", enveredando pela proposta da descriminalização da maconha; outros hã que se mostram absolutamente contrários. A coexistência de um clima de idéias tão antagônicas não é um paradoxo. O contraste está tão somente na superfície das palavras; a raiz comum destes rumos diversos é a postura incômoda que ambos assumem em face do novo, que se apresenta com força e altivez.

Percebo que na matriz de cada discurso está estampado um rompimento. O novo que cada um deles traduz se concretiza na face dual do temor e da alegria. Enfim, o ponto mais aflitivo da tensão entre o "Ser-narrador" e a sociedade em que vive:

"A maconha me fez descobrir um mundo novo, gostoso todo cheio de sensações".

(19)

"O mundo muda moço e a gente tem que mudã também".

(49)

"A descoberta e a aceitação do fato foi sendo aceita gradativamente com um grande impacto no início".

(209)

Na crueza destes discursos, não observo simples constatação de um fato orgânico — o realismo que os reveste é essencialmente crítico. O "Ser-narrador" apresenta-se com conotações de análise e de avaliação da sociedade, prin

principalmente no que diz respeito à agressividade existente em um sistema social marcado pela competitividade:

"Quem prendeu o Maluf 'por porte ilegal de roubos'? Quem prendeu os que mataram os Índios por porte ilegal de sangue? Quem prendeu o Médice e o Delfim por porte ilegal de sacanagem contra o povo? Deixe-me em paz que vou ser feliz, apesar de ser considerado pela maioria como um marginal. Vocês verão!"
(20)

"Queria abandonar toda essa vida louca em São Paulo e ir morar com os caíçaras, em litoral de São Paulo e seria (como fui) considerada louca e meus pais não me deixaram dizendo que eu era maconheira agora os industriais podem acabar com os rios e os mares, arrasar nossas florestas e são considerados gente de bem, e eu uma maconheira. Quem está mais certo?"
(250)

Verifica-se, então, um limite entre os discursos. Uns, marcados por uma narração descritiva, alegre e sem tensão, outros caracterizados pela exposição crítica, dolorosa e intimista. Daquele lado, a observação fria do que acontece consigo próprio, o convite para que o mundo continue como está, a paz revelada. Deste lado, a brutalidade da linguagem mostra não só a servidão e o servilismo humanos, como a rudeza e a degradação, vividos numa atmosfera de opressão.

É supêrfluo repetir que em ambos há esforço pela objetividade e pela postura sincera:

"Meu pai me dizia que bebida é companhia e eu me atrevo a dizer que maconha é companhia"...

(19)

"É horrível a gente se sentir assim: 'Lã vai o louco, o cabeludo, o doidão'. Atê parecia que estava com cancer".

(29)

"É uma delícia fazer sexo todo chopado"...

(69)

"Encontrei o prazer"...

(79)

"Um dia foram alguns homens lã em casa e levaram o nosso Dinho. Soubemos depois que era uma enorme quadrilha de assaltadores e vendedores de maconha. Um dia nosso Dinho apareceu e tivemos que ir no Instituto Médico Legal para dizermos se era ele ou não. E era ele igualzinho mesmo".

(229)

... "filhos da puta porque caguetavam tudo mas não podiam fazer nada contra nós e atê tinha um que trocava umas esfregadas de mão no meu seio e na minha coxas em troca de ele não ve que eu fumava. Um dia ele me pego to da chopada e me chupou inteira sô pra não fa la nada".

(249)

A rigor, a competitividade continua sendo vista de

forma mais complexa, justamente quando constataam o Homem atrelado ao econômico. Não pode, portanto, causar estranheza o fato de que analisam o dinheiro posicionado no centro da vida social, como sendo um verdadeiro "divisor de águas". Assim sendo, deixam transparecer que sentem os limites fatais desta influência, alterando radicalmente, aí, estilo e pensamento, em tom de espanto e rancor.

"Eu sei também que os homi estão de olho em nois porque eles querem fica com toda a maconha. Eles são os dominanti a tal crasse dominante, e nois os fudido da vida. A maconha é um meio de nois sobrevive..."

(49)

"Sô tem uma palavra que pode definir maconha: dinheiro. Você não faz idêia do que é esse mundo".

(59)

"Tenho ganhado dinheiro também com a maconha. Sempre salvo uns e em casa ninguém mais vai passar fome, pois o meu pai se arranjou bem quando estava desempregado me dando uns para passa na escola".

(69)

"Em também já passei e acho melhor passar que fumar. Pelo menos a gente ganha um bom dinheiro gordo e sempre".

(189)

"Meu irmão foi muito viciado o que foi a desgraça dele. Digo 'foi' pois ele já morreu e nós nunca ficamos sabendo porque que tudo aquilo aconteceu, eu acho que era por dinheiro".

(229)

"Além de socializar o prazer... nós socializamos o dinheiro, e que dinheiro, que advém dela".

(239)

Por fim, ao investigar um princípio semântico subjacente a esses discursos aqui transcritos, o que surge com clareza é a postura articulada de um grupo de pessoas que vivem essencialmente um momento existencial. Em que pese esta condição social, não observo resistências ao se colocarem perante o tema que lhes foi oferecido. Pelo contrário, enveredam por um conteúdo ideológico que revela profunda ligação com o mundo-em-que-vivem. Digamos, uma imersão.

Insistem em buscar um sentido neste mundo, deixando transparecer um universo lingüístico repleto de significados atribuídos, em um leque aberto de críticas e propostas.

Quando conseguem encontrar um veio de solução propõem mudanças gradativas, sistemáticas, além de que, certamente, urgentes:

"Maconha devia ser legalizada pois assim acabava com a pouca vergonha de só alguns e os mesmos ganharem dinheiro com ela".

(39)

"Devia legalizã logo".

(49)

"A cannabis sativa deve ser ingerida com cuidado e com lucidez".

(239)

Porém, por vezes, aquele veio de solução não aparece. O conflito que sobressalta, traduz-se em estilo marcante, onde não suavizam o tonus contestatório e agressor, entre o mágico e defensivo:

"Quer saber, vão prá puta que o pariu".
(259)

4.3. AS CATEGORIAS

Da análise dos discursos das pessoas que con-vivem-com-a-maconha, pude apreender oito categorias que são enumeradas abaixo, em ordem alfabética:

- 1a. - Alteração no Auto-conceito
- 2a. - Controle da quantidade
- 3a. - Descrição dos comportamentos ocorridos
- 4a. - Descrição do ritual e a companhia ao fumar
- 5a. - Medo
- 6a. - Prazer
- 7a. - Pressão Social
- 8a. - Relação com o dinheiro — Pressão Econômica

Estas categorias são apresentadas ao leitor no quadro adiante que é completado pelas citações encontradas nas narrações.

Na interpretação que se segue ao quadro o critério utilizado para a ordem de entrada das categorias foi, simplesmente tornar a minha redação mais seqüencial e fluente.

4.4. A INTERPRETAÇÃO

Alteração no Auto-conceito

A contar a sua con-vivência-com-a-maconha, as pessoas manifestaram modificação no auto-conceito.

O ato de fumar a maconha, assim como está sendo proposto e permitido em nossa sociedade, não aparece como uma vivência isolada, distante. Ao contrário, interior e profundo, envolve o ser em um processo de mudanças íntimas e dinâmicas:

"Eu mudei muito depois que comecei a fumar, sabe interiormente. Passei a me sentir outra pessoa".

(279)

Observo que a resposta à pergunta "quem sou eu" vai pouco a pouco se tornando vulnerável, emergindo em um progressivo estado de ansiedade, marcado por contradições e incertezas. Os termos utilizados nos discursos assumem um significado processual, exprimindo um sentido histórico de mudanças ocorridas:

"parece que era"...

(19)

"comecei a me sentir"...

(29)

"de início me sentia"...

(79)

"de princípio eu me achava"...

(99)

Não obtendo resposta satisfatória àquela pergunta, as pessoas passam a viver um estado híbrido de Identidade, com sérias dificuldades de encontrar-se-no-seu-mundo. Inicia-se, a partir disto, uma luta interna com o encontro de significação para o seu-próprio-viver:

"Será mesmo que sou um cabeludo, um doidão, um maconheiro? Já não sei mais nada".

(59)

Assim, evidencia-se que as pessoas vêem, gradativamente, o surgimento de uma nova Identidade. Esta situação manifesta uma dificuldade processual que não se mantém somente no nível interno, pois a Identidade, sendo inseparável do próprio corpo, encontra-se neste, situa-se neste. Assim, extrapolando o íntimo, adquire significado também no seu exterior, isto é, no corporal, no físico, na pele, em uma repercussão que considero dramática:

"parece que era leprosa".

(19)

"atê parecia que estava com cancer".

(29)

A inclusão de expressões e nome de doenças que causam desintegração orgânica deve ser interpretada como a perda da unidade na relação eu-corpo. Lembrando Merleau-Ponty (1) direi que o corpo a cada momento exprime a existência. Aqui, não sendo nem leprosos nem cancerosos, mas considerando-se como tais, as pessoas expressam a perda de conhe-

(1) Merleau-Ponty. Fenomenologia da Percepção. Passin.

cimento do todo do corpo. Estraçalha-se esta percepção:

"É muito ruim você se sentir canceroso parece que a gente leva o cancer no corpo".

(29)

Assumindo um sentido maniqueísta de vida, a procura da própria (ou da nova) Identidade, passa a ser marcada pela noção dualista de Ser-bom versus Ser-mau. Conseqüentemente o ato de fumar, repito, da forma como está sendo proposto e permitido pela nossa sociedade, invade o íntimo, numa série de transformações do próprio Eu, que, enfim, vem se concretizar no dilema existencial do Ser-normal ou do Ser-anormal:

"de princípio eu me achava anormal, mas depois melhorei bem".

(99)

Concomitantemente surge o estigma, o rótulo social, dividindo as pessoas em dois mundos:

"Os que fumam, os maconheiros e hipies, e os que não fumam, gente boa e legal".

(19)

Quando internalizados, os estigmas tornam-se caminhos certos para um processo de despersonalização e para o desencontro pessoal e social, pois ao interiorizá-los, a pessoa se sente pré-disposta a fazer (ou vê fazerem) comparações desfavoráveis. O núcleo pessoal se desestabiliza e os vínculos emocionais com o próprio Eu são colocados em dúvida, gênese, então, de conflitos e contradições tanto pessoais como existenciais:

"meu pai me ameaçou me bateu, falando que eu era uma drogada uma cachorra uma puta. Mas eu não era nada disto".

(189)

Com os estigmas, a crise de Identidade se torna patente, adubando um terreno apropriado para o surgimento e impregnação crucial da perda gradativa da auto-estima. De bom ao mau, de verdadeiro ao mentiroso, a ameaça sentida perante essa situação conduz, surpreendentemente, não a um sentimento de inoperância ou de impotência, mas, pelo contrário, a um sentimento de inconformismo perante si mesmo e perante os outros, que assumem a força da pressão social:

"E eu não era nada disto".

(189)

"E eu num mi sinto nenhum louco como os homi quē que eu me sinto".

(49)

Mesmo assim, em que pese toda essa vivência maniqueísta entre as forças do bem e do mal, e, em que pese a carga dos estigmas, as pessoas não internalizam um diagnóstico fatalista, mas, administrando suas divisões internas, encontram-se em um momento, certamente, transitório:

"Mas depois eu melhorei bem".

(99)

"Acredito que quando houver uma prioridade maior como uma boa faculdade ou até mesmo um casamento o relacionamento (com a planta) se rã cortado totalmente e não reaparecerã até conseqüente mudança de idēia".

(209)

Quero argumentar que estes aspectos de mudança na Identidade destas pessoas caracterizam-se por sentimentos múltiplos e diferenciados. É um processo, portanto. A própria vivência vai demarcando as mudanças ocorridas e abrindo, muitas vezes à custa de sacrifícios pessoais, possibilidades de nova visão de si mesmo:

"De início me sentia muito envergonhada e solitária mas depois percebi que é essencialmente prazer, social e recreativo".

(79)

Se considerar que a formação (ou mudança) da Identidade é um processo no qual a pessoa se confronta sempre na relação com o social, a categoria seguinte a ser analisada sugere-se por si mesma. Não posso, portanto, separar desenvolvimento pessoal das transformações sociais ou das pressões do grupo comunitário. Tais processos evoluem juntos.

Pressão Social

O estudo do processo da formação (ou modificação) da Identidade exige uma primeira e necessária condição metodológica para a sua compreensão mais profunda — a observação e a análise da pressão social sobre o indivíduo.

A pressão social aparece nos discursos sob diversos prismas. De início, as pessoas a sentem como uma força diluída, difusa, vinda não sabem bem de onde, como algo que vai se evidenciando aos poucos, processualmente:

"Quando percebi a maioria fumava"...

(19)

"Em todo o caso a gente é forçado a fumar"...
(19)

"Não sei porque comecei e porque parei".
(189)

As pessoas manifestaram um sentimento de intensa pressão social, como fenômeno oculto e difícil de ser identificado e analisado. Tal percepção é concretizada em verdade, quando, querendo manter um diálogo narrador-leitor, mostram a distância que os separa. Para o narrador parece ser muito difícil que o leitor venha realmente a compreender como se sentem pressionados a fumar:

"Você não faz idéia do que é esse mundo".
(59)

"Você nem acredita"
(99)

"Você nem pode imaginar".
(109)

Nesta linha, observo também que as pessoas se preocuparam em discutir as possíveis causas que as levaram fumar:

"Porque eu fumo?", não sei"
(59)

"Eu não tenho razão alguma para fumar"...
(69)

"Fumo porque gosto de viver os momentos de minha vida".
(89)

"Eu não sei porque eu fumo".

(109)

Esta preocupação aparece disseminada justamente por não encontrarem elementos convergentes que pudessem, de alguma forma, dirimir dúvidas e inquietudes:

"Para o desgosto de muitos não fumo porque te nho problemas, não tenho meus pais separados, vou bem na escola, percebe como não tenho as 'razões' para fumar?"

(279)

Para aquelas pessoas existe como que um imediatismo de ação que, baseado em forte princípio de uniformidade social, permeia o agir que aos poucos se torna comum, geral.

"Um dia ela apareceu, como que do nada".

(29)

"Todo mundo começou a fumar..."

(29)

"Mas não deu para parar. Acho impossível pois todo o mundo fuma".

(169)

Realmente quero imaginar que deve haver uma força extrema nesse "todo mundo" a que se referem com insistência. Considero que não buscam inconseqüentemente uma desculpa ou racionalização vulgar do tipo: "Ah! Já que todo o mundo faz eu também vou fazer". Não. Expressem, aqui, um forte apelo. A expressão usada por elas, este "todo mundo", traduz, pois, estímulo, incitamento, incentivo, instigação. A tal ponto isto é verdade que, longe de inventar pre

textos ou justificativas fúteis, transmitem, em tom dramático, a idéia de como vivem pressionados:

"Venha um dia até o salão e vê se dá pra aguentar a barra de não fumar".

(59)

"Confesso que fumo a muito tempo, pois a barra aqui não é fácil".

(99)

"Acho que está uma loucura".

(169)

A expressão "todo o mundo" não é uma expressão utilizada com intencionalidade de ser universal, totalizadora ou geral. Significa, outrossim, "todo o meu mundo", com tonalidade seletiva.

E, as pessoas mostram que o conflito reside, justamente, em serem ou não aceitas pelo grupo comunitário que forma esse "todo o meu mundo". Assim, a força do grupo recai de forma tão violenta que, às vezes, é impossível não fumar: "

"Tenho certeza que vou fumar pois não tenho aguentado o que me convidam".

(119)

A vida individual passa a ser uma sentença ditada pelo grupo social. A pessoa precisa, então, da chancela do grupo a que pertence, pois é difícil, e às vezes perigoso, ser diferente no grupo:

"Virou um modismo, é todo o mundo fuma por causa do amigo que fuma".

(39)

100.

Ao sentirem a força que o grupo exerce sobre si, surgem os primeiros conflitos que, de uma maneira ou de outra, impedem o curso de opções mais satisfatório ou, digamos, mais tranquilo. Pressionados por grupos diferentes e antagônicos (dos pais e dos amigos, por exemplo) passam a vivenciar sentimentos colidentes — de um lado a culpa por fumar, de outro uma vontade de fazer parte do grupo. É muito comum surgir a premência e necessidade de uma opção urgente que é feita, então, necessariamente sob pressão, vale dizer, tanto de um como de outro grupo:

"Haviam muitas pessoas que fumavam e eu acho que me sentia um pouco por fora".

(139)

..." meus pais quando desconfiaram me prenderam em casa e porque não me dão um sô dinheiro".

(119)

Assim, toda a pressão, ou mais ousadamente, toda a opressão que os diferentes grupos exercem faz emergir um estado já latente de culpa, que vem agora emoldurar uma solidão existencial. Inviabiliza-se, assim, a curto prazo, a possibilidade de reflexão mais elaborada ou mais crítica:

"Nós jovens nos sentimos muito sozinhos e nos sentimos culpados e muitas vezes nem sabemos o que pensarmos desta vida".

(229)

Embora vivendo todo o seu mundo o indivíduo passa a sentir-se sô. Ao lado de uma necessidade de falar, de expor seus pensamentos, de contar de si mesmo, existe uma im

possibilidade real disto se concretizar na prática. Manifesta-se, aĩ, o que chamo de conflito do silêncio, pois, se de um lado é preciso falar, de outro é melhor calar-se:

"Mas acho que é algo que vou ter que curtir sōzinho e a gente pode conversar com poucas simas pessoas sobre a maconha... e isso é su focante".

(159)

"Estou numa sēria dūvida e não tenho ninguém para conversar pois todos os amigos fumam e eu não quero fumar sob influência deles".

(119)

Condenadas ao silêncio, as pessoas estão condenadas a um processo social massificador e massificante, onde surge a ausência de crítica e de análise mais sistemática. Assim, vejo com clareza que o ato de fumar maconha torna-se um fenômeno de massa, com todas as suas particularidades e peculiaridades. O peso deste processo torna-se tão forte e intenso que é impossível uma opção, seja ela qual for, que se concretize sem ansiedade e com ausência de sentimentos de culpa:

"... o que fico apavorada é que de repente você é levada a fazer coisas e a parar de fazer coisas sem saber o porque, pode isto ? Putz culpa, cara".

(189)

A solidão, porém, é um estado transitório.

A história nos mostra que há um forte impulso no Ser para que encontre um grupo onde seja aceito e acolhido.

Nesta procura, observo um inconformismo perante a situação de não poderem fumar livremente, às claras. Este viver-escondido vem, com certeza, modificar e manter em desequilíbrio o auto-conceito:...

"... tem que ser escondido e isso é sufocante detesto fazer as coisas como mentiroso e tive que me tornar um. Porque será que tem que ser assim? Não podia ser diferente?"
(159)

Na observação da realidade, notam uma série de incoerências na sociedade em que vivem. Em primeiro lugar, sentem que a pressão social que incita a não fumar exige uma dose muito grande de sacrifícios pessoais:

"É muito duro parar de fumar e prá que parar?"
(179)

"Não vale a pena parar de fumar".
(159)

E, no final das contas, além de pessoal, esse sacrifício parece ser em vão e inútil:

... "conto que na cadeia se fuma prá caramba e eu ficu mi perguntando se vale a pena tantu sacrificiu, prá se presu por causa da maconha e lá dentro se viciado e o viciu corre sorte. Ou sorta tudo ou prendre tudo, mais fica nessi negociu de lá podi e frrora não podi não dá".
(149)

Finalmente, a questão da pressão social é recolocada nos discursos em tom mais agressivo, desafiador até. Na ansiosa procura de manter o equilíbrio tanto do auto-conceito como de uma con-vivência com o grupo social, passam a questionar, dramaticamente, a moral e os costumes aceitos, comparando-os com o ato de fumar:

"Arruinar os rios, os índios, as árvores, os animais até pode. Até pode destruir a natureza como todos estes canibais civilizados" destruíram... mas eu fumar um simples baseado, isso é ser criminosa e marginal".
(259)

É inevitável descrever as alterações no auto-conceito e analisar a busca de uma (nova) Identidade, sem o referencial amplo do contexto social que regula e, por vezes, determina as opções e o caminho de vida das pessoas.

Assim, a luta pela (nova) Identidade é travada concomitantemente ao surgimento de novos costumes que, como no caso da con-vivência-com-a-maconha, emergem da opressão.

Relação com o dinheiro — Pressão Econômica

O uso da maconha é apresentado sob forte pressão econômica.

No intercâmbio de mercadoria clandestina, o dinheiro e o conseqüente lucro passam a ter significado e importância na vida das pessoas. Tanto isso é verdade que o empreendimento de compra e venda da maconha evolui do âmbito pessoal para o familiar:

"... meu pai também fuma e ganhô uns trocado bom com a venda".

(149)

"Eu tenho tive a facilidade de ter um irmãos que passava (e agora tã preso) e ele me facilitava os baseados".

(189)

"... e mãe o pai os irmãos vendemos ganhamos grana"...

(269)

A maconha é considerada mercadoria barata, com rentabilidade garantida. Isto induz as pessoas a verem e sentirem grandes e fáceis possibilidades de mudança de vida:

"A maconha é uma recreação barata e possível".

(219)

"Aqui em casa passou viver do que ela dá de dinheiro... Vendemos ganhamos grana fácil e já tamos mudando de vida pensando em planta maconha".

(269)

Ao lado da facilidade da transação da mercadoria e das oportunidades de mudança de vida, a operação comercial aparece como uma espécie de salvação. Em uma sociedade em que outras pessoas vivem a oscilação e insegurança de emprego, o vender a maconha surge como alternativa, um sub-emprego, um bico:

"... pois o meu pai se arranjou bem quando estava desempregado me dando uns prã passa na escola".

(69)

"... acho que era por dinheiro. Ele fazia um bico com a maconha e ganhava muito, mas muito dinheiro".

(229)

A relação com o dinheiro e a pressão econômica que envolvem a con-vivência-com-a-maconha não se manifestam somente na possibilidade que as pessoas vêm de encontrar a um trabalho ou um bico. Como a transação é rápida, e como dela o lucro surge sem muito esforço, o possuir a maconha para ser vendida é sentido ainda como uma garantia de vida...

"Tenho salvo uns e em casa ninguém mais vai passar fome..."

(69)

... transcendendo esta garantia de vida, tal operação econômica passa a ser para algumas pessoas, quase magicamente, uma forma de sobrevivência. Isto significa que encontram neste comércio possibilidade, senão única, pelo menos concreta e duradoura, de continuar a viver. Assim, sobreviver por este tipo de negócio é, em última análise, ter pela maconha algum tipo de sentimento que sugere esperança:

"Pois muita gente já morreu por ela. Para essa gente era uma questão de sobrevivência. Aí eles dançaram".

(39)

"A maconha é um meio de nós sobreviver".

(49)

"Eu também já passei e acho melhor passar que fumar. Pelo menos a gente ganha um bom dinheiro gordo e sempre".

(189)

Aparece, pois a idéia de que a compra e a venda da maconha transforma-se em negócio fácil, que produz rendimento satisfatório, rápido e garantido. Em uma sociedade de consumo como a nossa, quando surgem os negócios clandestinos, estes induzem a uma imensa vontade de se obter o maior e o mais rápido lucro possível. A ambição de ganho é, pois, uma constante.

O dinheiro passa a ser tanto via de acesso como um objetivo final:

"Sō hã uma palavra que pode definir maconha: dinheiro. Você não faz idéia do que é esse mundo".

(59)

Contraditoriamente, porém, se de um lado é essa via de acesso fácil, por outro, o dinheiro pode se transformar em um empecilho ou em uma forte condição de controle:

"Não tenho dinheiro para comprar o que eu gostaria de fumar. Mas um dia eu vou ter".

(109)

"Meus pais quando desconfiaram me prenderam em casa e porque não me dão um sō dinheiro".

(119)

Dinheiro, lucro e poder sempre andam juntos pelos caminhos de nossa sociedade. Formam-se, então, grupos que passam a explorar e a viver de negócios clandestinos. Essa situação percebida é denunciada de maneira drástica, marcada pelo rancor e ressentimento:

"A maconha devia ser legalizada pois assim acabava com essa pouca vergonha e sō os mesmos ganharem dinheiro com ela".

(39)

"Eu sei também que os homi estão de olho em nōis porque eles querem fica com toda a maconha. Eles são os dominanti a tal crasse do minante, e nōs os fudido da vida".

(49)

"Mas lhe digo que no dia que for liberada vai acabar com toda a vontade e com essa fome de dinheiro".

(59)

Clandestino ou não, o ato de fumar maconha pode trazer algum tipo de prazer.

Porém, não fugindo às regras impostas pelo mundo em que vivemos, todo o prazer tem um custo. Pessoas hã que, ao revelarem um certo inconformismo com tal processo, mostram conhecer e vivenciar uma pequenina parte desta rede de exploração comercial. E, tom de inocência, traduzem um choramingo:

"Pena que tenha que pagar prá ter esse prazer".

(89)

O Medo

Os discursos das pessoas que con-vivem-com-a - maconha estão repletos de expressões que denotam a existência de um estado-de-medo. Este aparece como uma estrada paralela ao ato de fumar, concomitante pois:

"Eu acho a maconha excelente. Mas tenho um certos medos"...

(99)

"Sō gosto de ir em festas e reuniões onde a gente fuma. Embora eu sinto um pouco de medo".

(109)

"... e ainda a certo medinho".

(169)

O medo não se manifesta como um sentimento gerador da estagnação ou imobilismo. No viver-com-o-medo, as pessoas se vêem reunindo forças de dentro de si para amainá-lo. Noto, então, combate ao medo, esforço agressivo para dominá-lo, para extinguí-lo:

... "Tive que vencer o medo"...

(69)

... "É preciso espantar o medo".

(79)

"Se o senhor não ajudar a resolver o medo vai reinar embora a gente esteja lutando contra ele".

(39)

Ainda que vivendo em um estado-de-medo as pessoas continuam a fazer uso da maconha, ou a vêem muito próxima de si. O conflito gerado por essa situação, porém, não pára aí. Aceitar o desafio para combatê-lo e empreender um esforço para dominá-lo, gera, enfim, uma satisfação pessoal. Vencê-lo é, certamente, um prazer:

"O medo me provocava mais ainda para o baseado que depois me tirou o medo dele".

(19)

"... mas tenho um certos medos que preciso dominar, para sentir ainda mais prazer".

(99)

Cómo já analisei na categoria alteração do auto-conceito, aqui também, percebo o medo de fumar extrapolando o íntimo e adquirindo significação no exterior, no físico, no corporal. Perante a imprevisibilidade do que pode acontecer, e em face da ameaça de um perigo real ou imaginário (incutido), emerge o medo, que passa, então, a ter função inibidora, tolhendo a vontade de fumar. Surgem, com conotações irreparáveis, dúvidas e inquietações sobre as perspectivas do futuro do organismo corpóreo:

"Não fumei ainda por medo. Li um livro que a gente fica louco e impotente sexual"...

(119)

Estereótipos como estes (que a maconha leva à loucura e à impotência) e outros, são ostensivamente difundidos em nossa sociedade por aqueles que vêem no surgimento do medo uma fórmula de controle social. No entanto, ao fumar os seus baseados as pessoas percebem que as afirmações contidas naqueles estereótipos não se concretizam, surgindo desta situação sentimentos de dúvida, de descrédito e às vezes até de deboche.

"Elas achavam que a maconha deixa a gente num estado endemoniado e que a gente perde o controle da cabeça. Mentira".

(19)

"Li um livro que a gente fica louco e impotente sexual. Será verdade? O meu amigo fuma a três anos e nada aconteceu".

(119)

"Será que esse negócio vai fazer tão mal quanto dizem? Senti medo de me costumar aos poucos fui vendo que não fazia mal e que era tudo enganação o que os outros diziam".

(139)

"Confesso que de início nós nos sentíamos com muito medo de suas danosas conseqüências, mas depois..."

(239)

O medo que as pessoas transmitem, embora profundo, é um sentimento breve, transitório. Tanto é, que do esforço para vencê-lo surge a energia para afrontar os perigos; da vontade íntima para dominá-lo surge o destemor. Assim, medo e coragem co-existem e co-habitam-no-Ser. Concretizam esta situação existencial não sô na insistência que fazem para serem aceitos, como nos riscos que querem assumir ao fumar:

... "Tive que vencer o medo e a inibição para fumar e ser aceito em casa".

(69)

"A planta como ameaça a saúde este ponto não está sendo encarado com muito vigor, devido ao pensamento que tenho de assumir o risco enquanto compensar".

(209)

A coragem que co-habita com o medo também é expressa em profundas dúvidas existenciais que surgem concomitantes ao ato de fumar maconha:

"Quem manda na vida? a maconha? Quem manda na morte? o cigarro, a cannabis?"

(199)

Ao se colocarem perante a morte sentem, de forma intensa que estão diante do imponderável. Não há, pois, razões ou causas possíveis que a venham explicar ou decifrar:

"Dizem que a maconha mata! Mata nada pois até hoje ninguém me decifrou este mistério: quem manda na vida ou quem manda na morte?"

(199)

E na dualidade do medo e da coragem encontram no fumo um prazer, solução unificadora mais imediata, e porque não dizer, mais gostosa:

"A maconha existe. Viva a maconha viva o prazer".

(199)

O Prazer

Se o medo foi apresentado como um sentimento que deve ser superado é, também, devido ao fato que, como resultado de tal esforço, surge o prazer que as pessoas descrevem. O prazer passa a ser visto como um outro peso na balança, isto é, como elemento incentivador, porquanto ajuda as pessoas a reunir as forças necessárias, tanto para correr riscos como para viver na clandestinidade:

"Valeu a pena passar por cima do medo".

(19)

O prazer é traduzido como uma sensação que pode ser vivida sem sentimentos de culpa ou de ansiedade. Até mais — é contagiante. Torna-se, daí, necessário que outras pessoas saibam dele. É importante, pois, compartilhá-lo:

"Eu queria que todo o mundo soubesse do prazer que é o fumo da maconha".

(159)

"Devo congeçar a todos que a maconha me traz paz e prazer".

(179)

As expressões utilizadas nas narrações, realmente, dão conta que o prazer sentido ao utilizar a maconha é imenso, ligado à sensação de bem estar, de satisfação:

"... pois o prazer que dá é impressionante".

(59)

"Fumo pelo prazer enorme que sinto".

(89)

"Eu acho maravilhoso fumar, um putz prazer".

(99)

Assim, o prazer provocado no ato de fumar maconha torna-se de algum modo, existencial, envolto em sentimentos de felicidade, de paz, e de alívio. Na verdade o esteio da visão da maconha torna-se o prazer que dela emana. E mais. A opção pelo fumar torna-se, "ipso facto", uma opção não só pelo prazer mas também pela certeza que têm dele:

"Encontrei o prazer".

(79)

"Eu não sei porque fumo. Mas fumo. Deve ser porque é gostoso e eu me sinto feliz".

(109)

"... fumo e me sinto aliviada com a cannabis".
(199)

As pessoas descrevem que a vida corria normal e tranqüila na rotina da escola, do trabalho, da casa. Magicamente surge algo novo que vem quebrar, romper a repetição monótona das mesmas coisas realizadas habitualmente. Em uma sociedade baseada essencialmente no consumo, o novo, seja de que ordem, vem sempre envolto em algum quilate de prazer. No caso da maconha, o prazer de vivenciar o novo manifesta-se com profunda intensidade:

"A maconha me fez descobrir um mundo novo, gostoso todo cheio de sensações".
(19)

"A minha vida se resume em dois momentos antes e depois da maconha".
(29)

"Fumo porque gosto de viver os momentos de minha vida com grande intensidade com igual força. Momentos diferentes, saca".
(89)

"Eu acho que a vida fica diferente; aí é que está o prazer da coisa".
(139)

O prazer resvala amiúde para o compensatório. Em tom crítico, as pessoas percebem que o binômio urbano trabalho-lazer torna-se distante e conflitivo. Sentem no fumo uma fórmula de proporcionar ao corpo sensações inéditas e originais, não encontradas nem na aridez do trabalho, nem nas maneiras mais comuns e convencionais de lazer:

"É bom porque nos sente coisa inesplicável e isto da sensação que o nosso corpo é diferente que só trabalha. Experimenta o senhor trabalha na fábrica o dia todo e chega em casa e não te uma cerveja e um fumo ou cola".

(129)

Na observação que fazem da sua vida de trabalho, além de compensadora, passam a ter da maconha, verdade seja dita, uma visão admiravelmente funcional:

"Trabalha tanto quanto nos trabalha aqui na vila é fogo e o fumo ajuda nos a vivê".

(129)

O prazer sempre assume um significado profundo quando imerso no social e no ideológico a que serve. Assim, as pessoas que con-vivem-com-a-maconha encontram nela eco e respaldo na busca do prazer que se generaliza em nossa sociedade. Para alguns, esse movimento sendo histórico, vem, portanto, concretizar-se na proposta de uma geração:

"... Há a geração dos anos 80 com a maconha. Fumo e fumo bem e acho que é a proposta de minha geração.

... fumo porque é bom. Porque gosto.... Não sou um fissurado... Alivia. Faz bem para a mente".

(279)

Descrição dos Comportamentos Ocorridos
e Controle da Quantidade

As pessoas sentiram dificuldades em expressar as alterações ocorridas em seu organismo. Em uma explicação mais didática desta dificuldade, eu diria do apuro em que eu me sentiria se fosse descrever, por exemplo, as alterações havidas em meu organismo ao tomar um copo de água que me tirasse a sede.

Neste particular, observo que, talvez, tenha sido este o momento mais custoso de sua narração. Elas mesmas confessaram isto, pois, enunciar o que sentem ao fumar, descrever as sensações e as manifestações internas é, realmente, muito difícil:

*"É impossível explicar nesta página fria a
quentura que dá um baseado".*

(79)

"... Nos sente coisa inexplicável".

(129)

*"Isto pois não é possível descrever o que é
legal a maconha".*

(189)

Apesar dessas dificuldades, tentam narrar de forma simples o que ocorre ao fumar mostrando o que acontece com o seu corpo...

"... para mim me dá uma fome muito grande, vontade de beber água de chupar bala além de falar adoidada".

(19)

"... meu corpo fica largado".
(79)

"... faz bem para o corpo".
(279)

... e contam que passam a perceber as coisas, os objetos, os acontecimentos, de maneira diferente, envoltos sempre em fortes sensações que distinguem e realçam o que vêem. O corriqueiro é avivado, a realidade em curso é exaltada em traços e cores:

"... assistir futebol com a cabeça vazia é uma coisa, assistir futebol todo louco é outra coisa".
(39)

"... As coisas se tornam mais reais, mais legais, mais vivas um barato".
(189)

As pessoas descrevem as alterações (via sentidos) da percepção que passam a ter do concreto e as alterações na apreensão da realidade ou dos estímulos externos e internos.

O real parece excitar-lhes interiormente. Os sentidos, ora estimulados, aguçam a perspicácia, a sagacidade, a sutileza:

A vida — o exterior e o interior — corre em um novo diapasão, sugerindo força, gravidade, movimentação:

"A conversa sai mais solta e você se sente bem mais a vontade".
(69)

... "As coisas que vejo ficam diferentes ... lembro-me de músicas... Converso depois com os parceiros sobre tudo... tudo fica diferente... entendo as coisas melhor... mais inteligentemente".

(79)

"... e música é mais som, o amigo é mais amigade, o sol é mais forte, eu sou mais eu".

(80)

"O que a gente vê olha e sente é diferente e entra dentro da gente com mais força. Aumenta muito a sensibilidade".

(90)

Sob ação de forte energia, o corpo passa a ser ponto de confluência do prazer. A matriz da vida passa a ser impressa à base de movimento, de ânimo e de mudanças. Vida e Corpo se misturam, então, de forma alternada e sistemática. O que acontece naquela atinge obrigatoriamente a este; as mudanças ocorridas neste são assimiladas por aquela:

"Você sente a vida diferente, mais próxima, mais atuante mais perto de você, quase dentro".

(89)

"A conversa sai mais gostosa a gente sente a coisa diferente. A vida fica diferente".

(139)

Evidentemente chega o cansaço. E, aqui, os narradores se demoram em explicar que se preocupam com a fadiga

que, no dizer deles, tal estado de excitação provoca. Vêm se diante da árdua tarefa de suplantar ao que denominam de "morgação":

Sob tal inspiração, iniciam um processo de controle da quantidade:

"Tenho fumado pouco e dá prá controlã".

(59)

"Sei quando parar sei quando devo dar um 'time'. Sempre dou um 'time'. É importante você ter controle sobre a droga".

(89)

Contam de sua vivência dizendo que, de início, talvez influenciados pelo prazer e pela admiração que sentiam perante o novo, fumavam bem mais do que agora:

"Houve um tempo em que fumava direto. Fazia prova, trabalhava, jogava futebol, fazia sexo, tudo piradão. Depois as coisas se colocaram no lugar e com sua ajuda eu pude perceber que eu a devia controlar e não ela a mim. Eu controlo ela, hoje. Fumo quando quero e se quero".

(139)

"Jã fumei bastante e já fui viciadíssima. Ia direto o dia e a semana inteira".

(189)

Parece que o estado de vida a que estas pessoas denominam de "falta de pique" se evidencia de forma acentuada. Ao descrevê-lo, os narradores chegam ao ponto de expressar por si mesmos sentimentos de pena:

"Eu fiquei muito loucão indo direto com três a sete baseados por dia o que me trouxe muita pena de mim próprio".

(179)

Esta situação é descrita como um estado de esgotamento físico, de prostração sistemática perante a vida, de abatimento geral. Sinto que transmitem preocupação:

"De princípio eu fumava bastante e sentia preguiça para tudo. Foi horrível pois vivia to pado ouvindo e curtindo o som. Perdi o pique".

(169)

"Pois nem queria fazer mais nada e perdi a vontade de fazer mais nada".

(179)

"Ela me traz certa apatia certa tranquilidade demais e tenho percebido que isto não é bom".

(219)

"... sō deixa gente meio sem vontade para nada e meio baixo astral".

(269)

Mas depois de vivenciar este estado de fadiga, contam que conseguem controlar o uso da maconha. Transmitem, agora, felicidade e despreocupação. Certamente sentimentos de quem conseguiu se sair vitorioso:

"Mas depois resolvi para e fiquei 3 anos sem fumar e hoje voltei e fumo sō socialmente. Recuperei o meu pique pelo esporte e pelo estudo isto me deixou feliz".

(169)

"Voltei sô que agora bem menos quantidade. O que não me dicha com mais pena de mim".

(179)

Embora não querendo passar a idêia de que vitória signifique obrigatoriedade de parar de fumar, expressam a preocupação em controlar o uso da maconha. Um dilema, pois, a que confiro o grau de conflito existencial.

"Hoje o meu grande dilema é como aumentar meu pique de vida e não parar de fumar, acho pois que a maconha leva o indivíduo a não ter pique de vida. Ela é boa e isto é ruim".

(219)

"Pouco fumo equivale a mais excitação e menos morgação... Muito fumo equivale a menos excitação e mais morgação".

(239)

Vejo também o medo voltar a rodear as pessoas estabelecendo-se como um sentimento que influencia na decisão do controle da quantidade. O medo da morte os faz pensar na vida:

"Sou fanático pela Elis e não quero encontrá-la tão já... Elis serviu de alerta para mim naquela época de drogas pesadas".

(89)

E agora, dominando as situações conflitantes, querem mostrar que é possível ter um controle sobre a maconha. Ao se sentirem mais confiantes, alçam vôo mais alto, que se concretiza nos conselhos que dão em tom de autonomia e lealdade:

"Aconselhu os jovens a não fumã mais quandu num resisti podi dã umas pitadas porque faiz bem sô um pouquínhu".

(149)

"A cannabis deve ser ingerida com cuidado e com lucidez".

(239)

"Tenho visto muita gente que não sabe fumar e vai direto. Acho uma loucura".

(279)

A Descrição do Ritual e a Companhia ao Fumar

Alguns discursos revelaram uma acentuada preocupação na busca de companhia para fumar maconha. Fumar junto com outras pessoas torna-se uma questão de princípio:

"Meu pai me dizia que bebida é companhia e eu me atrevo a dizer que a maconha é companhia".

(19)

O grupo de amigos passa a ter um significado profundo quando fumam. As pessoas, vivendo objetivos comuns, que condicionam e emolduram a coesão, sentem-se envolvidas por vínculos que as une íntima e afetivamente. Surge daí um prolongado sentimento de afeição que cativa, seduz, atrai:

... "passar para os amigos, ver o que se passa neles, pois esse ritual faz a gente ser mais amigo... mais próximo do colega".

(79)

"Sempre a gente se reunimos para ouvir uma música loucos e música é mais som, o amigo é mais amizade".

(89)

Ora convergindo para o grupo por iniciativa própria, ora sentindo-se atraídas por ele, as pessoas encontram aí suficiente respaldo para a sua ação, que passa a se tornar uma ação comum, igual, tanto é que expressam preferência por fumar em grupo:

"Eu nunca fumo sozinho".

(139)

"Adoro fumar com amigos que sacam o que é o fumo".

(279)

Envolvidos, quase enternecidos, por essa união contagiante, emerge um sentimento de posse...

"Eu tenho os meus amigos e a gente..."

(59)

"Me encontro com os meus amigos".

(139)

... que sem dúvida passa a ser determinante de um ambiente exclusivista. Assim, ambicionando proteção, querendo sentir-se apoiados, excitados e contagiados pelo sucesso do novo empreendimento, fecham-se em grupos:

"Sō ando com gente que fuma e que quer fumar".

(279)

"Sō gosto de ir em festas ou reuniões onde se fuma".

(109)

"Hoje eu sō me reuno com quem fuma".

(19)

Porēm, hā os que percebem tal situação e reclamam num tom aguerrido e raivoso:

"Perdí meu namorado porque fumava e eu não pude continuar a namorā-lo. Ele se afastou de mim porque sō preferia os amigos e amigas que fumavam sempre o mesmo grupo".

(39)

Toda essa separação grupal ē acirrada por um princīpio maniqueīsta jā denunciado neste trabalho. Tal princīpio ē também responsāvel pela divisāo, quase sectāria, que se forma em torno das pessoas ou grupos que se utilizam da maconha:

"Perdí muitos amigos porque descobriram que fumei. Parece que era leprosa e as mães de todas as amigas não se conformavam e diziam: 'afasta-se delas pois ē mau elementos'".

(19)

"Encontrei pessoas que mudaram de calçada para não falar comigo..."

(29)

"Hoje eu sō me reuno com quem fuma e tenho pena de quem não fuma pois alēm de saber o que estāo perdendo ficam isolados e insatisfeito".

(19)

O viver-em-grupos, com esta intensidade descrita, faz as pessoas transformarem o ato de fumar em um programa social. O fazer um programa assume um significado muito especial de reunir, agregar, agrupar e compartilhar. Aqui, programa significa uma ação comum realizada sob o efeito do prazer ou a procura da satisfação imediata.

A pessoa e o grupo passam a se identificar de tal forma que já não se imaginam um sem o outro:

"Fumar para mim é um programa. Me encontro com meus amigos e a gente se encontra. Há pessoas que se encontram para beber para jantar para ir ao cinema. Eu me encontro para fumar a gente curte muito esse programa".

(13º)

"Fumo só socialmente".

(16º)

... "Tanto é que passou a ser meu programa favorito com meus amigos".

(20º)

Além de social e recreativo, tal programa assume o caráter de aventura. O grupo exerce fascínio, o viver-em-grupos, encantamento. A procura do imprevisto e os riscos corridos juntos emolduram a ação-comum vivida intensamente e envolta em uma onda de imaginação e criatividade:

"Eu tenho meus amigos e a gente se tranca no carro fecha os vidros e a fumaça fica circulando aí dá mais força na cabeça".

(5º)

"... o esconder a marijuana numa caixa de coisas velhas no sótão da casa... Já pensando em convidar uns amigos"...

(7º)

O viver-em-grupo faz com que as pessoas falem a mesma linguagem. Foram usados constantemente termos que revelam a existência de uma Identidade grupal. Além disto, observo que, em dois discursos, os narradores repetiram quase as mesmas expressões, que sem dúvida os caracteriza em seus grupos:

"Lá vai o louco, o cabeludo, o doidão".
(29)

"Será mesmo que sou um cabeludo, um doidão, um maconheiro?"
(59)

Novamente volto a encontrar o sentimento de medo envolvendo as pessoas. Porém, observo que aqui o grupo ajuda a vencê-lo e a dissipá-lo:

... "Quando percebi que era gostoso o medo foi de me pegarem, quando percebi a maioria fumava e me perguntei quem vai pegar quem e o medo acabou".
(19)

Realmente a atmosfera grupal é tão contagiante que chega a exercer pressão. É bom fumar com os amigos e fazer disto um momento vivido em profundidade. Assim como se convida um amigo para tomar um café, algumas pessoas finalizam seus discursos lançando ao ar uma suave pergunta que, a bem da verdade, mais parece um convite para que eu possa participar um pouco de sua vida. Para ser, embora breve, um a mais no seu grupo:

"Porque você também não experimenta um baseado?"
(69)

"Porque você não fuma, aí você vai poder compreender mais profundo".

(89)

"... aí é que está o prazer da coisa.
E você?"

CAPÍTULO V
SÍNTESE CONCLUSIVA

1. Traduz-se este trabalho de pesquisa em contribuição necessária, ainda que pequena, na busca e aperfeiçoamento, que se fazem urgentes em nossa sociedade, de uma Metodologia de pesquisa do fenômeno **maconha**.
2. Tal colaboração evidencia a importância da Fenomenologia que, como ciência do rigor, foi a via pela qual o fenômeno con-vivência-com-a-maconha se des-velou para mim.
3. Os autores analisados, influenciados pelos ditames das ciências naturais, insistem em considerar a con-vivência-com-a-maconha como fato tangível e mensurável.
4. Em busca de causas, hipóteses e classificações tentam, então, estabelecer o perfil das pessoas que, a partir de tal con-vivência, foram sumariamente taxadas de "maconheiras", "viciadas", "alienadas" ou outros que tais.
5. A análise fenomenológica dos discursos apresentados mostra pessoas que vivem um momento existencial.
6. Os discursos expressam variedade e dessemelhança de pensamentos, sentimentos e comportamentos. As pessoas, diferentes em sua essência, con-vivem - distintamente-com-a-maconha. Apresso-me, então, em afirmar que não há perfil da pessoa humana. O Ser de qualquer uma delas é próprio dela mesmo.

7. O ver fenomenológico de tais discursos revela a existência de um ser-aí-com-a-maconha. Inseridos em um cotidiano permeado de pressões, ansiando pelo prazer, sofrendo um estado-de-medo, as pessoas espelham que a maconha é uma (nova) proposição do mundo-em-que-vivem.
8. Não se pode ler impunemente estes discursos. Eles traduzem a amplitude do mundo, onde co-habitam valores, propostas e atitudes tão díspares quanto incomuns. A "compreensão" destas pessoas deve estar, pois, apoiada na singularidade do Ser.
9. Sem a pretensão de discutir o conceito alienação, mas utilizando-o no sentido mais comum e popular, nada há de alienação nos relatos que estas pessoas fizeram. Pelo contrário. É patente que estão inseridas de maneira profunda no mundo-em-que-vivem. Ora sentindo tristeza, ora expressando alegria, e quase sempre estampando o medo, admiram o fenômeno **novo** com que con-vivem. O **novo** que está-aí-para-ser-vivido é marcado tanto pelo desassossego da escolha humana quanto pela dilaceração de dúvidas.
10. Como fenômeno novo, a con-vivência-com-a-maconha é uma pequenina amostra de uma também nova existência - humana que, aqui e agora, se descortina com força e rapidez incríveis. A maconha, como um dos sinais de mudança porque passa a civilização, assume o caráter de ruptura com as estruturas sociais vigentes. Há que se aprender a con-viver com ela. O preço a ser pago por tal noviciado está claramente expresso nos discursos apresentados.
11. Em processo, o Ser-não-é. Está-sendo. Portanto, os discursos revelam pessoas-no-seu-sendo. Assim, o con-

viver-com-a-maconha, embora (e infelizmente) clandestino, transforma-se, sem dúvida, em evidente movimento histórico. As pessoas que con-vivem, talvez sem o perceber em largueza e profundidade, não sō estão fazendo a sua-história, como também a história-do-mundo-em-que-vivem.

12. Sendo um fenômeno de massas, a maconha surge atrelada ao político-econômico. Como um produto é, portanto, modelado pelas mesmas leis de natureza político-econômicas que imperam sobre a produção e o consumo. A fortiori, o seu con-vívio segue as regras e normas daquelas leis.
13. Pôde o leitor perceber que neste trabalho não houve aquela introdução formal e explícita, tão comum em pesquisas desta natureza.

É que, diante de um fenômeno polêmico e complexo, considero este trabalho, no seu todo, como uma Introdução.

Faz-se urgente continuar a estudá-lo.

As pessoas o merecem.

B i b l i o g r a f i a

A ameaça dos tóxicos. "Para não apanhar mais, admitiria qualquer coisa". *Folha de São Paulo* - domingo, 22 de agosto de 1982, pág. 22, 2º caderno.

A escalada do pō. *Revista Veja* - 26 de dezembro de 1979, pág. 67.

Anais do Simpósio Internacional sobre farmacodependência. 29 de setembro de 1977.

As drogas e seus efeitos. Folhetim explicativo. 1ª Encontro estadual de prevenção ao uso de entorpecentes. Campo Grande - MS, 1984.

BALDUS, Herbert. *Tapirapē, tribo tupã no Brasil Central*. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1970.

BARRETO, Mena. *Ciência e Saúde. Curso básico sobre substâncias tóxicas*. Rio de Janeiro, Editora Renes.

BERGERET, Jean. *Toxicomania e Personalidade*. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1983.

BONTEMPO, Márcio. *Estudos atuais sobre os efeitos da Cannabis Sativa*. São Paulo, Editora Global, 1981.

BIAZUZ, Amabile Genlile. *A Família e os entorpecentes*. Programa Educativo de prevenção ao uso indevido de entorpecentes, Campo Grande, Secretaria Estadual de Educação - MS, 1984.

CARLINI, Elisaldo. *Maconha: Uma visão realista*. *Psicologia e Comportamento*. Setembro/Outubro, 1984.

CHARBONNEAU, Paul et alii. *Pais, Filhos e Tóxicos*.
1o, Editora Almed, 1983.

CHARBONNEAU, Paul Eugêne. *Juventude, Droga e Família*. In:
Drogas e Drogados. São Paulo, EPU, 1982.

Colômbia faz apreensão recorde de cocaína. *Folha de São Paulo*, quinta-feira, 15 de março de 1984 - pág. 17.

Colômbia mobiliza Forças Armadas contra traficantes. *Folha de São Paulo*, quinta-feira, 3 de maio de 1984, pág. 15.

Comunidade Terapêutica Maxwell. V.T. - Realização Globotec.
Direção Paulo Roberto. Atibaia. São Paulo.

Consumo de cocaína cresce como nunca no mundo todo. *Folha de São Paulo*, sexta-feira, 20 de janeiro de 1984, pág. 16.

CHAGNON, Napolion. *Yanomamo, The fierce people*. U.S.A.,
Holt, Rinehart and Winston, 1968.

CRUZ, Amadeu Roselli. "*Intoxicações - Farmacodependência*"
drogas em geral. Programa educativo de prevenção ao
uso indevido de entorpecentes. Campo Grande. Secretaria
Estadual de Educação - MS, 1984.

CRUZ, Amadeu Roselli. *Indústria do Tóxico e Indústria do Anti-Tóxico. Um caso especial de Sinergismo*. Programa educativo de prevenção ao uso indevido de entorpecentes. Campo Grande. Secretaria Estadual de Educação. MS, 1984.

DAFONSECA, Alexandre Guerreiro. *Tóxicos: o que são, como evitá-los, o que causam*. Aparecida, São Paulo, Editora Santuário, 1985.

DA SILVA, Jorge Medeiros. *Tóxicos: o que os pais devem saber*. São Paulo, Ed. Paulinas, 1979.

DARTIGUES, André. *O que é fenomenologia?* São Paulo, Eldorado, 1973.

DELMANTO, Celso. *Tóxicos*. São Paulo, Edição Saraiva, 1982.

DIAS, Carlos Amaral. *O que se mexe a parar: Estudos sobre a droga*. São Paulo, Edições Afrontamento, 1979.

DASEINSANALYSE. *Caderno apostilado*. nº 3.

Drogas: A resposta aos pais ausentes e à moral rígida. *Psicologia Atual*. Ano VII nº 39. Jul/Ago. 1984.

DE ROPP, Robert S. *As drogas e a mente*. 2a. ed., São Paulo, Ibrasa, 1976.

Em navios a maconha chega à Europa. *Folha de São Paulo* - domingo, 8 de abril de 1984, pág. 22 - 2º caderno.

JAFFE, Jerome. *Tóxicos e outros vícios, problemas e soluções*. São Paulo, Editora Harper & Row do Brasil, 1981.

FERRARINI, Edson. *O que devem saber Pais, Professores e Jovens - Tóxico e Alcoolismo*. 3a. edição. Edição do autor.

Feridas abertas. *Revista Veja*. 10 de maio de 1984, pág.38.

FORGHIERI, Yolanda Cintrão, et alii. *Fenomenologia e Psicologia*. São Paulo. Cortez-Associados, 1984.

GRAEFF, Frederico. *Drogas Psicotrópicas e seu modo de ação*. São Paulo. EPU - EDUSP - CN Pg., 1984.

- GIRAUD, Pierre-Marie. "Aspirina dos Ricos". *Folha de São Paulo*, 20 de janeiro de 1984.
- LOMBARDI, Renato. "O tráfico livre se espalha". *O Estado de São Paulo*, 24 de janeiro de 1984.
- GADOTTI, Moacir. *A Educação contra a Educação*. São Paulo, Paz e Terra, 1984. 3a. edição.
- GASPARINI, Helena Demétrio. *Manual básico aos Educadores*. Programa educativo de Prevenção ao uso indevido de entorpecentes. Campo Grande. Secretaria Estadual de Educação - MS., 1984.
- GRUNSPUN, Haim. *Drogas, natureza e efeito*. In: *Drogas e Drogados*. São Paulo. Alimed, 1983. ↓
- HARNER, Michael J. *Hallucinogens and Shamanism*. USA, Oxford University Press, 1976.
- HEIDEGGER, Martin. *Todos nós... ninguém*. Tradução e comentários Dulce Mara Cristelli. São Paulo, Moraes, 1981.
- HEIDEGGER, Martin. *Que é isto? — a filosofia? Identidade e diferença*. São Paulo, Livraria Duas Cidades, 1971.
- HEIDEGGER, Martin. *Sobre o humanismo*. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1967.
- HIGH TIMES. *Published monthly by Trans-High Corporation*. July 1985, nº 119, U.S.A.
- KNOBEL, Mauricio. *Juventude, características e perigos face às drogas*. In: *Pais, filhos e tóxicos*. São Paulo, Alned, 1983.
- KNOBEL, Mauricio. *Aspectos psicológicos e psiquiátricos ligados ao uso de drogas pelos adolescentes*. Secretaria Municipal de Educação. Programa de prevenção ao uso indevido de drogas entre escolares da rede municipal de ensino. São Paulo, 1982. Ex. mimeografado.

- LOURIA, Donald B. *Vitória sobre as drogas: um programa de ação*. Rio de Janeiro, Agir, 1972.
- MAY, Rollo, et alii. *Psicologia Existencial*. São Paulo. Ed. Globo, 1980.
- MARILENA, Flores Chaves. *Ciência e Saúde. Curso básico sobre substâncias tóxicas*. Rio de Janeiro. Editora Renes.
- MARTINS, Joel. *Estudos sobre Existencialismo, fenomenologia e educação*. São Paulo, Editora Moraes, 1983.
- MERLEAU-Ponty, Maurice. *Ciências do homem e fenomenologia*. São Paulo, Saraiva, 1973.
- MERLEAU-Ponty, Maurice. *Fenomenologia da Percepção*. São Paulo, Freitas Bastos, 1971.
- MURAD, José Elias. *O que você deve saber sobre os psicotrônicos. A Viagem sem Bilhete de Volta*. Rio de Janeiro, Editora Guanabara Koogan, 1982.
- MURAD, José Elias. *O Problema dos Tóxicos na Universidade*. In: *Drogas e Drogados*. São Paulo, EPU, 1982.
- MEYNARD, Léon. *Le suicide*. Paris, Presses Universitaires de France, 1966.
- OLIVIERI, Durval Pessoa. *O "Ser Doente"*. São Paulo. Editora Moraes, 1985.

OLIVEIRA, Alberto Nepomuceno. *Droga perigo nacional. Para uma educação anti-tóxico.* Fortaleza, UECE, 1982.

OLIEVENSTEIN, Claude. *A droga-drogas e toxicômanos.* São Paulo, Editora Brasiliense, 1980.

OLIEVENSTEIN, Claude. *A vida do toxicômano.* Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1983.

O tráfico é livre e se espalha. *O Estado de São Paulo*, terça-feira, 24 de janeiro de 1984, pág. 14.

O Mosaico das drogas. *O Correio da Unesco.* Janeiro 1973.

OSHAWA, George; AIHARA, Herman; PULVER, Fred. *O Fumo, a marijuana e as drogas.* São Paulo, Ed. Sol Nascente.

PÉLICIER, Yves, THUILLIER, Guy. *A droga.* Edições Itaú, 1969.

PENTEADO, Nestor Sampaio. *Tóxico - Um alerta para jovens, pais e mestres.* São Paulo, EBRAC, 1982.

PORTELA, Fernando. *Drogados da vida.* São Paulo, Traço Editora, 1983.

PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO. *Capacitação de recursos humanos através de treinamento em serviço.* Programa de prevenção ao uso indevido de drogas entre escolares da Rede Municipal de ensino. São Paulo, 1982.

REICHEL - Dolmatoff, G. *The Shaman and the Jaguar.* A Study of narcotic drugs among the Indians of Colombia. Philadelphia, Temple University Press, 1975.

- RICOEUR, Paul. *Interpretação e ideologias*. São Paulo . Ed. Francisco Alves, 1983.
- SABINA, Maria - org. *Maconha em Debate*. São Paulo, Editora Brasiliense, 1985.
- SAMUEL. *Droga de vida. Percurso de um jovem português no mundo das drogas*. Editorial caminho. Lisboa, 1984.
- SANCHEZ, Amauri. *Drogas e Drogados - O indivíduo, a família, a sociedade*. São Paulo, EPU, 1982.
- SANTAR'ANGELO, Maria Candida Vergueiro. *A Realidade dos Tóxicos*. São Paulo, Lance 1973.
- SMITH, Kline e French Laboratories. *Drug Abuse: Escape to Nowhere. A Guide for Educators*, Washington, D.C., 1969 - 1970.
- SOUZA, Percival de. *Society Cocaína*. São Paulo, Traço Editora, 1981.
- SCHUTZ, Willian. *Todos somos uno. La cultura de nos encuentros*. Buenos Aires, Amorrontu Editores., 1971.
- TRANCREDI, Francisco Bernardino. *As Toxicomanias do ponto de vista da Medicina e da Saúde Pública*. In: *Drogas e Drogados*. São Paulo, EPU, 1982.
- TELLES, Celso. *Aspectos jurídico-policiais da Toxicomania*. In: *Drogas e Drogados*. São Paulo, EPU, 1982.
- TÓXICOS, tentativa de fuga ou de ajustamento. *Folhetim*, São Paulo, domingo, 3 de agosto de 1980, nº 185.

TREIGER, J. *As drogas são más?* 3a. edição, 1968.

WEINTRAUB, Mauro. *Sonhos e Sombras - A realidade da maconha.* São Paulo, Editora Harper e How do Brasil, 1983.

WELLS, Brian. *Psychedelic drugs. Psychological, medicinal, and Social Issues.* England, Penguin Education, 1973.